

Revista da Semana

Ano XLIV -- N.º 45 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 6 de Novembro de 1943



De Dorothy Day

para o Brasil

mirage

...Parece uma visão celestial vinda do país longínquo da Fantasia para a vida real...

Crie para si esta atmosfera sugestiva com "MIRAGE".

**UM SONHO DE PERFUME
QUE REALIZA SEUS SONHOS**



**UM PERFUME
ATKINSONS**



MATERNIDADE E EXCELÊNCIA DA TERRA

Por **BERILO NEVES**

A terra é a mãe universal dos seres e das coisas. A flor e a pedra, o sábio e o monstro, a fera e a ave, a boca da serpe e a pétala da rosa, tudo acha, no seio acolhedor da terra, água para a sua sede, quietação para as suas angústias e — o que é mais — esperança para a sua alma... Mas a terra, reservatório de tudo, lar e berço de todos, tem uma exigência universal e constante: quer que a revolvam para que seja fecunda, e que a dilacerem para que seja feliz...

Mãe divina, quanto mais lhe cortam a face em sulcos profundos, mais dadivosa se mostra! Das chagas e feridas que lhe fazem, brotam corolas de flôr, loiros trigaes em festa, toda uma floresta de ramos, toda uma chilreada de pássaros! Côres, perfumes, harmonias e tons infinitos rebentam por entre a carne lacerada de seus flancos e, até no fundo escuro dos mares, seres microscópicos e audazes fabricam continentes na sequência monótona dos séculos!

O conflito em que ora se empenham os homens, a matança universal em que se duelam as nações e desafiam os exércitos, não apenas destruiu as colheitas e lançou fogo às reservas alimentares dos povos: também tornou a terra infecunda como a figueira brava do Evangelho. As bombas de aviação, as granadas da artilharia, os inumeráveis projeteis da moderna química belígera ferem a face do solo, modificam-lhe a estrutura milenar, desfiguram-lhe a fisionomia tradicional e histórica. Nápoles, Rotterdam, Varsóvia, Bristol, Birmingham são ruínas a que escapou o nome — por ser imaterial como a Lenda, e eterno como a Tradição. Arrasam-se as colinas, alteiam-se os vales, muda-se o curso natural dos rios. Destrói-se, a golpes de dinamite, o abraço fraternal das pontes, rompem-se as represas — e as caudais, como as multidões, erram pelas planícies, espavoridas de si mesmas, á procura de um repouso que não acham nunca e de uma paz que nunca haverão de gozar...

A terra é uma vítima da catástrofe — exatamente como a Civilização e a Fraternidade... Dos escombros dos templos, fica de pé, às vezes — como um signo poderoso da Providência — a imagem de Cristo, símbolo do sofrimento humano e das injustiças dos homens...

Eis a origem da infecundidade dos campos de batalha — cemitérios de árvores, maldição das sementes, terror dos pássaros canoros, em cujas bordas, como uma flor delicada, apenas viceja a rosa rubra da gloria militar...

O primeiro trabalho desta geração é, pois, pensar as feridas do solo, fechar as chagas da crosta terrestre... Ela — a mãe de tudo, o berço de todos — está ferida no âmag

da sua carne, no íntimo dos seus tecidos biológicos... Ouve-se a sua respiração ofegante pela boca de fogo dos vulcões, e o gemer das suas entranhas, pela crise periódica dos terremotos... Os furacões são o seu hálito enfêrmo, que corre, pelos bulcões do espaço, como a vaporização monstruosa de um Eolo universal e primitivo...

Urge voltar ao campo — escola natural de bondade, sabedoria e energia, onde os bois têm mais inspiração do que Vergílio, e as árvores — mais poesia do que Teócrito... Urge voltar ao campo, não para cavar trincheiras, mas para semear hortas, plantar florestas, lançar, às mancheias, os germes prodigiosos da Vida...

O Mundo tem fome — a terra está pronta para o nutrir, robustecer e salvar... Ela, como todas as mães verdadeiras, não guarda rancor aos que a feriram, nem ódio aos que a mutilaram.

Suas feridas abrem-se em floradas primaverís, das crateras das bombas brotam as hastes esguias dos trigaes, e os mesmos túmulos sombrios respiram, pela boca verde das ervas rasteiras, o hausto inesgotável da Fecundidade...

A deusa Ceres volta a entronizar-se entre as suas irmãs do formoso Lácio. As mulheres — irmãs da terra pelo dom perene da fecundidade — regam o solo com o suor do seu rosto — e cada gota dêsse orvalho divino é uma forma que brota, um fruto que viceja, uma flor que abre o sorriso inocente das suas pétalas...

A Humanidade, desenganada de si mesma, volta-se para a terra, representação viva da Natureza, filha diletta de Deus e da Eternidade.

A horta, o jardim, o roçado, a granja, a fazenda, tudo é sagrado porque tudo é fecundo e sem malícia... O próprio espinho, aparentemente hostil, é apenas um guarda vigilante a garantir o sono virginal das rosas, a face macia das pétalas e das folhas.

A esperança em um mundo melhor começa nas sementes novas com que vamos exornar e aformosear a terra... Todo vegetal que nasce é uma lição nova de serenidade e de beleza, posta sob os olhos angustiados dos homens... A Floresta e o Mar são os dois reservatórios universais da Vida: em ambos pululam as formas primitivas, latejam os germes da fecundidade, fecha-se o círculo misterioso dos beijos sagrados das espécies redivivas...

A capacidade de renovação da terra é um indício de que Deus não abandona as suas criaturas e que o seu hálito como a emanção de uma rosa gigantesca e indisível — continua a perpassar sobre as ruínas das cidades, os cadáveres dos homens, o silêncio dos cemitérios e os destroços dos séculos e das civilizações...

Intimidade...

Ida Lupino focalizada pela cronista da "Revista da Semana"

Um dia, algum biógrafo de nomeada escreverá sobre Ida Lupino da mesma forma que se escreveu sobre a Duse ou a Sarah Bernhardt. Da mesma forma, dizemos mal, porque o estilo deverá ser tão simples e profundo como o que caracteriza essa admirável e dramática "Comedia Humana" de William Saroyan. E então, para sintetizar a personalidade desta mulher feia e genial, o biógrafo dirá certamente que ela foi, antes de tudo, uma "cerebral toda coração". Neste paradoxo reside o grande segredo da sua Arte, pois ao mesmo tempo que possui o estranho poder de uma interiorização absoluta, essa de que nos fala Platão e que nos leva do limite dos instintos à percepção da divindade, também, pelo milagre do coração, palmilha os mais ínfimos caminhos da miséria e as fontes mais sutis das dores humanas. Eis porque exterioriza todos os tipos e todas as classes sociais na sua arte, eminentemente universalista.

Ida Lupino é simples. Simples como o talento. E essa simplicidade é revelada no seu modo de vestir, de andar, de agir. Detesta a *sophistication*, ama a vida ao ar livre e, muito mais que isso, um bom livro e a música. Aliás, Wagner acentuou — e muito bem — que "a obra a mais completa do poeta deveria ser aquela que, no seu perfeito acabamento, se transformasse em música." A estrela da Warner Bros. parece que pensa

(Continua na pag. 6)

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7886

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



A nossa capa

A capa deste número da REVISTA DA SEMANA está um pouco diferente da série que vimos estampando; porque é sempre mistér fazer o pensamento repousar por véses em algo mais suave, melos áspero do que as visões da guerra, embora esta não possa deixar de constituir a preocupação diuturna de homens e mulheres.

Mas, vês por outra, afastemos a nossa mente da hecatombe, assim como quem descansa, por um instante, para recobrar energias; fixemos, por um momento, ao menos, o olhar em alguma coisa ingenuamente bela, em alguma coisa alegre que o torvelinho vai relegando, esquecido, no remanso.

A capa que recobre esta edição da

REVISTA, destinada de preferência a seu imenso público feminino, é por assim dizer o frontispício da mensagem que Dorothy Day — a encaradora e jovial Dorothy Day da Warner — manda ao mundo feminino do Brasil.

A modos que ouvimo-la afirmando às sul-americanas que lá, como aqui, ha dezenas de mães chorando, centenas de rostos suando sangue, miríades de mãos feminis lalhadas pelos cabos dos arados, calejadas pela barras de direção dos automotores, machucadas ro lidar com os martelos elétricos; mas ha também, ao lado de tudo isso, um mundo borbulhante de esperanças, o que importa em dizer que ha vida — e gosto de viver.

E a sequencia de modelos que vão no texto cir-se-ia um presente às brasileiras — e uma mensagem, repetimos.



Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

GALLY

OS PÓS DE ARROZ QUE
DESAFIAM CONFRONTO!

Pós de Arroz

GALLY

Realçam a beleza!



TARÇINGO

RÊVE ROSE



ORYGAM



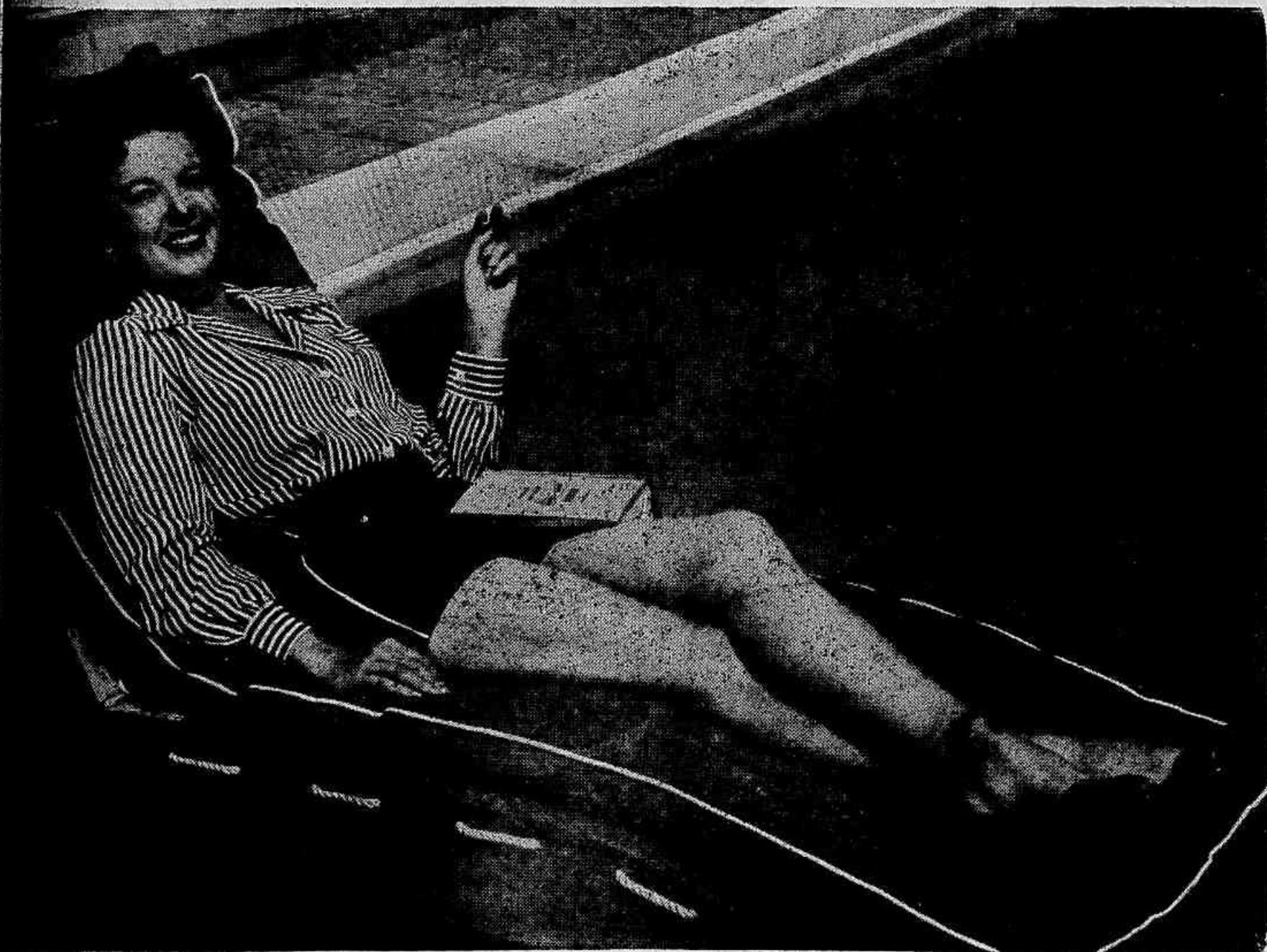
NARCISO AZUL

A VENDA EM TODO O BRASIL



assim: talvez porisso analise com tanto afincio uma fuga de Johan Sebastian Bach. depois de se ter deliciado com o suave *Mireille* de Mistral.

E assim entre os labores do *studio* e a tranquilidade do lar (que nos parece edificado em Canaan) Ida Lupino constroe o seu mundo, mixto de Trabalho — essencia da vida — no conceito de Rodin e de Beleza — supremo objetivo da Arte — na opinião de Jung.





A literatura ao alcance dos cegos

Um cego do Instituto Benjamin Constant pondo o "talking book" em funcionamento para ouvir, satisfeito, páginas de literatura de escritores nossos.

Constitue um problema de importância o da educação dos cegos e o seu consequente aproveitamento em atividades não só úteis ao meio social em que vivem, mas também suficientes à garantia da subsistência daquele que se viu limitado a um estranho mundo de sombras e desespero.

Ainda muito recentemente assistimos à comovida homenagem que os cegos do Rio de Janeiro prestaram ao Chefe do Governo, pelas medidas que mandou se realizassem visando o seu aproveitamento em diferentes setores de trabalho, onde eles seriam tão eficientes como os seus irmãos privilegiados. Não são casos esporádicos, nem podem ser apontados como exceções, de cegos que se teem afirmado como elementos de grande valia, na sociedade em que vivem, perfeitamente integrados no organismo social, apesar do infortúnio que os marcou. Mas, embora bastante diminuído, ainda é contristadoramente frequente vermos pelas ruas da cidade, caminhando ao azar dos encontros, cegos que estendem a mão à caridade. Não existe para eles esperança de melhor sorte. Analfabetos na sua maioria, sem conhecerem uma profissão que independa da vista, e com a qual alargassem um pouco as fronteiras que os cercam. No sentido da educação e reeducação dos cegos muito tem feito o Instituto Benjamin Constant. Lá encontram eles o trabalho que tor-

O QUE É O "TALKING BOOK"

De MOACIR SIMARDI

na menos vazias as horas de sua noite interminável. Mas é preciso prosseguir. É preciso que se atenda cada vez mais ao problema e que se busque a solução onde quer que ela se encontre. É mistério que os cegos também se beneficiem da cultura e das conquistas do homem, concorrendo para o engrandecimento da civilização. Revelar-lhes as mais belas páginas da literatura nacional e estrangeira, abrindo-lhes um mundo inteiramente novo, criando-lhes um retrato sensível do mundo externo em que se situassem perfeitamente, deve ser preocupação de quantos respondem pela solução do problema.

Nos Estados Unidos a larga difusão do "talking books" representa uma vitória nesse sentido. O livro sonoro é produzido por "The American Foundation of the Blind", havendo em circulação mais de 213.000 discos. A Biblioteca do Congresso é

o centro distribuidor do livro sonoro, que, enviado a todas as bibliotecas públicas, são por estas postos em circulação. E, assim, em sua residência o cego tem, por espaço de tempo razoável, os livros mais instrutivos. O livro sonoro pode também ser adquirido por preço mínimo e à altura das posses daqueles que tanto o necessitam.

No Brasil o "talking book" era praticamente desconhecido.

Foi a Sra. Lydia de Queiroz Sambaquy, quando nos Estados Unidos fazendo um curso na Biblioteca do Congresso, a que fizera jus por um trabalho escrito para o "Hand book of Latin American Studies", quem, impressionada pelos resultados obtidos com o livro sonoro, procurou obter uma "talking book" para o Brasil.

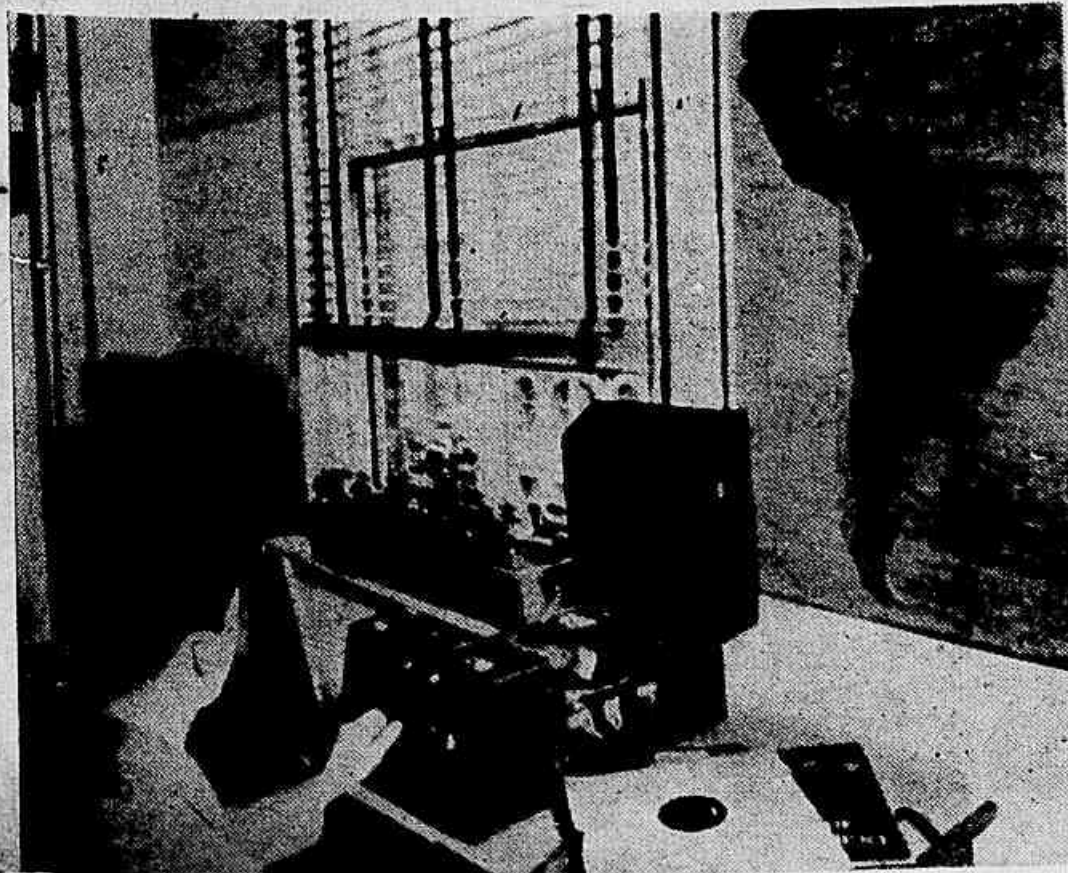
Em palestra com o Sr. Lewis Hanke, diretor da Hispanic Foundation of the Library of Congress, teve oportu-

nidade de manifestar o seu entusiasmo pelo livro sonoro, não escondendo o que representaria para os cegos do Brasil a sua difusão. E, assim, após entendimentos, o Sr. Rockefeller ofereceu, por intermédio do governo americano, uma "talking book machine" para o Instituto Benjamin Constant.

Com essa "talking book" o Instituto recebeu 21 discos, contribuindo Mrs. Lewis Hanke e Robert Smith, que conhecem a nossa literatura, na seleção das obras que foram gravadas por dois brasileiros julgados aptos no teste de voz. D. Lydia de Queiroz Sambaquy também tomou parte na gravação dos discos, tendo Mr. Robert Smith escolhido, para ela, o livro de José Lins do Rego "O macaco mágico". Entre as obras gravadas, citou-nos D. Lydia Sambaquy as seguintes: "Iracema", de José de Alencar, leitura feita pelo Sr. Paulo Lopes Correia; "O Navio Negro", de Castro Alves; um conto de Machado de Assis; "O Sertão e o Sertanejo", de um livro de Taunay, e outras obras de autores brasileiros.

Podem agora os cegos que se encontram no "Benjamin Constant" através de um aparelho simples, semelhante a uma vitrola comum, com um dispositivo para graduar a intensidade do volume, adaptável a fones individuais, conhecer as melhores páginas dos nomes mais representativos da literatura nacional.

Flagrante apanhado quando a Sra. Lydia Queiroz Sambaquy falava ao repórter a respeito do "talking book" e suas utilidades. A' esquerda o Sr. Paulo Lopes Corrêa, que gravou "Iracema".



RUFA AO LONGE UM TAMBOR, poema dramático de Stella Leonardos da Silva Lima. — Rio de Janeiro, 1943.

A autora aclamada de *Marabá* e de *Palmares* consagra esta terceira obra da série "Teatro em alexandrinos" a Olavo Bilac. Como fizera nos trabalhos precedentes com Gonçalves Dias e Castro Alves, toma agora o poeta da *Via Lactea*, das *Sarças de Iago*, da *Tarde*, para o louvar e tanto quando possível o retratar através destes quatro atos que, tanto quanto possível também, lhe acompanham a vida e a obra. Por estar mais próximo dos espectadores de hoje, Bilac lhes aparecerá — se a peça, como tudo para tal fim a indica e recomenda, for levada à cena — como um personagem, mais que conhecido, familiar e, mais que admirado, querido. Recordar-se-ão as suas feições, as suas maneiras, os seus *tics*, a sua fidalguia e a sua bondade, os traços constantes do seu gênio e as anedotas em que a sua alegria se multiplicava. E muita gente, confrontando com as próprias recordações os versos de Stella Silva Lima, poderá atestar se o protagonista da peça está ou não parecido.

Bilac passa, nestes episódios, acompanhado ora por um ora por diversos dos seus melhores amigos. Assim o vemos ao lado de Alberto de Oliveira e seus irmãos, de Raimundo Correia, Coelho Netto, Lúcio de Mendonça, Vicente de Carvalho, Raul Pompeia,

Livros

Paula Ney, Gregório da Fonseca. Quando alguma desilusão o aflige ou o ameaça o desanimo, seus irmãos de armas e de poesia o cercam e qual mais se empenha em o reerguer ou consolar. E a última cena, que se tornará de veras impressionadora se dignamente interpretada, traz ao poeta o prêmio de todos os seus esforços e a compensação de todas as suas ansiedades de patriota e paladino. Vem-se aproximando, na rua, um batalhão de reservistas; Bilac tenta dirigir-se à janela; já as forças lh'o, não permitem; mas, ouvindo o hino que os moços entoam, a sua alma se rejubila à idéia duma nova nação, armada e forte:

Deus quiz que eu ensinasse aos jovens estudantes
o ABC do Brasil, animando escoteiros,
fazendo dos civis soldados brasileiros
para manter a paz!

(PENSATIVO)

Si não chego à janela...
eu posso ver, contudo, uma parada bela,
vitoriosa a marchar!...

(INFLAMANDO-SE)

Desfila, mocidade!...
O meu grão germinou!... Enfeita-te cidade!...
Vem vindo o batalhão

(AGITANDO-SE, FELIZ)

E o batalhão desfila,
cantando à luz do Sol que n'amplidão cintila!

(SORRINDO)

São moços do Brasil que marcham!...
'Ra-ta-plan!...

(LENTAMENTE)

plan, plan!... Um, dois, um, dois!...
Que gloriosa manhã!...
Dê flores aos heróis e aplausos aos guerreiros!...
Eis que a Bandeira passa!... Erguei-a, brasileiros!...
E' o símbolo da Paz!... O pendão da Esperança!...
Ajoelha-te, mulher!... Bate palmas, criança!...
Descobre-te, ó ancião!... Comove-te velhinha!...
E' a bandeira da Pátria... a vossa... a nossa... a minha!...

(O HINO VAI DIMINUINDO PROGRESSIVAMENTE)

Bandeira do Brasil!... Posso morrer, enfim!...

(COM ESFORÇO)

Rufa ao longe... um tambor!...

(A CUSTO, LENTAMENTE)

Sôa perto... um... clarim!

MEUS IRMÃOS, estudos e crônica de Fernando Levisky — São Paulo, 1943.

Em nota liminar nos previne o sr. Fernando Levisky de terem sido os trabalhos que compõem este volume escritos numa redacção, improvisadamente, e concluídos, às vezes, poucos minutos antes de se encerrar a entrega dos originais da noite. Não deixa de oferecer certo interesse tal aviso; mas, como justificação ou recomendação do livro, era bem escusado. Em verdade, por si mesmo, o livro se apresenta e se faz apreciar. Lenta ou pressurosamente trabalhado, pouco importa para quem o leia ou a seu respeito tenha que dar opinião. O sr. Levisky desenvolve por estas duzentas e cinquenta páginas um sistema de defesa e, sempre que possível, de apologia da sua raça. Nada mais simpático quanto ao propósito ou objectivo pessoal da obra. Mas outra questão se reveste, para nós, de maior importância: é a maneira como o homem de letras, assumindo ora a missão de divulgador ora a qualidade de polemista, trata as questões ou os assuntos que com tal campanha se relacionem. E essa maneira é sempre, além de espontânea, elevada.

Experimente
A
**CERA
DUCO**
INCOLOR

Um preparado fino para
Conservação e Polimento
de:

MOVEIS EM GERAL
ARTEFATOS DE COURO
ESCADAS - ASSOALHOS
PORTAS E JANELAS
AUTOMOVEIS
REFRIGERADORES
RÁDIOS



A VENDA NAS BOAS CASAS



ÚNICOS FABRICANTES DOS FAMOSOS
DUCO DULUX PYRALUX



MARCA REGISTRADA

DISTRIBUIDORES:

RIO DE JANEIRO
S. PAULO
B. HORIZONTE

MESBLA

NITERÓI
PTO. ALEGRE
PELOTAS

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

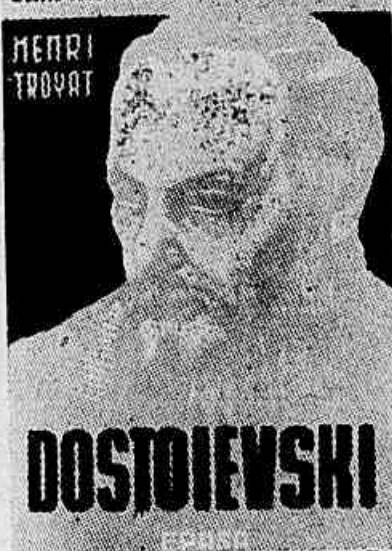
Novos

Constituem a primeira parte do volume — *Homens* — cerca de vinte louvores, alguns dos quais de feição histórica, mais meditada e de mais alta intenção crítica, outros mais do tipo necrológico, como se pratica às mezas de redação. Assim o autor, sob a inspiração dum acontecimento, uma leitura ou uma cerimonia comemorativa, nos fala de Evaristo de Moraes, Heine, Bizet, juiz Brandès, Emil Ludwig, Mendelssohn, Papa Leão XIII, Antonio José, Candido Mota, outros vultos especialmente caros ao seu espírito e ao seu sentimento. As outras partes intitulam-se — Os judeus no mundo, Confraternização — Que sucede no mundo? — O Antissemitismo — Que é o judeu? — A moral do Sinai — Fatos históricos — Solenidades — Fabulário.

DOSTOIEVSKI, biografia por Henri Troyat, tradução de Rosário Fusco — Rio de Janeiro, 1943.

Henri Troyat entregou-se de corpo e alma ao empreendimento de compor uma biografia de Dostoiévski tanto quanto possível exata e explicada. Exata, entenda-se, não no sentido estrito da organização de documentos colhidos em arquivos ou cartórios. Troyat, escritor de nervo e de sentimento, não se sujeitaria a esse ofício subalterno. Criou episódios conforme lhe pareceu que, na realidade, assim as coisas se deveriam ou poderiam ter passado. Distribuiu pelos personagens as frases que entendeu serem as mais adequadas ou mais espontaneas. Manteve o direito de deduzir e interpretar. E assim é que, a seu modo, com as suas idéias e as suas emoções, nos explica a individualidade daquele que, nas letras, principiou com o êxito triunfal do romance *Pobre homem* e terminou ainda vitoriosamente ou mais vitoriosamente que nunca com o *Diário dum escritor*.

SÉRIE REDESCOBERMENTO DO HOMEM



O biógrafo parte de longe na ascendência de Fédor Mikhailovitch Dostoiévski. Põe em jogo as condições hereditárias bem como as circunstâncias de educação e de meio, e ainda as seduções, exigências e lutas da vida que poderiam ter influido na natureza do seu caráter e por conseguinte na essência da sua obra. Possuido embora e bem profundamente da geral admiração por aquele que escreveu a *Casa dos mortos* e *Crime e castigo*, nem por isso Henri Troyat deixa de examinar com espírito justiceiro as suas fraquezas, os seus erros, as suas ruínas paixões. Apresenta-o perante o tribunal, no cárcere e sob outras fórmulas de condenação. Não se limita, porém, a isso; e, como não refreia nem de qualquer modo condiciona os impulsos de louvor, com a mesma independência e franqueza expande os ímpetos de censura.

É um livro entre cujas virtudes avulta a evidência do juízo sincero.

O CONDE DE MONTE CRISTO, romance de Alexandre Dumas — São Paulo, 1943.

A mocidade brasileira de hoje não conhecerá muito bem Edmond Dantès; mas a geração leitora que precedeu esta ou agora se encontra em plena velhice teve-o como herói enfático, já antiquado e um tanto risível, em todo caso dos mais familiares; e, para o publico de certos teatros do Rio e dos teatros de provincia em geral, Dantès assumia a feição de super-homem, de semi-deus... pelo menos.

O ator Dias Braga e seus discípulos ou imitadores levaram pelo Brasil inteiro a figura, variavel dum para outro intérprete, está visto, mas sempre extraordinariamente aventureira e impressionadora, do guapo marinheiro de Marselha que, denunciado como conspirador no próprio dia do seu casamento por um rival infame, e vítima doutras torpezas interesseiras, se escapa da fortaleza dentro do sacco em que devia ser atirado ao mar o cadaver doutro preso; corre os mares num navio corsário; desembarca na ilha de Monte Christo onde encontra o tesouro mais opulento, mais *Mil e uma noites* que se possa imaginar; e anos depois, tendo-se tornado o mais perfeito *gentleman*, vai residir em Paris, para se vingar dos seus inimigos e perseguidores. Nos episódios da longa preparação dessa desforra, empregou Dantès vários disfarces, adotando outros tantos pseudônimos: civis, militares, religiosos. Disso se vale para o insultar, num grande baile, um dos adversários, o mais poderoso. E nunca deixaram de tremer as paredes do teatro em que Dias Braga lançasse a réplica formidável: "Dos cem nomes que possuo basta um só para te fulminar! Sou Edmond Dantès!"

A presente edição do romance, talvez a quinquagesima, a centésima na nossa linha, ocupa dois grossos volumes.



J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Almanaque Eu Sei Tudo para 1944

Edição primorosamente ilustrada
com gravuras em duas e três cores.

Circulará em todo o paiz em principios de Dezembro proximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendario e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras materias inclusive conselhos praticos, notas uteis, etc.

Assuntos historicos, religiosos, novidades scientificas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas paginas do precioso livro.

Os agricultores, os militares, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancarios, os turistas, os amadores de radio; toda a gente enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilissima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "LIVRO DOS MIL ASSUNTOS", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 paginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço unico de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio á COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15, — Rio.

MOBILIÁRIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", em seus grandes mostruários anexos às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para residências e escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. FIXODENT é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmemente na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio, 20-2

Numeros atrasados desta

Revista em Sergipe

PROCURAR A LIVRARIA REGINA

Coleção de "ariânos"!



É assim que se distingue a raça privilegiada - pela pureza...

COLAPSO

De L.A.G. SIRONG

Ilustração de Cooper

(Traduzido do inglês especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

I

Havia planejado tudo exatamente. Muriel ia para a cidade no trem de 1,52 e estava certo de que ele a acompanharia. Estariam separados, cada um para seu lado, até às quatro e meia, quando devia encontrá-la para tomar chá no Chadwicks; e voltariam para casa no trem de 6,5.

Disse a Muriel que seguisse na frente para a estação, pois podia ficar preso até mais tarde no escritório. Era parte necessária do plano que não deveria chegar à plataforma senão um minuto ou dois antes do trem largar. Comprara a passagem antecipadamente, no escritório da cidade onde o conheciam muito bem e onde anotavam num livro o número de cada passagem.

O trem estava parado quando ele alcançou a ladeira que levava à estação, e a grande locomotiva, brilhando ao sol, soltava imponentes nuvens de vapor e uma vez por outra um rouco e vigoroso ronco. Maurício desabou o chapéu para a testa, comprou um bilhete de plataforma e passou ligeiro pelo portão.

Como esperava, Muriel estava num dos primeiros carros. Sorriu para ele na maneira inexpressiva que usava de público. "Conservei um lugar para você, disse, com um toque de ênfase em cada sílaba, dando a entender que tal ato havia causado algum ressentimento aos outros ocupantes do carro. Ela não se alteraria; mas talvez ficasse bem-satisfeita porque ele se apresentara, para provar que havia conservado o lugar legitimamente.

— Graças. — Ele remexeu nos bolsos do sobretudo que estava aberto. Depois olhou para ela, com o seu bem fingido aborrecimento. — Oh, Senhor, não tenho nada para ler. Preciso arranjar uma revista. Tenho tempo de ir comprar.

— Maurício... você está certo? O trem está saindo.

— Não tem importância. Eu subo mais atrás.

E correu pela plataforma, sem esperar novo argumento. "Sala de Espera Geral"... Estava bem. Enfiou-se por ela, metendo o queixo no sobretudo, e um minuto depois teve a satisfação de ver o trem desfilar diante das janelas amarelas. Quasi na mesma hora, a pequena multidão local invadiu o recinto em algazarra e foi fácil juntar-se a ela e entregar o bilhete no portão de entrada; o recebedor estava muito ocupado para ter tempo de olhar outra coisa que não fossem as mãos entregando os bilhetes.

Muito bem. Tinha uma hora livre. Voltaria por uma linha de ônibus diferente, que o deixaria a meia milha de casa e entraria no apartamento pela entrada dos fundos. Era possível que encontrasse algum conhecido, mas era muito improvável; e, afinal de contas, a gente deve arriscar-se. Tinha tempo de sobra para fazer um rodeio pelas ruazinhas menos frequentadas.

Como era aquele trecho de *Paciência*? — "Você não pode amar duas mulheres ao mesmo tempo" ou qualquer coisa assim, a que o louco respondia "Que não possa!" A

cara de Maurício crispou-se. Tivera ultimamente amplas oportunidades de considerar esse conceito, em todos os seus aspectos. Pode-se amar duas mulheres ao mesmo tempo mas ninguém pode viver como se cada uma fosse a única e dar conta dum dia inteiro de trabalho. Desde a doença de Merrick tinha tido mais serviço no escritório do que podia dar conta. Mal lhe chegava tempo para Muriel e muito menos para Vera. Oh, que inferno, que inferno! Tudo isso lhe rodava na cabeça, como os teares de Catarina — grandes círculos dolorosos de fogo. Fazia esforços extremos para não ficar parado na rua e largar a chorar em pura exacerbação nervosa por semelhante carga. Firme, vamos! Ele precisa conservar as idéias frescas para o que tem de fazer.

O problema ia ser resolvido diretamente — o nó gordio, cortado. Deu uma risadinha abafada, enfiando o queixo na gola do sobretudo. Era isso mesmo. Tinha de fazer **qualquer coisa**. Continuar como vinha era simplesmente extenuar-se. E ele sabia o que significava um esgotamento nervoso. Um colapso mental e físico. Tinha tido já o que era capaz de suportar. Na conta justa do que podia suportar.

Ninguém o conhecia nessa linha de ônibus. E' estranho como as vias de comunicação seguem canais limitados. Uma cidadezinha, a cinquenta milhas de Londres, e no entanto, pelo simples fato de entrar num ônibus que viaja quasi paralelo ao seu, havia mergulhado quasi imediatamente num curso inteiramente desconhecido — gente que nunca vira e que nunca o vira.

Faltavam vinte minutos para as três quando subiu a escada trazeira do apartamento. Tinha posto os sapatos de crepe sola. Ninguém o ouviu, ninguém o viu. A porta abriu sem rumor e ele se esgueirou para dentro. Dirigiu-se à pequena sala de estar e acendeu o fogo, afastou o sofá da parede e puxou a cortina que dava para uma casa vizinha. Depois entrou no quarto de dormir e voltou com um **edredon** e um cobertor que jogou numa extremidade do sofá; de volta novamente ao dormitório, puxou a gaveta de cima da cômoda, remexeu no fundo e tirou uma caixa comprida e estreita. Havia alguma coisa dentro, enrolada em papel de seda. Verificou se estava mesmo lá e colocou a caixa em cima da cama. Finalmente, tirou o caderninho de notas do bolso e olhou dentro de outro bolso no qual havia duas ou três tiras de papel. Satisfeito, deitou-se na cama, ao lado da caixa.

Agora só tinha que esperar.

II

Passavam justamente sete minutos de três, quando seu ouvido aguçado percebeu um passo leve, seguido pelo raspar da caixa das cartas. Instantaneamente se achou na porta e a alta e graciosa figura surgiu, silhuetada e sorridente, diante dele. Era uma visão que tivera muitas vezes nos últimos seis meses. As mesmas ações e sensações eram exatamente repetidas: seu doce "Alô, Maurício querido", o fechar da porta, a escuridão, o fresco perfume que vinha dela, quando a encurralava contra a parede e a tomava nos

braços. Então, com a mão trêmula, abriu a porta da sala de estar e ela passou na frente, relanceando um olhar por tudo, tirando as luvas de pele, fazendo qualquer observação trivial, ainda sorrindo.

Que era que a tornava tão diabolicamente atraente? Não era bonita, com o nariz arrebitado e a boca forte e grande. As mãos e os pés eram também grandes demais. No entanto, tinha uma certa frescura indefinível, uma elasticidade, uma vivacidade no passo, um modo de erguer a cabeça ao andar, alguma coisa provocadora e todavia amável que fazia a gente chamá-la "Verinha" — embora ela tivesse uma estatura bem além da normal. Era um exterior que exprimia singularmente bem sua personalidade viva e despreocupada.

Seu casamento não fôra feliz, como estava bem longe de ter sido o dele com Muriel. Ela admitia isso. Entretanto, não ligava muita importância, nunca se queixava, parecia filosoficamente aceitá-lo como lhe coubera. "Oh, eu pensava que isso fazia parte das obrigações duma esposa", dizia e sorria, como ele a censurasse por não ter resistido a qualquer recente atrocidade do marido.

Agora ele a estava vendo tirar a **écharpe**. Sempre ela se colocava diante do fogo, para fazer isso, e a colocava com as luvas, num canto da prateleira de mármore. Depois ele lhe tomava a mão e a levava para o sofá, sentando-se ao seu lado.

"Bem, Verinha".

— Então?

— Como vai?

— Muito bem. E você? — tudo prelúdio ao primeiro beijo nos lábios frescos e sempre perfumados a alíazema.

Bem... desde que não podia aguentar as duas, tinha de ser Vera ou Muriel. Vera era uma criatura exótica, uma tentadora; Muriel era mesmo sua, sua companheira, até que a morte os separasse. A morte?

Santo Deus, anda-se bem perto do inferno, aqui na terra. Mesmo as horas agradáveis eram pagas com crises de nervos extenuados e por uma depressão total. As notas, os apontamentos furtivos, a necessidade de saber aonde ia Muriel... ele não fôra feito para aguentar uma situação complicada. O que parecia animar certos homens apenas servia para abatê-lo. O sentimento da traição... absurdo, ilógico, oh, ele bem que o conhecia. Há muito tempo que refletia sobre estas coisas e no entanto de certo modo achava difícil olhar nos olhos de Muriel.

O caso não era realmente sério, no sentido que teria, se Vera e Muriel fossem rivais. Não se tratava de saber com qual das duas ele escolheria viver. Nisso, no sentido fundamental, ele era perfeitamente leal. Mas, dizendo essas coisas para si, ferozmente, vezes sem conta, sentia-se culpado e ultimamente angustiado. Isso se tornara insuportável — e hoje tinha de acabar. Mesmo com o fresco toque familiar dos lábios de Vera contra os seus estava resolvido.

Gentilmente afastou-a de si. "Um instante — murmurou e fez um pequeno gesto em direção ao quarto vizinho. Ela o reteve com o olhar, erguendo os olhos para ele, estranhamente séria.

— Não demore, disse.

Ele tentou falar, enguliu as palavras com raiva e respondeu "Não demoro", mais alto do que pretendia; depois saiu e fechou a porta.

Uma vez no quarto, tirou o casaco e o colete, levantou as mangas da camisa acima dos cotovelos e tirou de trás do guarda-roupas um desbotado roupão amarelo, todo manchado e gorduroso. Tinha-o usado para proteger a roupa, enquanto fazia **maquillage** numa **troupe** de amadores teatrais, e a frente do roupão era uma mistura só de tintas. Ninguém teria probabilidades de achá-lo, jogado no fundo da velha mala de onde o havia tirado essa manhã.

Parou um momento em frente do grande espelho, olhando-se. Uma cara séria e pálida olhava para ele. Os olhos castanhos não confessavam coisa alguma de seus propósitos. Tinham a mesma expressão de sempre. Voltando-se com um suspiro apanhou a caixa e o caderninho de notas. Era tempo de agir dum ímpeto. Não sabia quando teria outra oportunidade.

Voltou para a sala de estar, fechando a porta de manso. Vera estava sentada no chão, em frente ao fogo, estendendo as mãos para ele. O reflexo vermelho e vivo caía docemente sobre seus braços e ombros nus. Não levantou os olhos quando ele voltou.

Andando muito de leve, ele chegou atrás dela. Com desmoralizadora subitaneidade o coração começou a bater-lhe freneticamente, como grita um pássaro sobre o qual saltou um gato. Dominando-se, pôs o caderno de notas em cima do sofá e abriu a caixa.

Vera voltou um pouco a cabeça, ao rumor do papel de seda amarrado; depois, curvou-se para diante e descansou a cabeça sobre os joelhos, com uma pequena exclamação de prazer. Estava esperando que os braços dele a rodeassem e a puxassem para ele.

Muito rapidamente ele pôs a caixa ao lado do caderno de notas. Na mão direita mantinha uma longa faca indiana com a lâmina e o cabo cravejado e a mão esquerda a moveu para se juntar com a outra sobre o comprido punho. Deu um passo à frente.

— Mau... rício. Foi um lento, indolente murmúrio. Ela ia levantar-se e olhar em torno. A oportunidade estaria perdida.

Fixando o olhar num ponto justamente para dentro da omoplata esquerda, agarrou a faca com ambas as mãos, ergueu-a e caiu literalmente sobre a moça com todo o seu peso. O golpe deu em cheio; o corpo, naquela posição recurvada, resistiu ao impacto e Maurício trambulhou para um lado. Levantando-se numa rapidez de relâmpago, pôs-se de pé. A lâmina afundara até quasi ao cabo.

Por um momento ela permaneceu dobrada para diante, a cabeça sobre os joelhos. Depois a cabeça virou para trás; ela procurou endireitar-se, firmando-se — como uma galinha que ele tinha visto, esmagada por um carro e tentando desesperadamente levantar-se — e de repente caiu de lado. Esperneou, esfregando um pé contra a lareira ardente, sem que parecesse senti-lo; as mãos estenderam-se, agarraram o sofá e ela começou a se levantar. A cabeça estava caída para trás, a testa era uma rede de rugas, os olhos arregalados, fixos na parede, parecendo quasi alheios a ele; e pela boca aberta fazia um esquisito som de gargarejo — ô-ô-ô-ô...

Como ele ficasse olhando, ela empinou o busto, inclinando-se para trás sobre a faca — para trás, sempre para trás — os lábios repuxados sobre as gengivas; tossiu e desabou, revirando-se com o rosto voltado para ele, sobre o tapete. As sobrancelhas ergueram-se uma ou duas vezes, como se estivesse surpreendida. Depois o rosto se tornou sonolento e apaziguado, como o de uma criança. Soltou um leve e doce suspiro e ficou quieta.

Decorreu um minuto inteiro, antes dele ter coragem de se mover. As mãos estavam-lhe tremendo incontroladamente, em reação ao esforço. Mantendo-as estendidas para a frente, firmou-as por fim, por um esforço da vontade. Então, aproximando-se da janela o mais que pudessem ousar, examinou a frente do roupão. Nem uma gota de sangue! Um longo filete no antebraço direito, era tudo. Em primeiro lugar, livrar-se disso.

Seguiu rapidamente para o banheiro e em poucos segundos essa marca de evidência desaparecera. Agora precisava mexer-se. Hesitando com a mão na porta, teve a idéia de que, quando fosse entrar, ia achá-la sentada defronte do fogo, como anteriormente. Isso seria desconcertante. Uma amante com sete fôlegos, hein? Foi quasi um alívio achá-la estirada como a havia deixado. Uma mancha negra espalhava-se lentamente no tapete.

Atravessou em direção ao sofá, abriu o caderno de notas e retirou três tirinhas de papel fino. Se o apanhassem, se tivesse de ser responsabilizado, daria ao povo alguma coisa para falar. Este assassínio não era um lugar comum. Cada uma das tirinhas tinha datilografada uma frase esquisita e sem sentido. "Assim passa o Tempo, embranquecendo as velhas igrejas da cidade", rezava uma. Isso daria que pensar. Outra era um texto da Epístola aos romanos, sobre Sodoma e Gomorra. Iam pensar que ele estava louco, mas haveriam de prestar atenção aos papéizinhos. Títulos no cabeçalho dos jornais... Podia ser que até se safasse, por ser louco. As tiras eram datilografadas — não na sua própria máquina — absolutamente. Havia batido as letras sob pretexto de experimentar uma máquina à venda num negociante da cidade, enquanto o, empregado lhe arranjava um tipo particular de envelope que ele sabia só haver no andar superior. O papel podia ser identificado, porém escrevera fora da marca água; mas, se fosse? Centenas de pessoas o usavam.

Enrolando as tiras, curvou-se sobre o cadáver, meteu uma em cada narina e a terceira na boca, entre os dentes e o lábio inferior. Só isso. Agora, escapulir.

III

Dez minutos depois estava correndo para o ônibus que o havia trazido. Por sorte,

(Continúa na página 40)

T. TARQUINO

**FRAQUEZA CEREBRAL,
DISPEPSIA NERVOSA,
NEURASTENIA,
FALTA DE MEMORIA
PERDA DE APETITE.**



Neurobiol
O TONICO DO CEREBRO
A VENDA EM TODO O BRASIL



AS PRISIONEIRAS QUE NÃO PODIAM DORMIR NO PORÃO, ABAFADO E ÚMIDO, PERMANECIAM NO CORREDOR ATÉ TARDE DA NOITE.



FAZIAM A LAVAGEM DOS PRATOS EM TURNOS.

As provações de uma inglesa em um campo de concentração

do B. N. S. para a REVISTA DA SEMANA

Miss Kathleen Lambert acaba de ser repatriada, chegando a Londres depois de 3 1/2 anos de prisão na Alemanha nazista. O campo de concentração de Liebenau continha uma coleção heterogênea de prisioneiros, 640 mulheres e crianças inglesas e americanas.

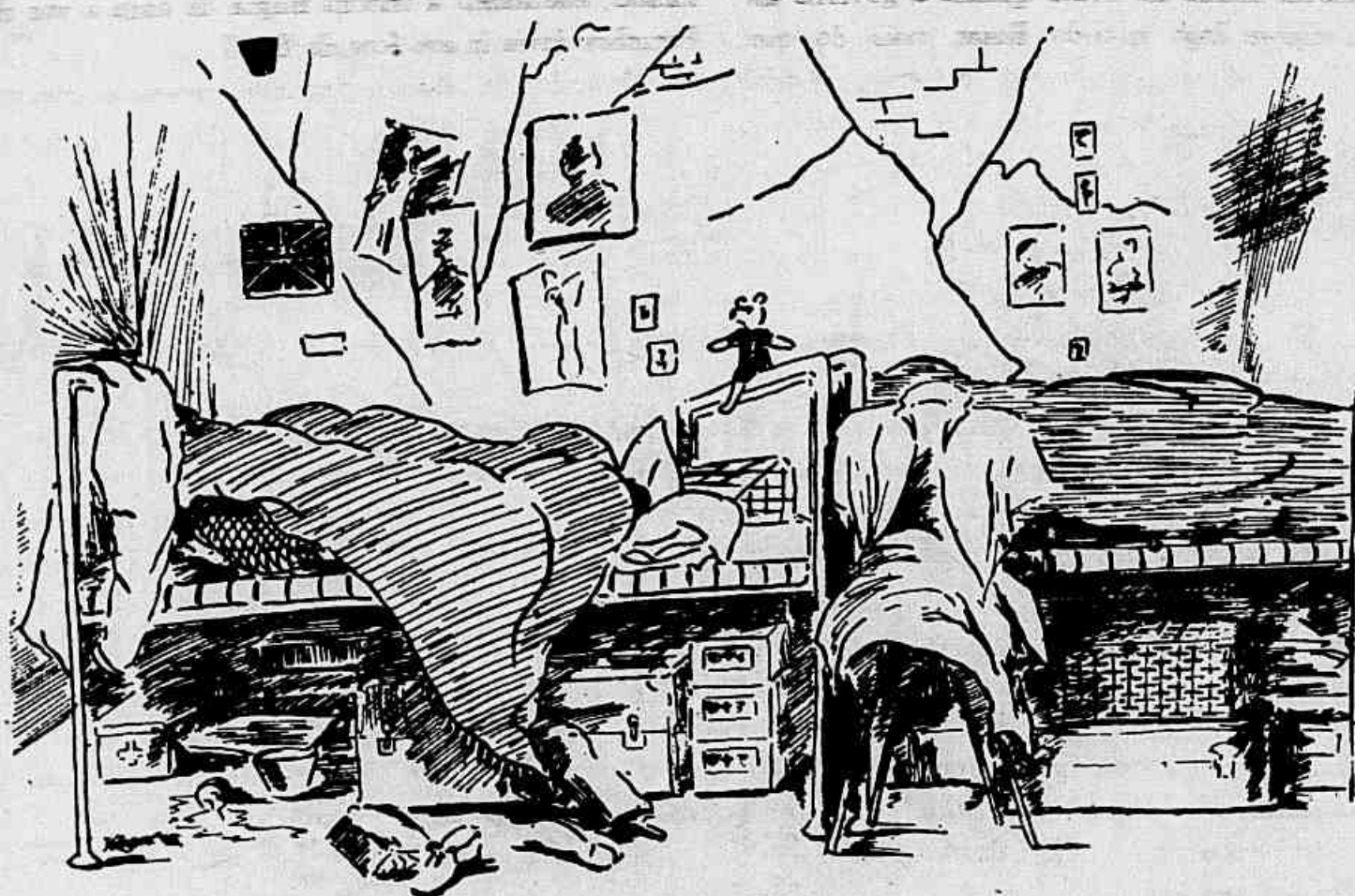
As cativas eram servidas 3 refeições por dia, que consistiam na sua maioria de caldo de legumes, e faziam por turnos a lavagem dos pratos que eram de flandres, os copos de alumínio, e as facas e garfos de metal ordinário. No porão podiam cozinhar os alimentos que recebiam da Cruz Vermelha. As malas serviam de mesa. Certa vez, 80 mulheres foram transferidas para o porão como medida de "prevenção". As camas mal cabiam nesse espaço acanhado, mas as infelizes permaneceram aí durante 8 meses. O local era úmido e infestado de ratos e baratas. Apagavam as luzes às 9,30 e as que não podiam dormir naquele ambiente abafado ficavam no corredor, tricotando até tarde da noite.



O PORÃO ONDE 80 MULHERES FORAM INTERNADAS DURANTE 8 MESES POR MEDIDA DE "PREVENÇÃO".



COZINHAVAM OS ALIMENTOS ENVIADOS PELA CRUZ VERMELHA NUM CANTO DA SALA.



A CAMA DAS PRISIONEIRAS SERVIA DE "SALA DE JANTAR", "DESPENSA", "BIBLIOTECA" E DE MAIS "DEPENDÊNCIAS" PORQUE ERA O ÚNICO ESPAÇO QUE LHEZ CABIA.

A nossa antiga historia politica registra a importancia de certo numero de horas em relação a homens, sucessos publicos e orações parlamentares.

Na passagem critica e vozeirada da regencia Araujo Lima para a Maioridade, Bernardo de Vasconcelos foi ministro nove horas, antes, em 1831, o ministerio dos Marquêses tendo vida de quarenta e oito horas.

Em 1862 os ministros do gabinete Zacarias de 24 de Maio deixavam pastas a 30 de Maio. Foram secretarios de Estado uma semana ou cento e sessenta e oito horas. Um daqueles ministros, o conde de Porto Alegre, ministro da Guerra, nunca mais tornaria a governo de regime constitucional representativo, a recrutar ministros no parlamento, na Camara temporaria e dissolvível e no Senado vitalicio e pois irremovível.

Do Senado saham não raro alguns de seus membros para desempenho de missões diplomaticas especiais. Aos senadores do Imperio a Constituição exigia quarenta anos por minimo de idade arrefecida. Em geral os senadores tinham sido ministros uma vez ou repetidas vezes, e isto lhes conferia presunção de conhecimentos e pratica de interesses nacionais.

Um dos senadores mais requisitados pela diplomacia especial foi Rio Branco, ainda quando só Silva Paranhos, ainda quando ele deputado, começando a envolver-se em negocios do Prata com um mestre de energia; Honório, o futuro Paraná de tantas lições em sobrançeria politica ou internacional.

Em Novembro de 1864, já senador e por Mato Grosso, Paranhos era nomeado, com plenos poderes, para missão especial na Argentina, a tratar questões relacionadas com a guerra então de fogo no Uruguai.

A 20 de Fevereiro — data fatidica, a da batalha de Ituzaingo — na vila da União, nome significativo no caso, assinava-se um convenio de paz por protocolo. Firmavam-o Paranhos, Venancio Flores e Herrera y Obes, os dous ultimos representando os beligerantes uruguaios, blancos e colorados em eternas divergencias de toda ordem e repercutindo no Brasil.

O convenio de Fevereiro providenciava sobretudo quando se fazia mistér um desagravo de bandeira nossa ofendida em Montevideo e desagravada depois por Flores apenas entrava triunfante na capital uruguia.

O ajuste de Vila da União ficou sem a aprovação do governo imperial exercido pelo ministerio Furtado, do qual então segundo ministro dos Estrangeiros o senador maranhense Dias Vieira.

Paranhos foi demitido, mas o motivo da exoneração ultrapassou paginas impressas do relatório da respectiva secretaria de Estado. Paranhos daria mais prelos á questão publicando defesa sob este titulo *A Convenção de 20 de Fevereiro, demonstrada á luz dos debates do Senado e dos sucessos de Uruguayana*.

Os aludidos debates o tinham sido de verdade, dada a magnitude de um caso irritante pela discordancia natural das opiniões, pela posição social e politica dos participes na discussão.

Entendeu Paranhos que a defesa de seus atos não podia sofrer dilação. Não lhe sahio á frente proceder de Sinimbu quando de atos desaprovados pelo governo imperial, ele em missão no Prata quando o governo da Argentina, diga-se logo quando Rosas, mais do que pejorativamente censurava Sinimbu em nota dirigida ao ministro residente brasileiro em Buenos-Aires, Ponte Ribeiro, o nosso Fronteiro-Mór, na feliz expressão de Castilhos Goycochea.

Ponte Ribeiro teve de erguer luva mesmo de inferior qualidade como a de Rosas. Revidou com altivez, filha da dignidade, desconhecendo o Brasil o bloqueio pelo ditador posto a Montevideo.

Os sucessos do Prata levantaram contra Sinimbu vehementes acusações. Entretanto só quarenta anos depois, no Senado, o acusado produziria a sua defesa, esmagadora. Esperar tanto não parece de nossa indole impulsiva.

As circunstancias, é verdade, nos casos de Paranhos e Sinimbu eram diferentes, Paranhos fôra demitido, Sinimbu exonerado a pedido, embora Honório, ministro dos Estrangeiros, instasse para que o alagoano illustre se não afastasse do Prata. No fundo o pundonoroso Honório comprehendia Sinimbu.

Findas as sessões preparatorias, de maior importancia na Camara dos Deputados pela validação de

ESCRAGNOLLE DORIA

O DISCURSO DAS SETE HORAS

mandatos por occurrencia de vagas ou reeleições, a 6 de Maio de 1865 abriam-se as Camaras na vigencia da 12.^a legislatura do Imperio. Camara e Senado elegiam suas mesas, a Camara confiando presidencia ao barão de Prados, o Senado pela quinta vez se honrando em escolher presidente o visconde de Abaeté.

Na 17.^a sessão do Senado, a 5 de Junho de 1865, de inicio Pimenta Bueno propoz, com muito debate, que o Senado do Brasil manifestasse seu pezar ao Senado dos Estados Unidos pelo assassinio de Lincoln, morto pelo ator Booth. Abriu-se em seguida a primeira discussão do voto de graças ou resposta á fala do trono, discussão dando margem a exame de politica geral.

Sabia-se desde muito que Paranhos romperia o debate. Não havia mais logar no Senado ao começar a sessão de 6 de Junho ás onze da manhã. Dependencias de recinto, tribuna de corpo diplomatico, galerias, antesalas, tudo repleto. Quarenta e dous senadores ocupavam suas cadeiras, aqui São Lourenço, Uruguay, ali Jequitinhonha, Furtado, Jaguary, adiante Caxias, Sinimbu, Olinda, Muritiba.



O Conselheiro Francisco José Furtado
(Oeiras, então cidade principal do Piauí, 1818 —
Rio de Janeiro 1870).

Abaeté concedeu a palavra a Paranhos. Fixaram-se os olhos e as atenções sobre o orador, advogado de si mesmo, assomando a tribuna magna de onde a voz de Paranhos devia ir aos ecos do Brasil.

Machado de Assis, testemunha presencial, prestou depoimento nas suas *Paginas Recolhidas*. Disse sessão da de 6 de Junho de 1865.

"Era uma hora da tarde quando o presidente (Abaeté) deu a palavra ao senador por Mato Grosso: começou a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e pausa, firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sobrio, ou então para chamar os punhos da camisa, e a voz ia sahindo meditadamente e colorida. Naquelle dia, porem, aancia de proquizar a defesa era tal que as primeiras palavras foram antes bradadas que ditas "Não a vaidade, Sr. Presidente... D'ahi a um instante a voz tornava ao diapasão habitual e o discurso continuou como nos outros dias."

Completando o depoimento de Machado de Assis foi este o exordio do discurso: "Não a vaidade, mas o sentimento de um dever imperioso me anima a encetar este debate cuja importancia hoje sobe de ponto quando devemos de sustentar guerra de honra contra um inimigo áudaz, astuto e feroz."

Entre asseverações e documentações proseguio o

orador até cinco e meia da tarde, suspensa então a sessão a peio do discursante. Reaberta a sessão ás seis da tarde, reatando fio de discurso, declarou Paranhos: "Salvando a vida de 2.000 compatriotas, evitei as ruínas de uma capital importante (Montevideo); atraí para o Brasil sympathias geraes no Prata". Pimenta Bueno apartou: E os louvores da Europa.

Paranhos continuou: "Este resultado compensa-me sobrejamente ao desar que me largou o gabinete passado (o gabinete Furtado que o demitira). Hoje ainda que a Camara dos Deputados não tivesse applicado aos nobres ex-ministros a pena de Talião com tanta severidade não me restaria senão pedir a Deus que não volva algum dia contra os autores do decreto de 3 de Março (o da demissão de Paranhos) as armas da colera popular que elles procuraram manejar contra mim."

O discurso de Paranhos findou noite fechada. Ao terminar, o orador "estava como no principio, nenhum signal de fadiga nelle, nem no auditorio, que o aplaudiu", tudo segundo Machado de Assis.

Defendendo-se e acusando, Paranhos não podia ficar sem resposta. Na sessão seguinte de 6 de Junho de 1865 ao discurso principiado á luz do dia e findo ás luzes acesas do Senado, acudio o senador Dias Vieira, ex-ministro dos Estrangeiros do ministerio Furtado. Ia replicar, e explicar os sucessos do Prata e do convenio da Villa da União, sucessos aqueles nos quais se envolvera Tamandaré, o brioso almirante que outro almirante, Henrique Boiteux, acaba de biografar com probidade e documentação em obra de tomo consagrada ao nune tutelar da marinha de guerra nacional.

Após Dias Vieira, na sessão do Senado de 14 de Junho de 1865, tres dias após Riachuelo, veio a discurso o ex-presidente do conselho do gabinete de 31 de Agosto de 1864.

Exordiou o senador Furtado pedindo desculpas ao Senado da ousadia de pedir-lhe alguns momentos de benevola atenção, provocado á discussão por seu colega Paranhos.

"O nobre senador — disse Furtado — com voz quasi em grita e gesto irado intimou aos membros do gabinete de 31 de Agosto que viessem da tribuna liquidar com S. Ex. o Convenio de 20 de Fevereiro de 1865 e a sua demissão de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial no Rio da Prata".

O discurso de Furtado foi longo, minudente, cabendo apenas neste ligeiro recordar algumas referencias á oração pronunciada em presença de Paranhos e aos apertes deste.

Aludira Paranhos á sua demissão achando certa analogia entre fases de sua missão e a vida do marechal Villars quando partido este para a guerra dissêra a Luiz XIV que ia combater os inimigos deste deixando o rei cercado pelos inimigos dele proprio Villars.

Furtado poz reparo no ter Paranhos "atirado aos ventos da publicidade as cartas confidenciaes e officios reservados que recebera dos membros do gabinete 31 de Agosto.

"Felizmente entre todos esses papeis nada appareceu que pudesse desairar os membros do gabinete, e o brilhante lapidado aqui (no Senado) por mais de sete horas, depois da anterior lapidação de dois mezes, o nobre senador não conseguiu fazê-lo luzir aos olhos da amizade, e ainda assim o nobre senador por Goyaz (Silveira da Motta) não vio senão uma pedra tosca e bruta."

No correr do seu discurso de defesa propria e na do gabinete 31 de Agosto, Furtado teve ensejo de defender tambem o vice-almirante Tamandaré, por liberal correligionario politico de Furtado. Comtudo Tamandaré nunca se imiscuia em qualquer manifestação partidaria. As suas convicções liberaes jamais desceram do portaló de seus navios para vir a terra buscar urnas e votos. O então vencedor em Paysandú fazia questão de não ter nenhuma expressão politica.

Na oração de 14 de Junho de 1865, Furtado estranhou que o texto do Convenio de 20 de Fevereiro, só de quarenta linhas, exigisse "um comentario de sete horas para ser bem explicado e entendido".

A ironia polida esmalta o discurso de Furtado, mas não encontrava desprevenida a de Paranhos. Ao referir-se Furtado ao convenio disse que "Paranhos dormitara e dormitara muito". O incriminado logo se safou com este aparte: "O ministro me comunicou o somno."

Em 1865 e 1866 não foram poucas as alusões directas e indirectas á oração que se convencionou chamar o discurso das sete horas, celebrado hoje na historia e glorificado a valer na época.

O discurso dorme nos annais do Senado do Imperio, mas lido por quem saiba lêr e refletir desperta curiosidade sobre comentarios, um o da liberdade irrestrita da palavra e da critica, outro o do zelo de Abaeté presidindo o Senado e fazendo os oradores voltarem á polidez das expressões quando, num momento de exaltação, houvessem saído do apuro da linguagem.

O crime

Conto de OLAVO BILAC

SABERÁS tudo, já que tudo queres saber. Tres anos passaram sobre essa negra tragedia. E ainda hoje tenho tudo presente á memoria, e ainda hoje te faço esta pergunta, que ha tres anos dirijo a mim mesmo, todos os dias, sem lhe achar resposta: — Foi um crime o que eu fiz?

Quando Octavio me bateu á porta, ás dez horas da noite, eu tinha um livro aberto diante de mim. Não lia. A colera que me agitara durante toda a tarde, sucedera uma grande prostração. Parecia-me sem remedio a minha desgraça, depois daquela certeza, daquela terrivel certeza.

Ama-la como eu a amava, com o desejo nunca saciado de a possuir, afrontar tudo, cometer o crime de lhe dar cerco durante dois longos anos, persegui-la por toda a parte ter de viver numa constante dissimulação com o marido, ouvir-me a toda hora elogiado por ele, comer-lhe os jantares todos os dias, só para estar junto dela — desanimar afinal, considera-la honesta, reputa-la o modelo das esposas, passar do amor á veneração, consolar-me com a minha derrota, — e, de repente, aquela certeza, aquela terrivel certeza de que a minha santa só para mim era santa, e humanisava-se com o outro, na suprema delicia que eu tanto ambicionára!

Eu e Octavio eramos dois inseparaveis. Ligados por um parentesco longinquo, quasi com a mesma idade, separámo-nos quando tive de ir ao norte buscar a minha carta de doutor, deixando-o a estudar o seu terceiro ano de medicina.

Nos cinco anos que durou o nosso apartamento, correspondemo-nos sempre, — cartas de amigos, cheias de confidencias e de auidades. Uma dessas cartas trouxe-me, poucos meses antes da minha formatura, a noticia do seu casamento. Casamento pobre: uma menina orphã, que ele encontrára em casa de uma tia, no Engenho Velho.

A carta, longa e apaixonada, fechava com este trecho: "Emma, que está ao meu lado, vendo-me escrever, manda-te um grande abraço. Já te estima extraordinariamente, mesmo sem conhecer".

E meses depois, numa radiante manhã de domingo, vendo aproximarem-se do navio que me trouxera escaleres e lanchas, cortando a agua verde batida pelo sol, — a primeira fisionomia conhecida que lobiguei foi a de Octavio. Dizia-me adeus, muito alegre, mais gordo, num fato de casimira clara. Ao seu lado, toda de branco, acenava-me com o lenço a mulher. Alta, esbelta, de um moreno dourado, grandes olhos profundos, boca pequena e vermelha; sob o chapéo de palha desabado viam-se os cabelos, fartos e negros. Foi ela quem subiu primeiro a escada. Veio a mim, naturalmente, sem embargo, sem me chamar — doutor, — com uma confiança que me cativou desde logo:

— Bom dia, Jacques!

— Minha senhora...

E caí nos braços de Octavio. Ao almoço, em casa deles, ficámos mais de quatro horas á mesa, matando saudades. Ela tomou parte na conversa, com uma adoravel tagarellice de dezoito anos. Examinei-a. Deliciosa de graça e de beleza. Tinha a pele finissima, a orelha pequenina e delicada, como uma concha preciosa.

Quando olhava para o marido, velavam-se lhe os olhos de carinho, meigos, deliciando-se na contemplação dele.

Desse dia, — foi talvez o dia mais feliz da minha vida! — nasceu esta irremediavel desgraça. Não fosse ele, e eu não teria cometido aquilo que ainda agora mesmo te pergunto se foi um crime...

Ameia-a pelo habito de vê-la todos os dias, de sentar-me todos os dias ao seu lado-de ouvi-la, embriagado pelo seu aroma, deliciosamente abraçado pelos seus grandes olhos profundos. Tratava-me sem cerimonia como a um irmão. Contava-me, confiadamente, com os olhos muito perto dos meus, — quando Octavio saía a ver algum doente e ficávamos sós, — a sua vida antiga de menina pobre, sem distrações, junto de uma tia rabujenta, na enorme casa triste do Engenho Velho; o seu namoro com Octavio, as dificuldades que appareceram para o casamento, — ela, orphã e pobre, ele, medico novo e sem clinica; e ia por diante, falando muito do marido, elogiando-lhe o talento e a bondade, — torturando-me.

Com o outro era muito mais fria do que comigo.

Chamava-se Barbosa. Ia lá ás vezes jantar, mas comumente só apparecia á noite. Era um moço rico, baixinho, janota, olhos piscos por traz dos vidros grossos de um "pinenez" de ouro, roupas espalhafatosas, muito conversador. Quando fomos apresentados, — ainda crês em presentimentos? — não antipatisei com ele. Achei-o vulgar, nem bonito nem feio, nem tolo nem inteligente, — suportavel. E nunca me passou pela ideia que amasse Emma; tratava-a com respeito e era tratado com frieza.

Continuei a ama-la. Depois da época do amor contemplativo, veio a outra, a da febre. Achei-me idiota — amando uma mulher, sem lho dizer. Possuí-me da ambição insaciavel de gosa-la. Fui perseguido pela sua lembrança, pelo seu olhar, pelo seu cheiro, sem treguas, de dia e de noite. Quiz deixar de vê-la. Octavio arrastava-me para lá, chamando-me ingrato.

Uma noite conversávamos os tres.

O outro não viera. A campanha retiniu: era um chamado — vinham pedir a Octavio que fosse immediatamente socorrer um doente.

Ficámos sós. Emma principou a folhear uma revista ilustrada.

Na sala de jantar silenciosa, ouvia-se apenas o tic-tac do relógio. Não sei o que me deu coragem. Tomei-lhe a mão, beijei-a, ajoelhei-me, disse-lhe tudo, que a amava, que não podia mais com aquela tortura.

Emma, palida de surpresa, levantou-se.

— Oh! mas enlouqueceu, Jacques? levante-se?

— Emma!

— Basta! não me insulte.

E repeliu-me com violencia.

Saí, corrido de vergonha. Deixei de lá ir oito dias. Quando Octavio me procurava em casa, o criado tinha ordem expressa de lhe dizer que eu saíra. Mas encontro-a-me na rua. Que me havia ele feito? que queria dizer aquilo nada! havia de ir jantar com ele. Iria, ainda que á força. Fui. Ela recebeu-me com mais carinho do que nunca. Na meiguice com que me tratou, pareceu-me ver uma certa piedade comovida, pela minha paixão impossivel. Não se referiu á cena que eu fizera. E senti desde então o meu amor transformar-se em veneração; desanimei.

Mas, naquela tarde...

Descia a rua do Ouvidor, quando me senti agarrado pelo braço. Era o Barbosa, o outro. Tremia, muito pálido.

— Venha cá.

Levou-me para o fundo de uma confeitaria. Deixou-se cair na cadeira, extenuado:

— Que desgraça, doutor! que desgraça!

Eu olhava-o, espantado. Mas o caixeiro aproximava-se. Barbosa pediu cognac, bebeu tres cálices, de pancada, e com a cabeça entre as mãos, começou a falar rapidamente, confundindo palavras, precipitando frases, de um jacto. Fiquei sem movimento e sem voz, fulminado. Ele falava, contava tudo. Havia ano e meio que era amante de Emma. Eu com certeza nada tinha suspeitado! Paderal tomavam tantas precauções... Nunca se encontravam em casa do marido. Davam-se ei trevistas durante o dia, duas vezes por semana, em casa de uma tia dela, no Cosme Velho. Ano e meio... De repente que desgraça! que desgraça!... Fôra Emma quem lho mandára dizer, em carta.

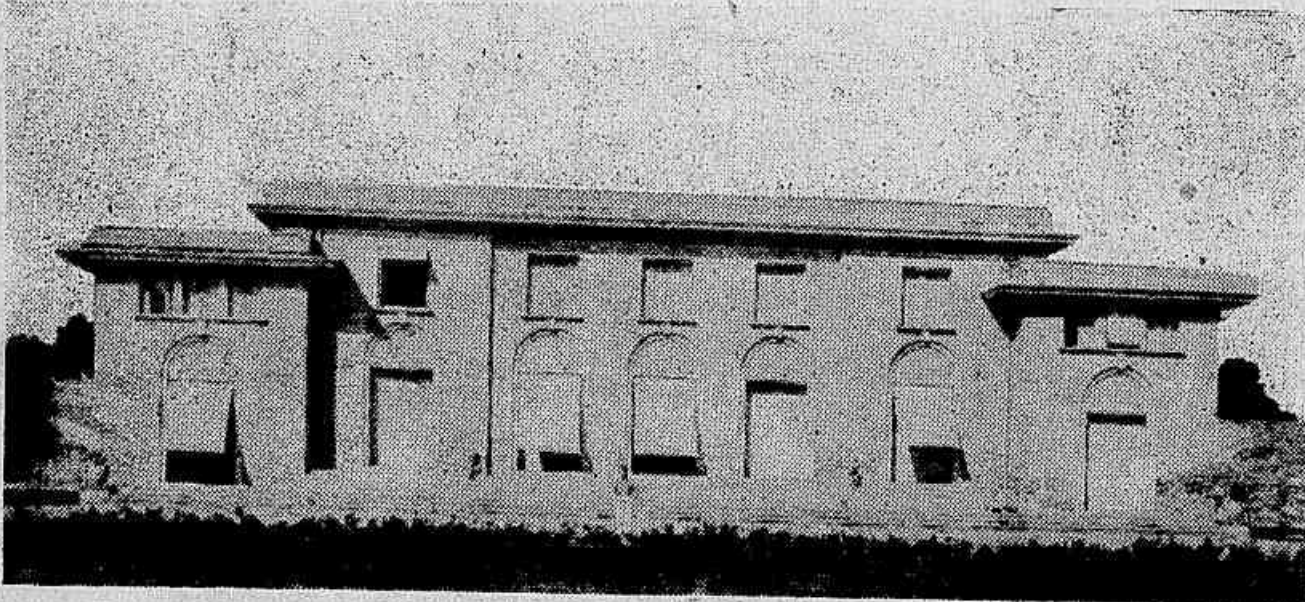
(Continúa na página 42)



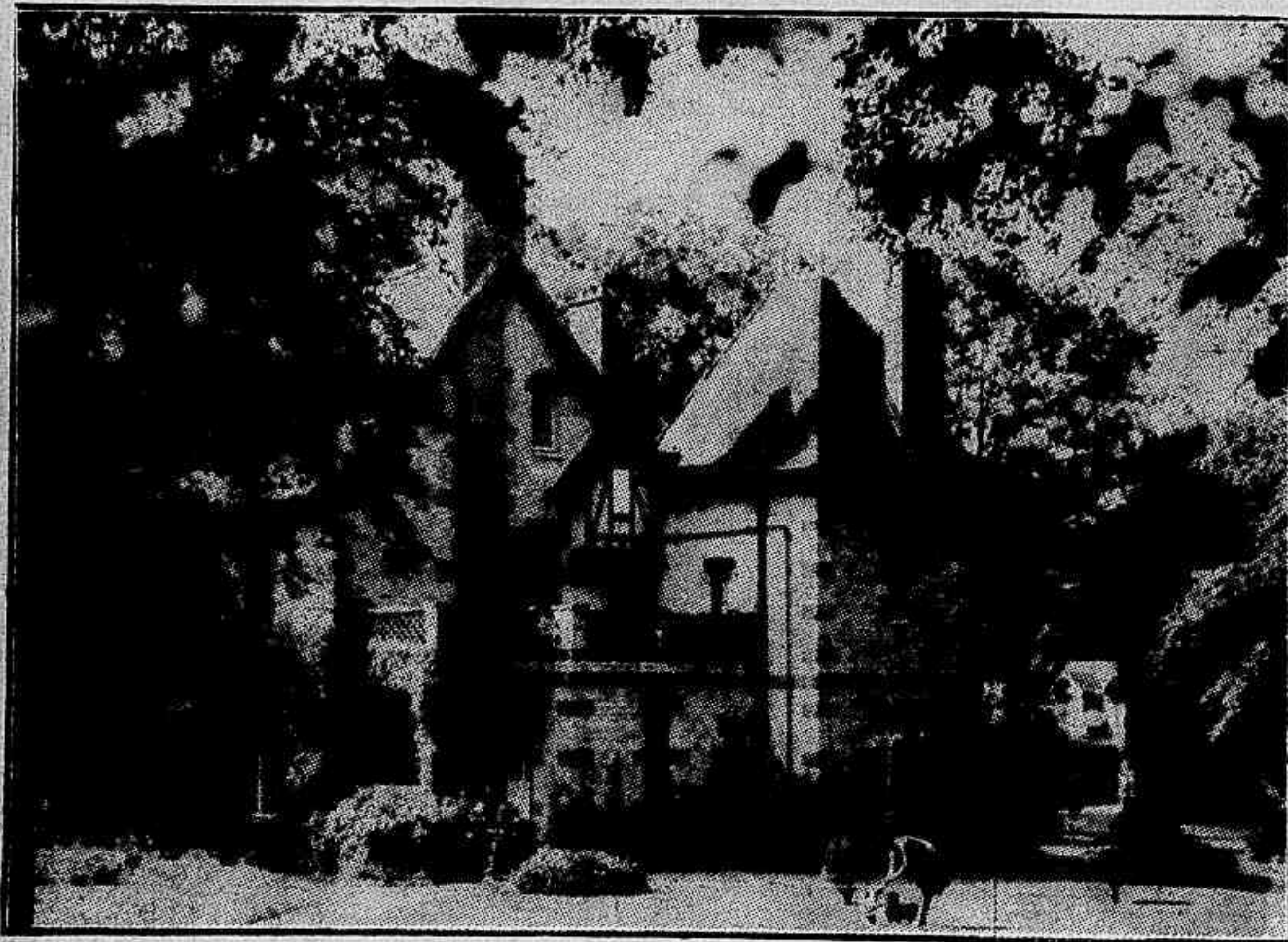
Elas Conhecem a G



Magdalena, a Gloriosa!



Residência de Tagliaferro, entre St. Cloud e Versailles. Agora é quartel general do Estado Maior Alemão.



No meio da floresta de Fontainebleau, Magdalena construiu este retiro para a sua arte.

Fui entrevistar Magdalena Tagliaferro, três dias depois do seu inolvidável concerto no Municipal. Foi timidamente que apertei o botão da campainha. Durante todo o trajeto, no bondinho de Santa Thereza, numa tarde claríssima de sol, com sombras verdes dançando ao vento, com pedaços de mar aparecendo lá em baixo; transpondo o pequeno portão de madeira; pisando o pátio de pedra com losangos traçados em relva; procurando adivinhar no cubo branco do arranha-céu qual seria a janela de Magdalena; durante a meia hora que precedeu a entrevista, eu quiz recuar como um soldado covarde no ultimo minuto de trégua. Lembra-me demais do Municipal. Do Concerto de Chopin; da Fantasia Hungara de Liszt; das duas mãos que haviam aprisionado, naquela tarde, centenas de almas, num reino fechado para além da vida e da morte; da cabeça luminosa que as luzes — ou o gênio? — circundavam de uma auréola ardente; de Magdalena justificando e ultrapassando todas as imagens poéticas jamais ligadas à Música; suscitando, na brancura fria do teclado, todas as paisagens do mundo e todas as paixões da alma.

Quiz voltar... Eu não saberia falar coisa nenhuma. Tive um medo enorme de perguntar tolices. Mas...

PRESENÇA

Magdalena Tagliaferro é acolhedora e simples. O salão, muito claro, com poltronas azues e uma "bergère" de seda florida junto à janela. A "veil-leuse" imensa, mesmo apagada é uma sugestão de socêgo e intimidade. O golfinho de cristal sobre a mesa conta histórias distantes e encantadas. Os pianos estão silenciosos sob o peso das flores vermelhas. E a artista não faz nenhuma questão de subir ao pedestal e ser a esfinge indecifrável. A primeira pergunta saiu espontânea.

— "Você conhece a Gloria. Ah! você a conhece bem! Diga: quando as palmas e as vozes a reclamam no palco, uma, duas, dez vezes; quando a assistência se recusa a deixar o recinto sem ouvi-la ainda, mais e mais, qual é a sua sensação?"

Ela se excusou. Acha difícil falar na primeira pessoa. Preferia as entrevistas impessoais. Não sabe mesmo prodigalizar tanto o "eu" quando há cinco outros pronomes na gramática. Foi só no fim da conversa que, apanhando uma frase aqui, outra ali, vestindo de formas mais sutis a minha curiosidade, consegui a resposta: Magdalena Tagliaferro tem, integralmente, abolutamente, isso que se convencionou chamar "consciência artística". Não entra num palco para receber palmas. Nem para acrescentar mais um número à série dos seus concertos. Toca para dar. Para transmitir alguma coisa. Para levar uma mensagem. Para partilhar o "dom de Deus".

— "Pois bem. O publico só tem uma forma de expressão para manifestar que cumpri o meu dever. Que acordei a emoção que deveria acordar. O publico só pode fazer uma coisa: bater palmas, aplaudir, chamar-me. Logo..."

Mas há, para a sensibilidade aguda de Mágda, uma emoção superior á das ovações ruidosas. Quando o ultimo acorde morre e as mãos repousam no teclado, há um segundo de silêncio antes do tatar das palmas. Nesse segundo, sóbe do salão um hausto fundo. A plateia respira, unísona, como os que estiveram afogados e vêm á tona; como os que caminharam muito e chegam de longe e se atiram para descansar na soleira da casa familiar. Então ela sente que foi a pegureira, carregando as almas para o país misterioso, mergulhando-as no golfo profundo da grande luz. No umbral, entre a arte e a realidade, um hausto longo sobe para o palco. Esse é o momento supremo.

— "Houve isso, sabado, no "Concerto" de Chopin. Lembra-se?"

— "E, então, não é a Gloria?"

— "Não sei se é a Gloria. Mas é uma grande emoção. Sinto que fiz o dom de mim mesma".

MILAGRE I

Magdalena, aos 5 anos, acompanhava os coros dos alunos paternos. Aos oito, deu o primeiro concerto, aos 11 fez a 1.^a "tourné". Aos 13, foi a grande "petite Tagliaferro".

— Esta é a unica historia da minha vida que sei contar sem constrangimento. Porque está tão longe que não parece minha. A Magda daquele tempo é uma simples conhecida da minha saudade.

Estavam todos em Paris. Paulo Tagliaferro, muito doente, tinha ido tentar os recursos extremos da Ciência. Magda preparava-se para o 1.^o Concurso do Conservatorio. Consciente do talento da filha — discipula amada do seu coração e do seu espírito — o enfermo querido fazia previsões: — "Não lhe darão o primeiro entre os primeiros premios, porque ela é uma menina. Obterá, com certeza, um primeiro "accessit".

Entretanto, a Morte rondava muito perto. Na véspera do concurso, o médico disse: — "Não vale a pena prepará-la para tocar. Ele não resistirá até amanhã." Mas o coração doente continuou a bater, como se preludiasse num "scherzo" doloroso, o "appassionato" da Gloria. E o grande dia nasceu. A's nove horas da manhã...

— "Eu era o numero 22, entre 46 concorrentes. A peça escolhida, a "Sonata" de Weber em lá menor. O "huis-sier" anunciava cada executante. Eram terminantemente proibidos os aplausos que retardariam o concurso, perturbariam as almas e influiriam, talvez, insensivelmente, na decisão do juri. Não é preciso dizer o que senti quando fui chamada. Meu pai e minha consciencia artistica já então formada, fundiam-se numa só vibração dentro de mim. Tremia tanto que meu pé não podia firmar-se no pedal. Nunca toquei como naquele dia. Se meu pai morresse, eu queria que levasse da vida uma ultima impressão de deslumbramento. Mas...talvez a alegria suprema o salvasse!"

De vestido branco todo bordado, um laço de fita prendendo no alto os cabelos ruivos, Magdalena Tagliaferro, aos treze anos, tocou entre 46 moças de todas as edades, moças parisienses ou europeias, muitas carregando nomes fidalgos, algumas com fortes razões pesando na balança do juri. Mas só ela, a brasileira, com as suas mãos franzinas de criança quebrou o protocolo rigido do concurso, arrancando palmas que não silenciavam mais, no salão que ouvira, impassível, dezenas de véses naquele dia, a mesma peça.

Então, antes da prova de leitura á primeira vista, Magda conheceu um pouco da perfidia humana. Serenada a emoção indomável que lhes arrancára palmas e bravos, as mães das colegas procuraram arrebatar-lhe a vitória destruindo-lhe a confiança:

— "Cuidado, hein, meu bem! Muita atenção na leitura! Seria uma pena que você estragasse a sua bela notal!" Mas não era facil penetrar, assim, na alma da menina que se estava dando, inteira, em troca de uma alegria suprema para o papai. Ela venceu.

E porque não cabia na realidade ser coroado com o primeiro entre os primeiros premios, o primeiro coneurso de uma criança — o sul-americana, imaginem! — o juri discutiu a portas fechadas, duas horas inteiras, pesando considerações e conseqüências.

Glória

REPORTAGEM DE
SARAH MARQUESESPECIAL PARA A
"REVISTA DA SEMANA"Magdalena
TagliaferroA IMCOMPARAVEL. UMA VIDA
QUE É TODA UMA SARABANDA
ILUMINADA DE TRIUNFOS

Angustia das almas. Timidas perguntas ao "huissier" imperturbavel que tinha a lista do segredo cobigado. Começa a leitura solene. Um grito imenso, do tamanho de todas as alegrias e de todos os triunfos, ressoa: "Mon Gros"! Era o professor de Magda.

E Papai? A emoção poderia salvá-lo. Ou... matá-lo. Um telegrama havia partido: — "Ela tocou muito bem." Agora, enquanto a menina se desembaraçava das formalidades da vitória, um amigo fraternal foi o emissário da grande nova.

Diálogo: — "Ela tocou muito bem, sabe?" — "Nunca imaginei que ela tocasse mal." — "Mas, foi excepcional. Têve uma ótima classificação..." — "Obteve um primeiro 'accessit'..." — "Não. Magda ganhou o primeiro..." — "Um primeiro prêmio?" — "Mais que isso!" — "O primeiro..." — "Sim, isso mesmo, o primeiro entre os primeiros prêmios."

Conversando comigo, agora, tantos anos depois, no apartamento tranquilo e claro de St.^a Tereza, Magdalena Tagliaferro ainda não sabe como pôr uma porção de frases patéticas e literárias para descrever a alegria divina daquela hora. Diz simplesmente que Papai chorou muito. E que viveu, ainda, um ano e meio.

A OUTRA EMOÇÃO

Essa é diferente. No pináculo da carreira, aplaudida e endeusada em toda a Europa, célebre entre as mais célebres em todo o mundo oficial da Legião de Honra (grau superior) — Magdalena Tagliaferro quer tocar para o povo. Era em Porto Alegre durante as festas do bi-centenário. Bem que quizeram dissuadi-la. O povo só gosta de samba, diziam. Não desperdiçasse o seu talento com a gente da rua. Ou, em termos de provérbio: — "Não atirasse pérolas aos porcos."

Magda insistiu. Seria uma experiência. Era um desejo tão velho, esse de tocar para os bêcos perdidos de cidade, os morros e os bairros iluminados a querosene!

— "Quando subi os degraus do palco, parecia-me estar subindo para o céu. Quinze degraus para o palco. Mais de trinta até ao piano. E sobre o piano, a noite profunda e clara do sul, num turbilhão de estrelas. Em baixo, o povo que ia chegando, a massa que ia crescendo; e o silêncio que, pouco a pouco, tomava conta de tudo. Grupos de operários, de volta do trabalho, paravam para ouvir quinze minutos; e ali ficavam, horas, esquecidos de tudo, presos na rede de ouro da Música."

As palmas dessa noite gaúcha ficaram ecoando na alma de Magdalena como o acorde ultimo de uma gloriosa marcha de vitória.

MARCOS

Está sem nenhuma continuidade esta historia que estou contando. Nem

tudo que está aqui me foi dito pela excelsa pianista. Na nossa hora e meia de palestra, raramente um verbo apareceu na primeira pessoa. Foi por um amigo dedicado da artista que eu soube o resto: cousas que conto, cousas que não tenho espaço para contar.

Sabiam que ela teve na França um grande sucesso como cantora? Que é considerada, na Europa, uma das três mulheres de renome universal? Que, pouco antes de romper a guerra, tomava parte com Alfred Cortot, Jacques Thibaud, Ninon Vallin e Brailowsky, na "Compagnie des Grands Artistes Internationaux?"

Ia, justamente, interpretar Clara Schumann, quando estalou a tempestade, dispersando o grupo, e destruindo entre tantos tesouros milenares de Arte, essa obra nova e magnífica.

E C O S

Magdalena é uma semeadora de musica. Quando, sobre o teclado que ainda vibra, os seus dedos repousam de volta da longa viagem, uma semente começa a germinar nos corações que a ouviram. — "E se eu tocasse também?" pergunta a adolescente deslumbrada no primeiro encontro com a Arte. — "E se eu voltasse ao piano?" murmura a senhora que dissera adeus ao teclado ao deixar no internato os sonhos de menina. Cada concerto de Magdalena é um caminho de Damasco para algumas almas.

— "É possível que seja coincidência — disse-me um grande amigo da artista — mas é digno de nota este fato: O diretor da fabrica dos pianos Brasil escreveu-me que a venda de pianos aumentou 35% desde que Magdalena iniciou os cursos de interpretação. E não são, apenas, meninas as compradoras. São homens feitos e mães de família que voltam à Musica abandonada há muitos anos. Entretanto, há os privilegiados nessa partilha que Magdalena Tagliaferro faz de sua arte. Alunos que levaram para o seu curso no Conservatorio de Paris, na mesma sala, em que, pequenina, o professor a chamava "Mon Gros", a materia prima de um talento excepcional. Ela me fala de Pnêna Zaltzman:

— "Aos 18 anos, ela saiu das minhas mãos, artista completa e extraordinária. Hoje, terá 21 e já conhece a Glória."

É de Tel Aviv, essa pianista adolescente. Lembro-me dos artistas e dos intelectuais que abandonaram penas, pincéis, bisturis, para abrir estradas, erguer cidades e semear os campos, na terra áspere da Palestina. Pnêna é o regresso das almas de Tel Aviv aos caminhos antigos do espírito.

Os alunos de Magda! Eles são um eco da sua alma sonora. E transmitirão às gerações vindouras o segredo do ritual sagrado que velhos deuses desaparecidos ensinaram à filha de Paulo Tagliaferro.



"La Petite Tagliaferro!" "Mon gros". O Primeiro Prêmio.



Ensinando os ritos misteriosos da Arte.



Magdalena O piano. A reporter.

De São Paulo

A' esquerda, do alto para baixo: a) A Gentilissima filha do Sr. Wallace Simonsem, da sociedade bandeirante, serve o primeiro prato da sopa escolar inaugurada em São Bernardo, iniciativa da Sociedade de Amigos de São Bernardo; b) O Sr. Embaixador J. C. Macedo Soares visita a Legião Brasileira de Assistência; c) Inauguração da Colônia Infantil de Pindamonhangaba, para o Vale do Paraíba; d) Economistas, membros da Associação do Comércio e Produção Norte Americana visitaram a Capital paulista, onde foram homenageados.

INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja -
107 s/ loja - 1.º e 2.º and.
Caixa Postal, 178-B e 2999
Tele fone 2-4550
grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.

Agencias em todas
as cidades do Brasil.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

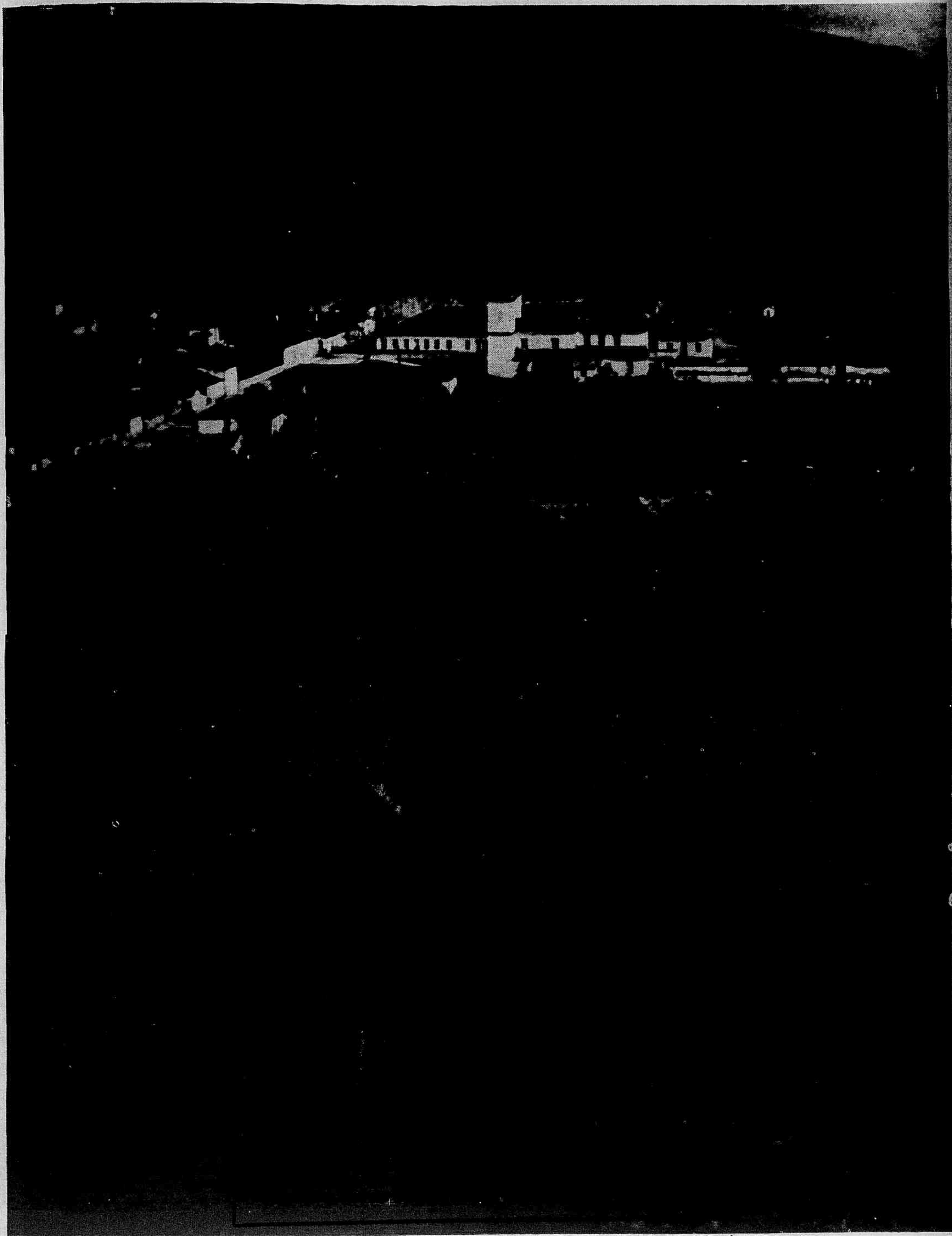
**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

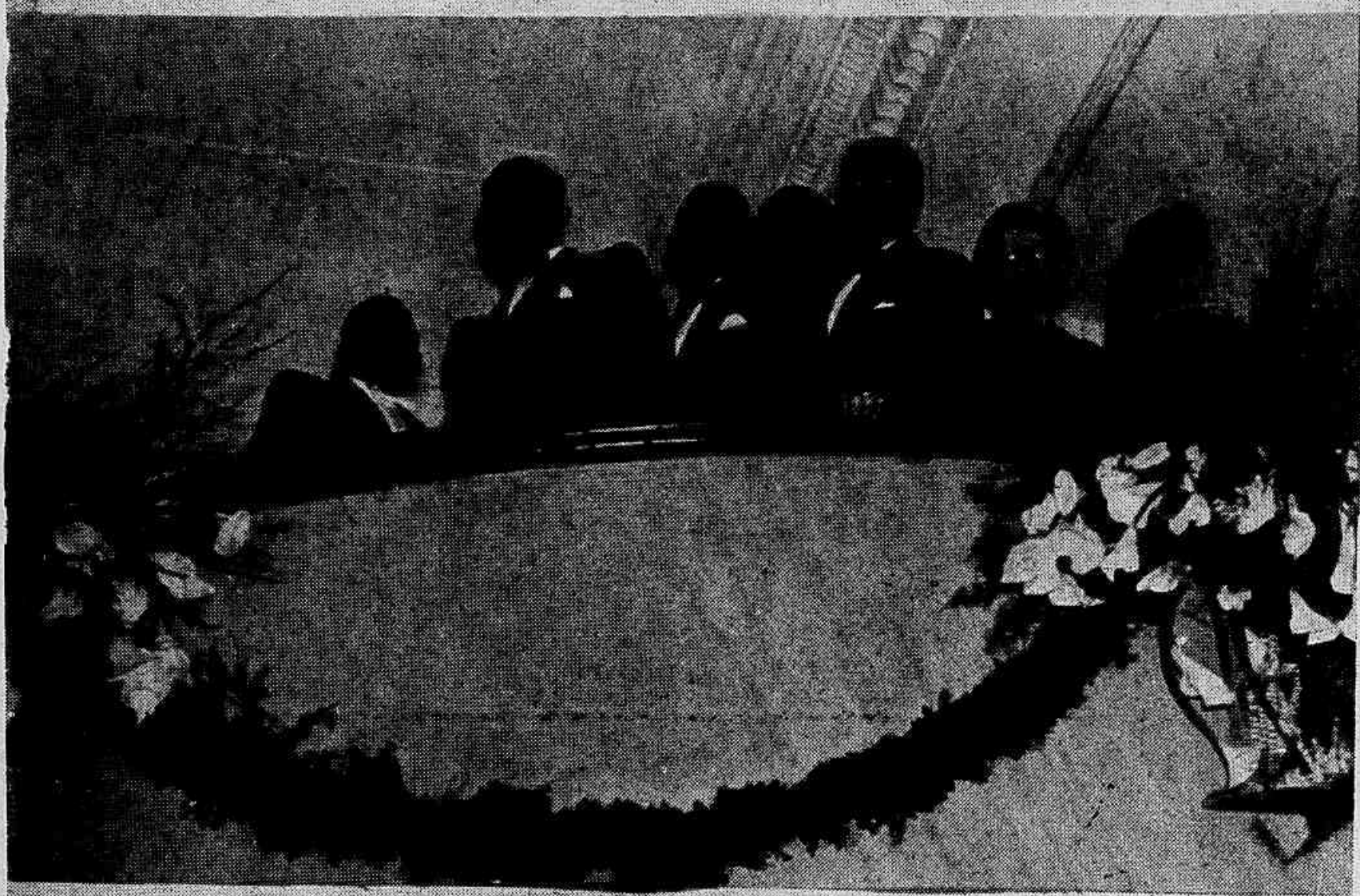
• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succadora de
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO S. PAULO



Nossa Terra





Noticiário Elegante

ANIVERSARIOS

dia 6:
Senhora Dra. Judite Correia Rodrigues.

Senhorita Jacir Araujo de Medeiros.
Senhores: ministro Eduardo Espinola, presidente do Supremo Tribunal Federal; prof. Alvaro Osório de Almeida e dr. Tarquinio Francisco de Almeida.

dia 7:
Senhorita Derocilda Cabral Santana.
Senhores: almirante Guilherme Riecken; dr. Francisco Pessoa de Queiroz e dr. José Rabelo.

dia 8:
Senhora Antonieta Laranja.
Senhoritas: Rute da Cunha Pereira e Ieda Novais Guimarães.
Senhores: dr. Carlos de Oliveira Brandão; dr. José Dias da Cruz e dr. Leandro Maciel.

dia 9:
Senhores: dr. Galvão Bueno Filho; dr. Otaviano Alves do Vale e dr. Jaime Alves Meira;

dia 10:
Senhoritas: Diva Freire Barreto e Vicência Pascoal.
Senhores: prof. Genival Londres; dr. Dorgival Barbosa e Wilson de Oliveira, nosso colega de imprensa.

dia 11:
Senhoras: Dinora Brito Wlanger; Sofia Tavares de Lira e Amélia Menezes.
Senhores: Hildebrando de Araujo Cós e dr. Feliciano de Souza Aguiar.

dia 12:
Senhores: dr. Astolfo de Rezende; dr. Cabral Sombra e A. J. Pereira de Silva, da Academia Brasileira.

O Clube Ginástico Português comemorou com grandes solenidades, que se sucederam durante um mês, a passagem do seu 75.º aniversário, que assinalou mais uma etapa de gloriosas vitórias na vida da tradicional sociedade aristocrática. O encerramento das festas comemorativas de tão grata efemeride foi assinalado com a realização de um magnífico baile de gala, que levou, na noite de 30 de outubro último, data de aniversário da fundação do "Ginástico", aos suntuosos salões do elegante gremio, a fina flor da sociedade carioca. A reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA conseguiu focalizar os expressivos flagrantes da brilhante "soirée", que reproduzimos nestas páginas: á esquerda, três instantâneos do elegante baile; ao alto, o Dr. Gustavo Rego e a Srta. Helena Albuquerque, durante as dansas, o Sr. Mario Xavier dansando com a Exma. Sra. Embaixatriz de Portugal e um aspecto do salão de bailes do "Ginástico"; á direita, dois grupos de senhoras e senhoritas da alta sociedade carioca, presentes á "soirée"; e, finalmente, em baixo, á direita, dois expressivos instantâneos: o sr. Fernando Boulhosa brindando o Sr. Embaixador de Portugal e Exma. esposa — a cantora Ilona Massey recebendo da Diretoria do Clube Ginástico Português um cartão de prata, como recordação de sua presença no magnífico baile, no decorrer do qual cantou alguns numeros de seu aplaudido repertorio lirico.



© 75º Aniversário do Clube Ginástico



Pe. Criança

MANUEL — lindo filho da Exma. senhora Olga Camanho Fernandes, figura de escól da nossa sociedade, e do senhor Manoel José Fernandes, grande e progressista industrial, *doublé* de cavalheiro, que, na presidência do Clube Ginástico Português, do Rio de Janeiro, eleva cada vez mais o conceito social do tradicional e prestigiosíssimo grêmio.

Manuelzinho fará anos amanhã, quando receberá as mais carinhosas demonstrações de carinho e afeto de seus paes e amiguinhos.



AS CASAS PERNAMBUCANAS em IPANEMA

Mais uma iniciativa de grande valor tiveram as CASAS PERNAMBUCANAS, fazendo inaugurar á rua Visconde de Pirajá esquina de Anibal de Mendonça, uma filial do afamados estabelecimentos que pertencem a uma das mais perfeitas organizações industriais do Brasil.

O ato inaugural da filial das CASAS PERNAMBUCANAS em Ipanema teve lugar no dia 23 de outubro ultimo, assistido por todos os diretores daquella grande instituição comercial e elevado numero de figuras das mais representativas da alta sociedade.

Os presentes foram unânimes em elogiar o fino gosto que orientou a ornamentação e a organização dos mostruários da nova e futura casa de fazendas de Ipanema.

Na foto ao lado vemos um flagrante da inauguração do novo estabelecimento, no qual aparecem diretores do mesmo rodeados de clientes e amigos e, ao fundo, um retrato do Presidente Getulio Vargas.





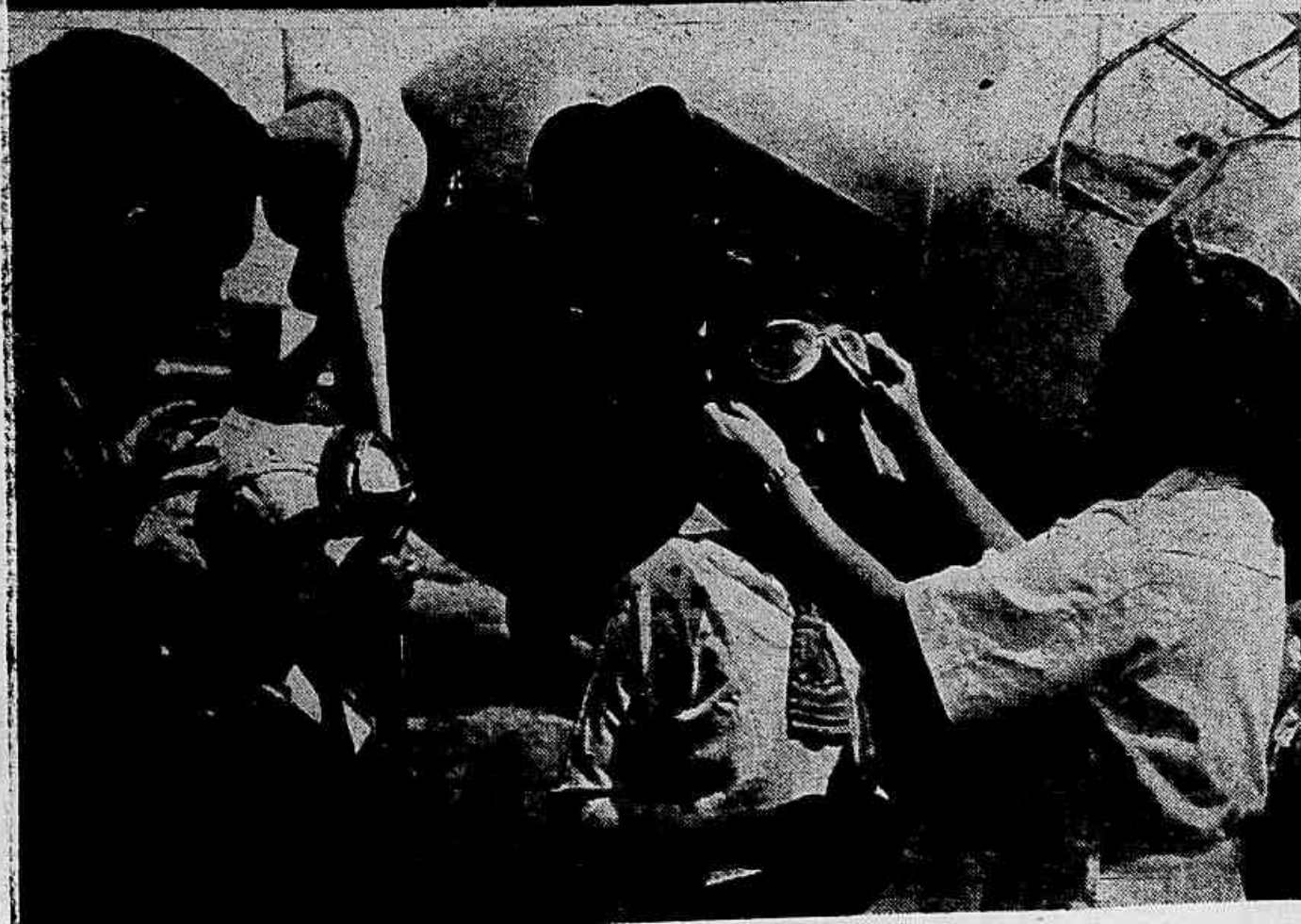
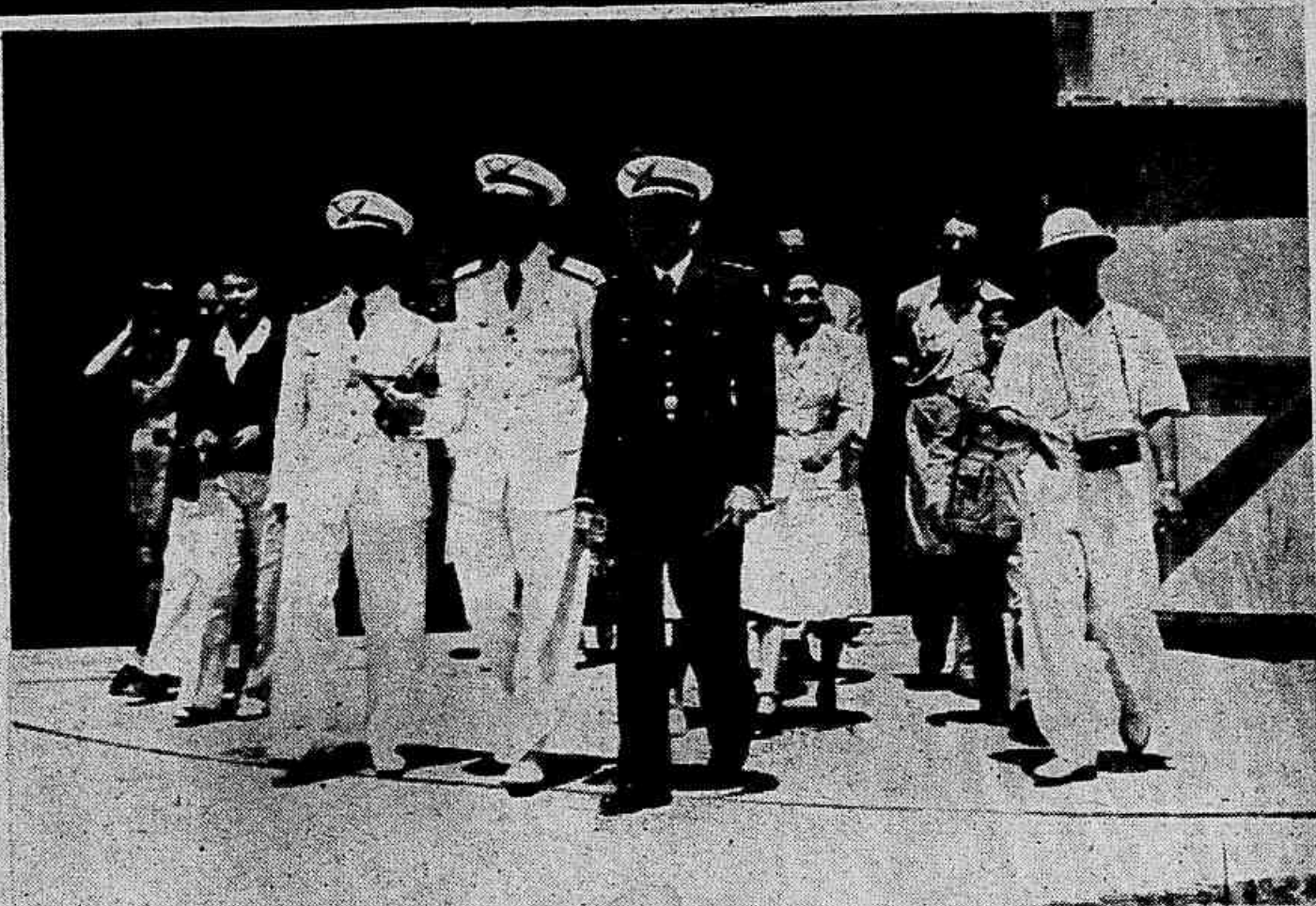
A SEMANA DA ASA

As comemorações da "Semana da Aza", levadas a efeito em todo o Brasil, em memória de Santos Dumont, revestiram-se este ano de um cunho de grande civismo, constituída por acontecimentos de alto sentido patriótico. A instituição da "Semana da Aza" remonta ao ano de 1935, devida ao Touring Club do Brasil que, por esta forma, procurava não só dar maior relevo ao feito surpreendente do grande brasileiro Santos Dumont, o Pai da Aviação, que deslumbrou o mundo resolvendo o problema da navegabilidade aérea, como também procurava intensificar, entre nós, o gosto pela aeronáutica em geral.

No ano de 1936 instituiu-se o Dia do Aviador, justamente quando se comemorava mais um aniversário do primeiro voo em aeroplano, estabelecendo-se também que se providenciasse para que o dia 23 de Outubro fosse condignamente celebrado, principalmente entre os alunos das

nossas escolas, onde se fariam preleções acentuando a prioridade do voo, em aparelho mais pesado do que o ar, de Santos Dumont. No ano passado, entre as solenidades, destacou-se a inauguração do monumento ao Pai da Aviação, no aeroporto Santos Dumont, nesta Capital.

O programa organizado para este ano constou de expressivas solenidades, todas cercadas de intenso entusiasmo. Das comemorações damos aqui vários flagrantes fotográficos: ao alto e à esquerda, a entrega, pelo ministro Salgado Filho, de diplomas de enfermeira; à direita e nos dois flagrantes à esquerda, aspectos da visita dos alunos das nossas escolas ao aeroporto Santos Dumont; à direita, comemoração da "Semana da Aza" em Manguinhos; por último o ministro Salgado Filho, em companhia de altas autoridades da Aeronáutica Civil, assistindo ao ofício religioso em intenção dos mortos da Aviação brasileira, em um templo repleto



*As
que
esperam...*



TRICOTANDO NESTA PRAIA DE KEY WEST, onde o sol e a sombra brincam de xadrez vê-se esta esposa de um oficial de marinha. Seu filhinho brinca na água. Ocasionalmente ela ergue seus olhos e contempla a linha do horizonte além do cais.



A PALESTRA É TAMBÉM UM PASSATEMPO. Usando um "maillot" de uma só peça, vemos Mrs. Henry Canazzi, muito invejada por suas colegas por estar seu marido estacionando temporariamente em Key West.



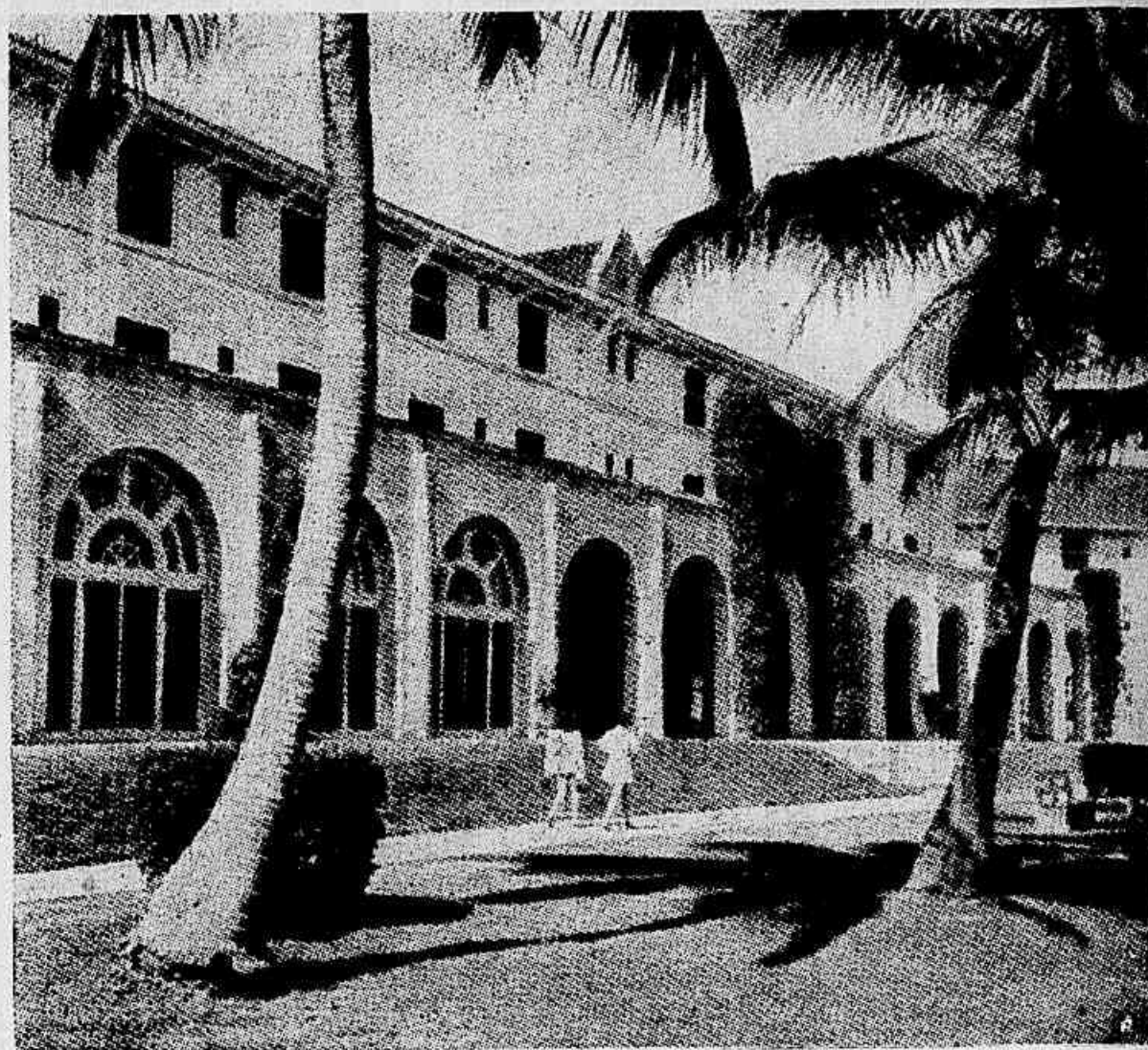
COSTAS NUAS, TURBANTES E OCULOS ESCUROS — eis a moda em Key West, que é quente no verão, mas é amenizada por uma briza constante.



EM ROUPAS DE BANHO, as belas abandonadas tostam a pele no pontão de Key West.

Para as esposas dos marinheiros, os mares do mundo são imensos e vazios. Faz parte de seu trabalho de nomades acompanharem seus maridos até a mais distante ponta de terra, lá dizer-lhes adeus e contemplar o navio que se afasta no horizonte. Começa então a longa espera, que pode durar meses e até anos. Para se manterem ativas, muitas delas empregam-se ou procuram tarefas de guerra. Outras têm ocupação suficiente nos filhos. Hoje, em todo o litoral americano ha mulheres que esperam...

As esposas de homens da Marinha que mostramos nestas páginas vivem no porto de Key West. São particularmente afortunadas. O sol é quente e podem permanecer o dia inteiro nos seus trajes de banho. Na maioria são jovens e bonitas, e quando se deitam ao sol fazem-nos recordar qualquer recanto de praia em tempo de paz. Cansadas de tostem-se, lançam mão de bridge, pescaria, tricôt, iate, ou prestam serviços no Hospital da Cruz Vermelha. Vivem alem disto em Casa Marina, que era, a principio, o hotel gran-fino da cidade e hoje requisitado pela Marinha. O grande dia será aquêle em que seus maridos voltarão. Por enquanto, esperam... A's vezes ficam inquietas, mas nunca se mostram tristes.



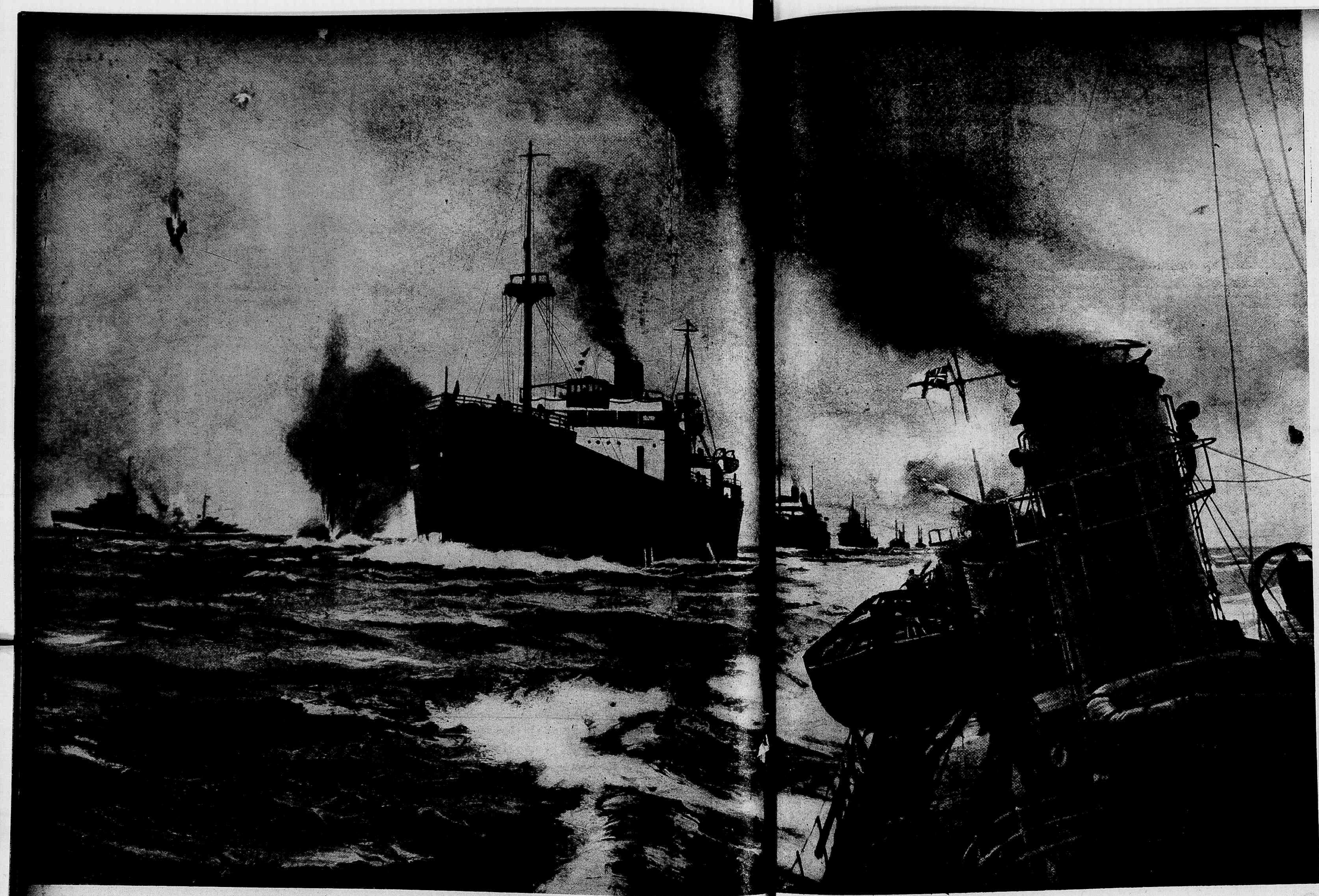
FAZENDO O "FOOTING" por trás de Casa Marina. Em tempo de paz, com sua vista do golfo, sua piscina, suas acomodações luxuosas, Casa Marina era um ponto de turismo.



O JOGO NÃO FALTA. Duas esposas de oficiais procuram encher seu tempo enquanto "êles" não vêm...



E' uma variante bem aprazível o sport no terrago do proprio hotel.



O comboio responde à ameaça do submarino. Semana após semana, eles alcançam os portos da Inglaterra, sem que grandes perdas ocorram capazes de prejudicar o ritmo da guerra, nem também suficientes a diminuir o poderio marítimo, imprimindo feição diferente ao curso dos acontecimentos.

Por outro lado, vários ataques empreendidos pela aviação inimiga tem resultado infrutíferos, alcançando no máximo ligeiro sucesso, dada a intensidade do fogo anti-aéreo e a proteção dos aviões de combate.

Montague Dawson, nos dá no desenho que reproduzimos, uma impressão muito real de como responde o comboio ao ataque do submarino e às investidas dos aviões. Havia, nos primeiros dias da guerra, uma atmosfera de descrença e dúvida, quanto às possibilidades do comboio. Mr. Winston Churchill concorreu decisivamente para a instituição do sistema de comboios, apesar do ceticismo existente. O assunto dependia de uma experiência cujo resultado viesse aclarar, de uma vez por todas, as diferentes opiniões. E foi o que se fez, provando-se indiscutivelmente a oportunidade dos sistemas de comboios fortemente escoltados, apesar da demora que ocorria nas travessias, das dificuldades decorrentes da entrada dos portos e de outros serões. Mas a evidência da diminuição do número de afundamentos foi convincente. A decisão a que chegaram os responsáveis pelos destinos das Nações Unidas, com respeito à proteção dos navios que sulcam os mares, estabeleceram comunicações, levando suprimentos, transportando material e possibilitando os grandes deslocamentos de forças, ésem dúvida nenhuma bastante acertada. O milagre de Malta que se manteve e se mantém isolada no oceano, muito apesar dos repetidos e intensos bombardeios, corre por conta dos comboios que chegaram regularmente com provisões e munições de guerra, não permitindo assim que o heróico baluarte fosse vencido pela fome.

Os vitoriosos desembarques realizados sob as condições mais difíceis, em mares fortemente protegidos e que precederam a batalha da Itália, tiveram parte do seu sucesso garantido pelo sistema de comboios. Exércitos inteiros, com todo o equipamento próprio para imediata entrada em ação foram transportados em condições de máxima segurança em zonas presumivelmente infestadas pelos corsários do Eixo. E o desembarque se operou ainda sob a proteção dos grandes canhões das unidades da marinha de guerra aliada. Estabelecidas as primeiras cabeças de ponte e os mesmos navios, que haviam escoltado os transportes e que tornaram possível o desembarque, passaram a bombardear as posições da retaguarda inimiga, facilitar a progressão e abrindo caminho para as forças de terra.

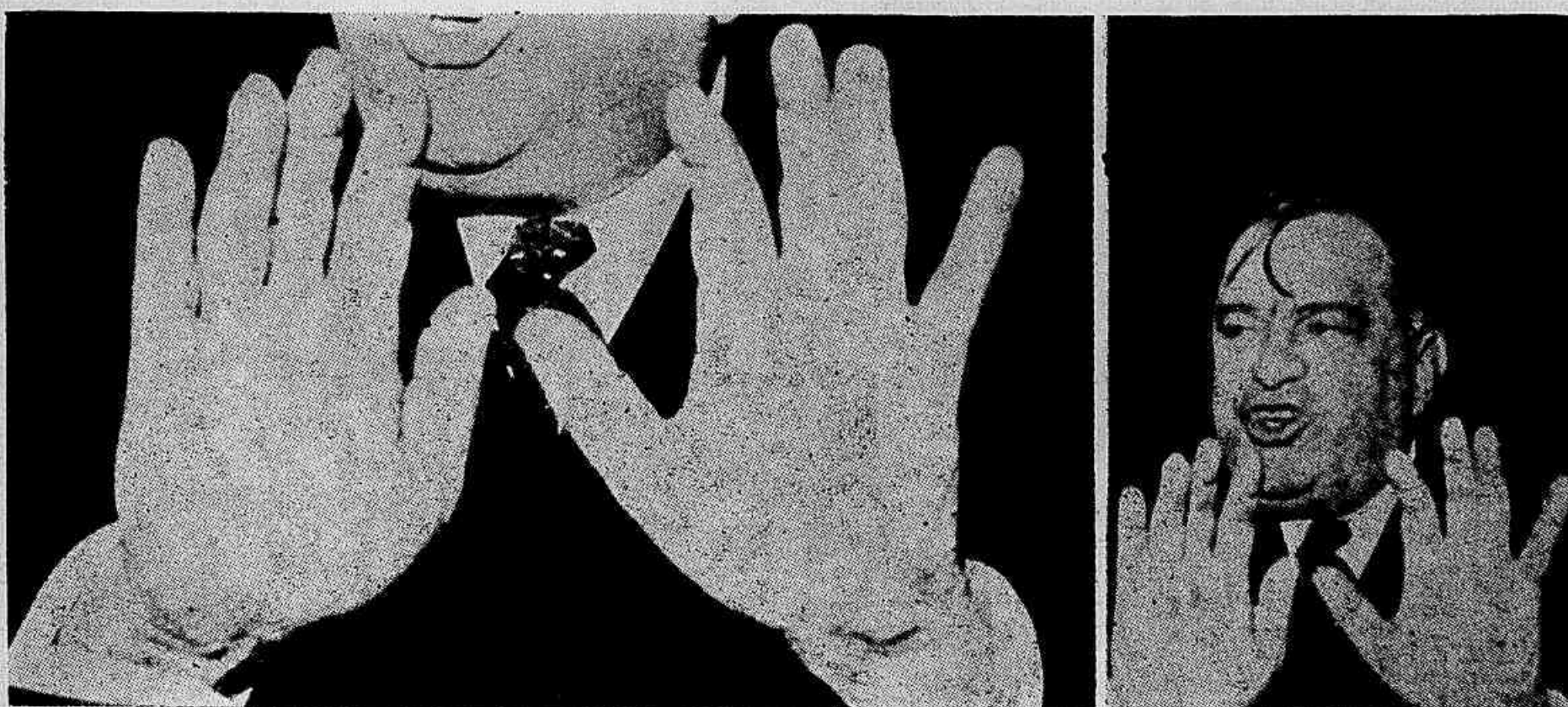
O dramático momento da luta de um comboio que aqui reproduzimos, ficará como uma afirmação do heroísmo dos marinheiros das Nações Unidas e do muito que vem contribuindo para a vitória final.

AS GRANDES CENAS DA GUERRA



VOCÊ FAZ O GESTO DE OFERECER COMO O GENERAL DE GAULLE? — O gesto de oferecimento revela um caráter aberto, franco, que nada procura ocultar. No seu aspecto positivo, uma pessoa assim, desde que tome uma resolução, merece toda a fé e confiança.

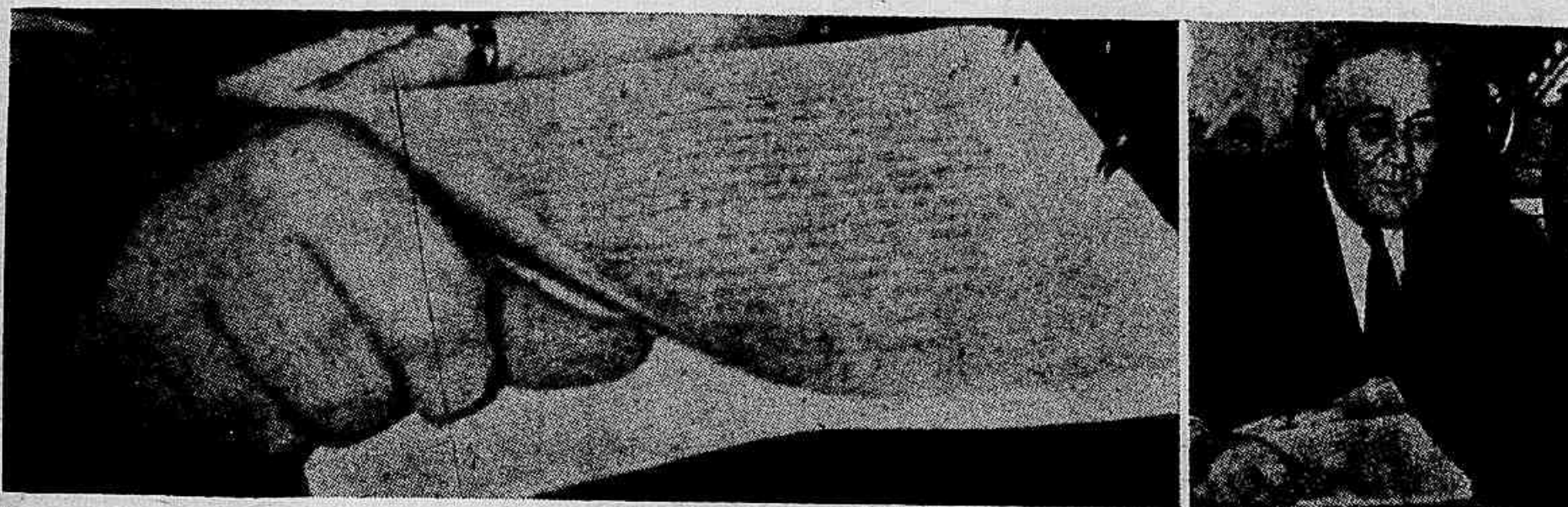
Está inclinada a advogar qualquer causa, contanto que seja uma proposição decente nos seus fundamentos. No seu aspecto negativo, essas pessoas são os piores diplomatas do mundo. Irritáveis e impacientes, são desordenadas e rudes.



VOCÊ FAZ O GESTO DE EMPURRAR COMO FIORELLO LA GUARDIA? — O gesto de empurrar é distintivo do introvertido (nesta fotografia, é obvio, aparece o introvertido adaptado), de quem espera ser atacado e se acha preparado para resistir. Quando positivamente, significa preparação e coordenação. Quando este movimento é ampliado pela separação dos braços do corpo, denota uma tendência para a agressividade e as qualidades extrovertidas. Negativamente, tal gesto é uma demonstração de medo.

A psicologia dos gestos e das posições das mãos é uma ciência relativamente nova. Enquanto estudava em Viena e fazia pesquisas ali no Hospital Mt. Sinai, de New York, tive o ensejo de ajudar psiquiatras a rapidamente identificar tipos, graus de extrovertismo e introvertismo, analisando a estrutura das mãos dos pacientes e os seus gestos inconscientes, habituais.

Na mão, os dedos são a chave, o polegar é o índice da personalidade. A



VOCÊ FECHA O POLEGAR COMO FRANKLIN D. ROOSEVELT? — O polegar fechado acusa determinação calma e ação objetiva. Quando descansa tranquilamente ao lado dos dedos, é sinal de que o cérebro domina a emoção. Interpretado positivamente, significa que a lógica é a sua força motriz. Uma pessoa assim jamais transige, depois que o intelecto mostra a retidão da causa. Negativamente, uma pessoa com tal característico só se torna um lutador, quando é obrigado a lutar.

A seguir, se mostram quatro gestos básicos. Observando-se se são habituais ou apenas ocasionais, se tem um elemento a mais para definir a personalidade e a maneira deste atuar. Antes que uma criança aprenda a falar, ela usa a linguagem das mãos. Mais tarde, esta passa para um segundo plano, mas permanece como parte integrante do indivíduo no resto de sua vida. A intensidade de gesticulação é hereditária e racial, mas a forma pela qual os gestos são feitos é tão individual, tão pessoal, como o caminho que você segue na vida. O polegar levantado, símbolo da coragem britânica, não foi uma escolha arbitrária, nem se pode atribuir inteiramente ao seu significado lendário nos combates de gladiadores. É o gesto inerente, inconsciente dum indivíduo, ou dum povo possuído de confiança em si mesmo e de firme propósito de vencer.



tendência para esconder esse dedo na palma da mão revela um complexo de medo, completa dependência dos outros. O polegar apertado dentro da mão com sua unha aparecendo denota uma natureza desconfiada. As mãos cujos dedos tenham as pontas voltadas para cima pertencem a personalidades flexíveis, impulsivas e que se encolerizam com facilidade. Vamos mostrar primeiro as quatro posições básicas das mãos. A seguir, os quatro gestos básicos.



VOCÊ FECHA OS DEDOS COMO MADAME CHIANG KAI CHEK? — Os dedos fechados são essencialmente o índice do acanhamento, do espírito reservado das pessoas que exercem um controle absoluto sobre suas emoções. Embora presas por laços rígidos, atávicos e nacionalistas, tais pessoas escolhem com cuidado e coragem o caminho a trilhar seguindo-o a todo o custo. Em personalidades não tão altamente desenvolvidas, os dedos unidos revelam extrema cautela, uma tendência para serem dominadas pelas convenções, um complexo de medo.

VOCÊ FAZ O GESTO DE CORTAR COMO ELEANOR ROOSEVELT? — O jeito de cortar é característico do extrovertido altamente emotivo, mas resolutivo. Encarado positivamente, é indicio duma alta tensão e se encontra inevitavelmente nos maiores entusiastas do mundo, nos realizadores, nas pessoas de ação. É um gesto determinado, de quem luta por uma causa.

Negativamente, assinala as pessoas que se deixam conduzir ou desviar pela torrente de suas emoções. Tais pessoas se irritam facilmente e tendem para ignorar, com impaciência, os obstáculos e demoras de qualquer natureza. Imaginam que a sua posição numa dada situação é a única sustentável, e que o seu modo de agir é o único possível.

VOCÊ FAZ O GESTO DE ABUTRE COMO HITLER? —

Esse gesto é típico do fanático irrequieto. Traduz-se positivamente numa ansia pela prosperidade da família ou da nação, sendo o gesto essencialmente egocêntrico. Negativamente, o gesto de capina, o tremor espasmódico das mãos acusam falta de coordenação. A insegurança e a tensão emocional são as forças motrizes primordiais. O polegar dobrado na direção dos outros quatro dedos mostra ansiedade, desespero, uma consciência de humilhação.



VOCÊ LEVANTA O POLEGAR COMO CLARE LUCE? — O polegar voltado para cima indica uma pessoa de fibra com características intelectuais másculas. No seu aspecto positivo, este polegar assinala uma natureza combativa bem desenvolvida, uma determinação inflexível de perseguir o fim desejado. No seu aspecto negativo é típico de quem procura compensar suas inibições com uma demonstração de força, uma tentativa de dominar. Isto não raro degenera em completa exaustão.

VOCÊ ABRE OS DEDOS COMO WINSTON CHURCHILL? —

Os dedos abertos denotam espíritos inatamente revolucionários, vivos, ágeis, impressionáveis. Tais pessoas nunca hesitam, quando é preciso agir; sua mobilidade mental lhes permite ajustar-se facilmente aos contratempos ou novas conjunturas. A resistência tenaz e a perseverança são indicadas por este polegar. No sentido negativo, tal polegar pode converter a tenacidade em teimosia e obstinação.



O JOCKEY CLUB MUNDANG



Quatro flagrantes tomados na "pelouse" do Hipodromo da Gavea que, por si mesmos, bem atestam o brilhantismo de que se revestiu o "meeting" turfistico de domingo ultimo no prado do Jockey Club Brasileiro.



PARA VOCE, QUE NÃO É BONITA

Para você que não é bonita mas a quem sobram dotes de inteligência e de cultura para você que me deixou ler nas entrelinhas um enorme complexo de inferioridade por que não possui as pernas de Betty Grable e a beleza estranha de Heddy Lamarr, aí vai minha resposta: minha amiga, já está longe o tempo em que só as mulheres lindas venciam os embates sentimentais ou eram imortalizadas nos poemas. Naquela época somente a beleza física poderia evidenciá-las ao olhar do homem porquanto do que concerne à supremacia do espírito ou a essa coisa mágica que se chama *personalidade*, via de regra, nenhuma a possuía. E a razão era bem simples. A mulher vivia na triste contingência de quase escravidão. Seus maiores anelos, a própria sutileza de seus sonhos eram absorvidos e decompostos no mais simples dos advérbios: o de negação, palavra predileta do pai do esposo.

Entretanto, no século XIX, quando o romantismo campeava na Europa, surgiu a mulher que, NÃO SENDO BONITA, foi delirantemente amada, conheceu as culminâncias da glória e imortalizou-se nas melodias de Chopin, nas palavras de fogo de Lamartine e nos ritmos suaves do poeta do *Clair de lune*.

Não, George Sand não era bonita. Mas tinha convicções e talento. Além disso era o que era. Queria parecer-se apenas com uma pessoa — *ela própria*.

Sabia que uma vida inteira de sofisticação não pagaria um minuto vivido na irradiação do próprio eu. Afrontou o olhar do crítico pessimista. Lutou e venceu.

Mas objetará você: "George Sand era um gênio". Sim, concordo, é certo, mas porque era um gênio conquistou o Mundo. Você — sem ser genial — possui elementos suficientes para conquistar o "seu mundo". Precisa lutar para mostrar ao "crítico pessimista" que vive no olhar do ente a quem ama, que muito mais preciosos do que a beleza física (desfeita à medida que o tempo marcha) são o esplendor de uma alma e o remanso tranquilo de um coração fiel.

Aposte-lhe, "inteligentemente" os exemplos de Bette Davis e Ida Lupino — que, apesar de reconhecidamente feias, venceram pelo talento; lembre também o maravilhoso auxiliar do Presidente Roosevelt; aquele que mais o ajuda e ao qual deve, sem dúvida, grande parte de suas vitórias políticas, o auxiliar prestimoso que é essa mulher toda coração a quem os americanos chamam afetuosamente: a nossa Eleanor. Recorde a seguir Mrs. Simpson pela qual Eduardo VIII abdicou do trono da Inglaterra e que, positivamente, não é tipo de beleza.

Recorde tudo isso e depois — docemente — pelo milagre da simplicidade e pelo sortilegio da imaginação — faça com que ele "compreenda", "veja" e "ame" APENAS o que existe de realmente admirável em você. [E, depois, acolha-o na eternidade triunfante do seu amor.

No Teatro da Moda
Lucienne de Paris



(Fotos da Warner Bros)

Reportagem de SUSAN RHODE exclusiva para a REVISTA DA SEMANA

O sol doirava os jardins das mansões de Beverly Hills quando o carro de Dorothy Day — a encantadora novíssima da Warner — encostou em frente ao portão da sua casa.

— Hello! Dottie, saudámo-la da varanda.
— Hello, respondeu alegremente enquanto, muito ligeira, atravessava o jardim que nos separava.

— Pensávamos que hoje você não saísse mais do "studio", *dar*.
— Em compensação julguei que tivessem desistido da entrevista.

— Mas julgou muito mal. O público, como sempre acontece, exige notícias dos seus favoritos.

— E eu, bem, eu — para que nega-lo? — também gosto muito dos meus "fans". Entretanto, confesso, estimaria adiar a nossa "interview" por algumas horas. Sabe porque?

E mostrando dois rapazes carregados de malas e chapeleiras. Aqueles são os conjuntos que usarei durante minha estada em New York; como vocês sabem, estou de

partida e torna-se absolutamente necessário constatar os defeitos — se é que existem — das roupas que separei para a minha permanência no Waldorf.

— Vai experimentá-las agora?

— Gostaria muito.

— Mas isso é ótimo, Dottie. E' esplêndido! Maravilhoso!

— Que quer dizer isso, meu Deus! Posso sabê-lo?

— Claro. E' que ao envez de você conceder uma entrevista comum vai nos permitir uma sensacional reportagem de modas.

— He...ein?

— Pois é, Dottie. E por falar nisso podemos começar. Que tal a primeira toilette?

— A primeira toilette é composta de duas peças: uma jaqueta quadriculada em preto e branco, cujos ornamentos consistem numa golinha em veludo negro de Chesterfield e quatro botões grandes de couro. A saia, em fina lã negra, tem um ligeiro franzido na frente que recorda as saias das amazonas anteriores a 1900. Bolsa de cromo preta, luvas brancas e chapéu de feltro, combinando as duas cores e enfeitados com laçinhos de cordão, completam o conjunto.

— Que por sinal é lindo.

— Sinceramente?

— ... E o segundo traje?

— O segundo é um gracioso costume de "faillie" negra com seis botões da mesma fazenda e um pequeno "jabot" de organza branca. Este combina com o chapéuzinho ornado com fitas de veludo e com os punhos também em "ruffles". Uma "argenteé" completa a "toilette" própria para um "cock tail" a dois.

De Dorothy Day

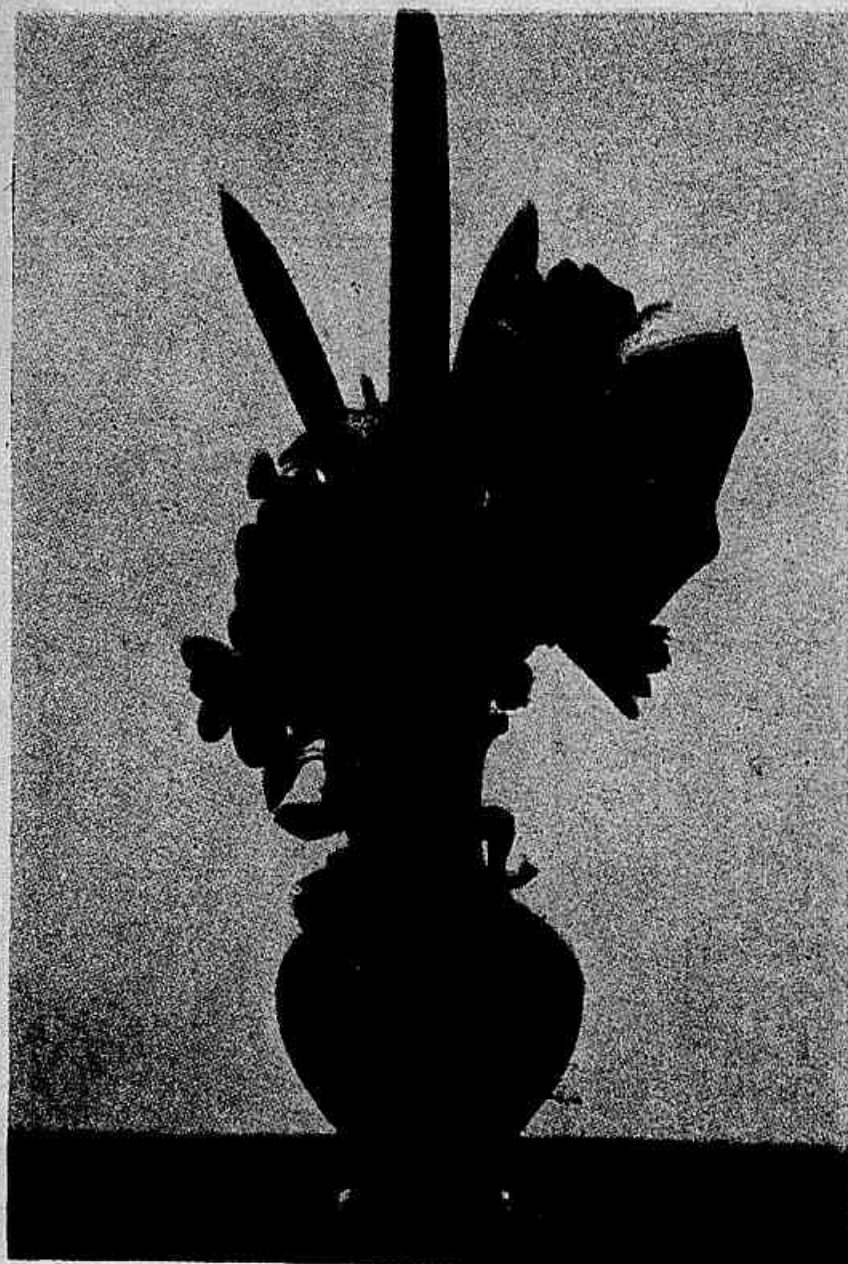


— Que felizando o "outro um".
 — Talvez nem tanto como você pensa, meu bem. Enfim, voltando ao velho assunto: o que vai surpreender a vocês é a mania que eu tenho pela moda anterior à grande guerra e que tanta difusão teve entre as artistas inglesas. O grande chapéu de palha verde com a fita de gorgorão e o véuzinho, a blusa de seda branca e folgada justa nos punhos que termina num franzido. Sobre o "jabot", um grande laço em tafetá tão negro como a saia, em finíssima lã. E agora os detalhes: sobre as luvas pretas uma pulseira de ouro combinando com os brincos, em ouro e diamantes. Como vocês observam, é um conjunto muito elegante para um almoço.
 — E para o jantar, Dottie? Ainda não vimos um modelo sequer.
 — Pois fiquem sabendo que tenho varios, ouviram? Mas somente, agora, lhes vou mostrar um. E' precisamente este, falou quando surgiu encantadora num vestido de "jersey" negro, muito simples e lindissimo. O decote era em V, a blusa em corte oriental com mangas curtas e ombros retos. O modelo inteiro possuia apenas um franzido do lado que saia do corte do fecho "éclair". Luvas de "jersey" de cano comprido, onde um riquissimo bracelete de diamantes tomava fulgurações estranhas, harmonisavam-se com o grande chapéu trabalhado em "faille" e ornamentado apenas com uma rosa vermelha.
 De fato, Dorothy Day estava com um guarda-roupa maravilhoso a deduzir-se pelas mostras que nos deu. Possivelmente faria um grande sucesso em New York não desmerecendo sua fama de mulher elegante. E certamente aumentaria seu numero de "fans". A tudo isso nos referimos enquanto sorviamos um cálice de "cointreau".
 E quando dissemos "good-bye", a lua redonda e romantica da California já espiava maliciosamente os quarteirões iluminados de Beverly Hills.

Brasil

O Lar

A arte de arranjar as flores em casa parece que, no Oriente, atingiu culminâncias jamais alcançadas pelos povos ocidentais. Entretanto apresentamos aqui combinações florais verdadeiramente notáveis encontradas em casas americanas.



cos e folhas horizontais dispostos numa jarra de vidro branco com passaros de vidro colorido como acessórios. Ornamentação de Mrs. Edward C. Blum do Garden Club of America.



(3) — Uma composição tropical feita de plantas tropicais arranjadas por Mrs. Robert H. Wyld obteve também grande sucesso.

(4) — Esta combinação de Mrs. Ralph Magoffin para o New York State Federation of Garden Clubs, obtendo esse maravilhoso efeito de cores de fato é uma esplendida sugestão para aqueles que apreciam um lar bem ornamentado.

(5) — Para finalizar estampamos uma composição em a sombra completa o desenho: um grupo de flores vermelhas e folhas num pote de ferro com uma figura de metal, de autoria de Mrs. Alfred B. Freening do Garden Club of America.

(1) — Num vaso retangular de porcelana azul e base negra, ficará belíssima essa combinação de flores feita por Mrs. William Hutchinson e premiada num concurso instituido pela New York State Federation of Garden Club.

(2) — Outro arranjo notavel é constituido por esse grupo de "calla" bran-

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

A MULHERZINHA RUIVA

Conto dos escritores franceses I. H. ROSNY

Estávamos no cais de Lucerne, entretidos a ver passar a multidão, quando o nosso companheiro Bertrand cumprimentou um rapagão belo como um deus, sedutor como o próprio D. João Tenório. Ia de braço dado com uma mulherzinha de cabelo ruivo como as folhas mortas, maçãs do rosto salientes, a pele semeada de sardas e olhos cor de âmbar, pequeninos mas extraordinariamente animados.

— Ora aí está um casal bem combinado! observou Valreuse. — Com certeza a pequena trouxe um destes dotes que tornam aceitável tudo o mais.

— Enganas-te... respondeu Bertrand. — Trouxe apenas a sua beleza. Foi um casamento de amor. Jorge Trévoux adora a esposa que perfeitamente lhe corresponde.

— Quer dizer então que Trévoux sofre de catarata dupla e já adiantada...

— Também não. Continua a distinguir perfeitamente uma bela mulher doutra que o não seja. — E Bertrand tomou definitivamente a palavra. — A questão é que, na qualidade de homem mais ou menos amado por todas as mulheres, deixou de ligar à beleza uma importância ca-

pital. Outras qualidades lhe agradam, por exemplo a energia, a bondade, a lealdade, a dedicação. E a ruivazinha que acabamos de ver possui tudo isso em boa dose e harmonia. Seria capaz de andar a pé cincoenta quilômetros num dia. Suportaria a fome e a sede como um dromedário. Tem a intrepidez e o sangue frio dum velho soldado. É leal como o cavaleiro Bayard. E agora fiquem sabendo que essa afeição não obedeceu ao fenómeno do "ver-te e amar-te" da literatura sentimental. Para que ela se manifestasse, foi necessária uma circunstância que tornou evidentes as qualidades de Mlle. Alice Violène.

Foi numa ocasião em que Trévoux viajava pela Síria e a Palestina, com duas famílias amigas. Eram ao todo doze turistas e cerca de vinte Árabes e Turcos que formavam a escolta. Havia seis homens, duas senhoras e quatro moças, uma das quais tão bonita que Jorge, apesar da experiência da vida que o tornara um celibatário convicto, não deixava de se sentir um tanto atraído... Quanto à ruivazinha desempenhava na excursão um papel modesto, qualquer coisa entre governante e professora. Logo Jorge apreciou a sua valentia de andarilha, as suas maneiras francas, a sua alegria. Isso, porém, não seria bastante. E além de ter começado a gostar da outra, a menina de família, nunca lhe passaria pela cabeça a possibilidade de amar de veras aquela criatura nada formosa, sem nenhuma espécie de sedução.

Um belo dia, o grupo itinerante resolveu aventurar-se pelo areal. Não muito longe. O bastante apenas para sentir o encanto da Arábia autêntica, a doçura selvagem das estrelas do deserto... Em geral, e por mais histórias que se contem, não é uma aventura muito perigosa. Os Árabes errantes acostumaram-se a ver passar esses bandos gozadores; e entre os homens da escolta ia um pretenso *sheik* que se gabava de, só com a exibição da sua pessoa, inspirar o mais sagrado respeito aos vagabundos...

Nada disso impediu que, certo dia, ao anoitecer, se notassem nas imediações do acampamento evoluções suspeitas. Vultos inquietadores pelo porte e as maneiras se mostravam ao alto das colinas vizinhas. A caravana percebeu que estava sendo cercada; e o perigo se tornou evidente quando a maior parte dos homens da escolta e o próprio *sheik* deram às de Vila Diogo. Só ficaram dois ou três turcos cujo aspecto tremelicante desmentia em absoluto a reputação de bravura da sua raça. Ouviram-se, a distâncias diversas, gritos bárbaros, sem dúvida aquilo que chamamos toque de reunir. E não se podia esperar que os bandidos se contentassem em roubar, poupando as vidas das suas vítimas. Aquela gente tem sempre o cuidado de suprimir as testemunhas das suas proezas. E para a sabedoria oriental só os mortos são mudos.

Quando o horror da situação deixou de oferecer a menor dúvida, todos os homens se encheram de medo, menos Jorge Trévoux. Quanto às mulheres, quasi morriam de terror, com uma única excepção: Alice Violène. Revelando subitamente a mais bela coragem, apossou-se da carabina dum quinquagenário que tremia da cabeça aos pés, e perguntou a Trévoux:

— Poder-se-á esperar desses homens alguma generosidade, alguma compaixão?

— Nenhuma. Estou certo de que nem as mulheres eles pouparão.

— Nesse caso, vamo-nos defender. Antes morrer lutando do que estupidamente, como animais acovardados.

Os outros, porém, não eram dessa opinião. À excepção de Alice e Jorge, nenhum dos indivíduos, machos ou fêmeas, ali presentes, seria capaz de manejar uma espingarda, sem o risco de matar os companheiros ou até a si próprio. Entretanto, ia o perigo assumindo a forma "prática". Assoberaram balas que, felizmente mal encaminhadas, não atingiram ninguém. Jorge e Alice responderam. Viu-se cair um Árabe; outro soltou um berro furioso...

— Deitem-se todos! mandou Trévoux.

A ordem era bem escusada. Homens e mulheres jaziam por terra. Os dois combatentes esconderam-se atrás das bagagens e continuaram a fazer fogo. Dispunham de nove carabinas de repetição e grande quantidade de balas. Ambos atiravam regularmente. Quasi sempre que aparecia uma parcela de árabe, havia um morto, pelo menos um ferido. Em dado momento, os filhos do deserto tentaram um assalto. Vendo, porém, cair sucessivamente o seu chefe e três guerreiros, a prudência os mandou recuar. Continuaram a atirar pela noite fora; mataram um dos viajantes e feriram quatro; ao amanhecer, porém, tinham perdido tantos homens, que bateram em retirada, sem chegar a perceber que os adversários eram apenas dois.

Jorge e Alice conseguiram, embora a grande custo, conduzir a caravana até lugar seguro e civilizado. Enquanto cumpriam essa missão, procediam entre si como verdadeiros companheiros de armas. Só quando tudo ficou em ordem deram largas ao júbilo que os possuía. Trévoux abraçou Alice, para a felicitar e lhe agradecer. O abraço prolongou-se. Jorge sentiu em si alguma coisa mais do que amizade pela sua companheira de aventuras. Pouco tempo depois, casavam-se. E esta história de amor me parece tão aceitável, pelo menos, como o eterno romance do cavaleiro fascinado por um pouco de beleza e de "linha".

Para qualquer fricção...

Use de AMPHORATILA uma porção. AMPHORATILA põe fim às dores reumáticas, nas costas, nos músculos, no peito, nas juntas e nos casos de caimbras, contusões, torceduras e anginas.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CRIATIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Para servir-se prospectos!
SOLHA
BRASIL

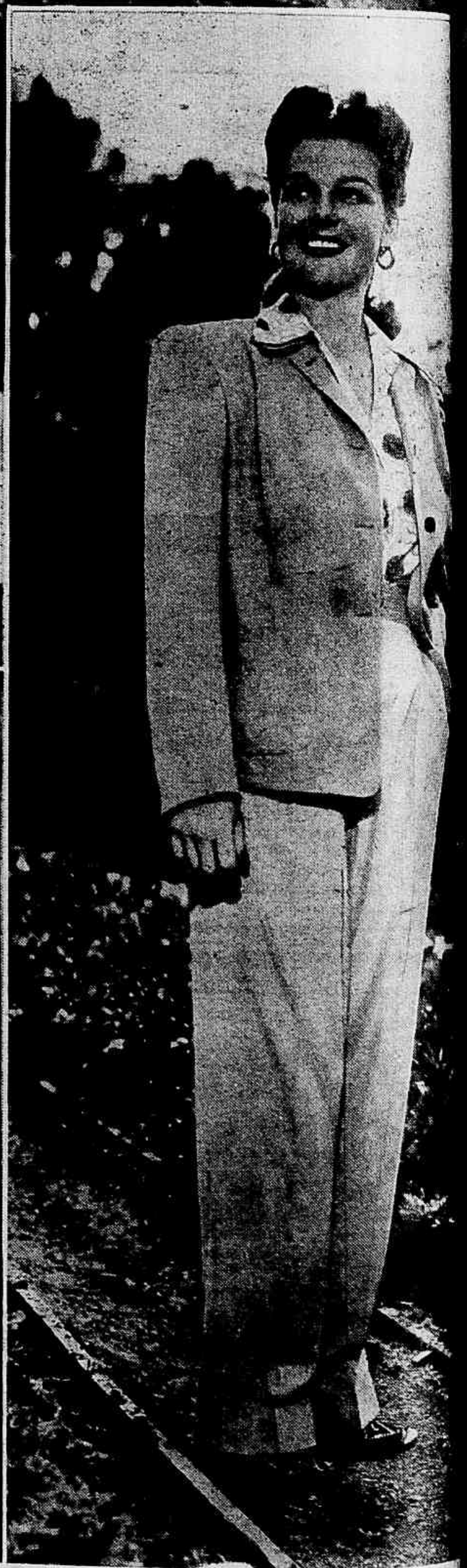
Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO
SPR. PELA CENH. SANIT. N. 9. J. 2

PRISÃO DO VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULAM OS INTER-
NOS SEM TORTURA-LOO.

DOR DE ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Póps
BANKETS

MENTHOLATUM
Acalma
QUEIMADURAS
Contusões e
Ferimentos

**'DEPRESSA, MARY!
TRAGA-ME
MENTHOLATUM'**



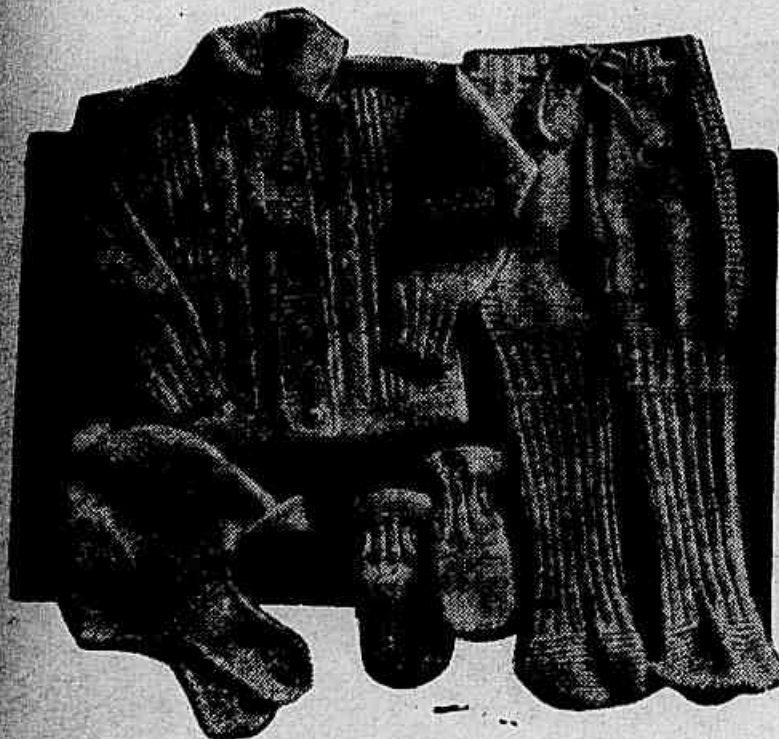
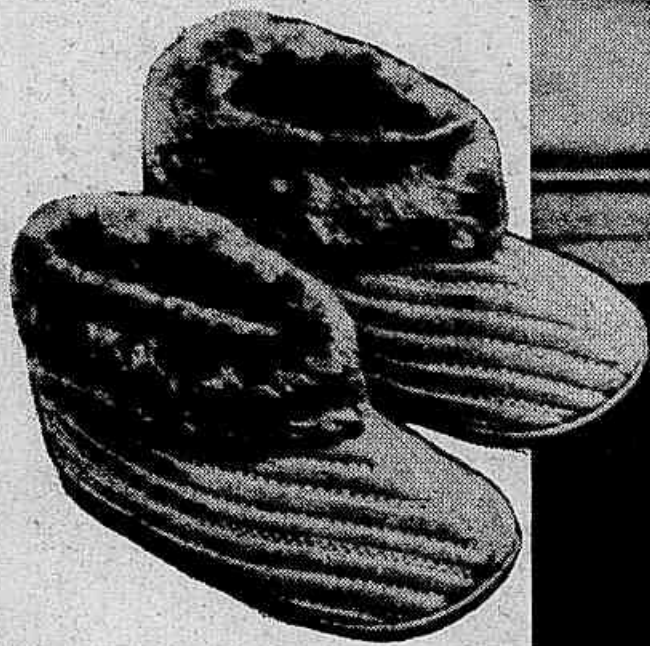
Slacks, Shorts e um good morning...

Marlene começou... e começou bem essa moda que parecendo masculina evidencia mais ainda os encantos femininos. Aliás, Marlene foi a melhor propagandista para os "slacks" e o "tailleur" porque possuía — e ainda hoje o possui, graças a Deus — um corpo perfeito. De Hollywood o uso dos "slacks" estendeu-se pelo mundo inteiro e agora faz um sucesso louco nas cidades de turismo brasileiras. Nos caminhos sombreados de Terezópolis, no parque romântico de S. Lourenço, nas areias de Guarujá e nas praias incomparáveis do Rio, brasileiras bonitas, que não precisam de banhos de sol para adquirirem — a dourada tonalidade das manhãs tropicais combinam "shorts" graciosos e "slacks" de fino tropical ou de panamá brilhante, de linho ou de casemira, com blusas estampadas ou riscadinhas ou com "sweater" e casacos de lã, por ocasião do frio. E justamente para elas oferecemos como adoráveis sugestões de graça e elegância esses conjuntos vestidos por Dolores Moran — numa encantadora montaria —, da Lupino, Joan Leslie e Ann Sheridan, — todas da WARNER BROS.

E, certamente, todas aquelas que ficarem tão encantadoras como estas terão assegurado o seu "good morning".



40 perguntas ao marido



Nota da redação: GRETA PALMER foi, durante cinco anos, a encarregada da página feminina do "New York World Telegram". Agora é uma escritora independente, especializada em assuntos médicos. Embora escrevendo para o leigo, sua informação é autorizada. A "American Medical Association" verificou os fatos cortados neste artigo.

VOCE conhece muitas senhoras que esperam filho; talvez você seja uma delas. E que sabe a respeito das últimas descobertas científicas sobre o assunto? Você com certeza se ri das histórias das velhas esposas segundo a qual uma faca afiada debaixo da cama facilitou uma *célivrance*, e, no entanto, você talvez acredite numa meia dúzia de lendas sobre a gravidez, também absurdas. Muitos homens e mulheres educados e bem informados acreditam nelas.

Você pode distinguir o que é falso e o que é superstição nas proposições a seguir.

1 — *Nascem mais meninos durante o período de guerra de que em tempos normais.*
E' verdade. A proporção de meninos para meninas cresce de 100 para 115 durante todas as guerras.

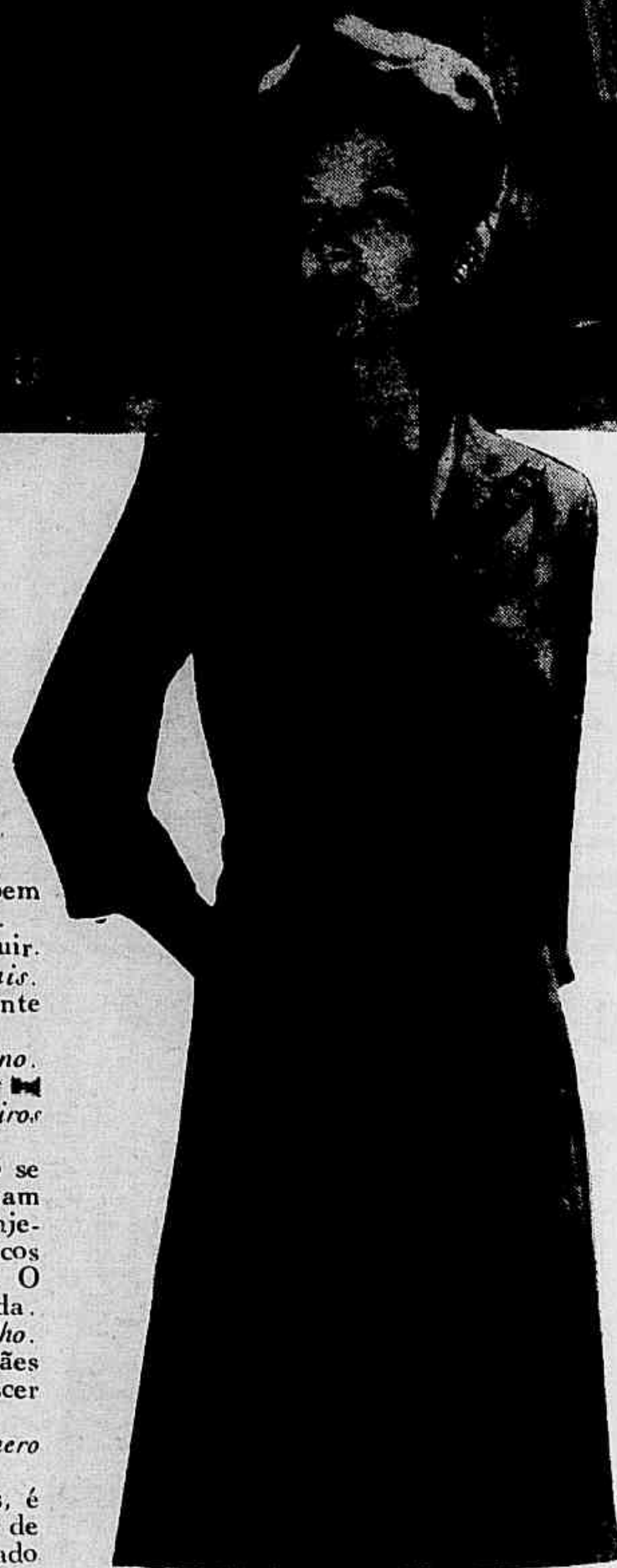
2 — *Se a mãe é quem manda dentro de casa, é mais provável que tenha um menino.*
E' falso. A personalidade dos pais não influe sobre o sexo dos filhos.

3 — *Há um método seguro para saber se uma mulher está grávida dentro dos primeiros dez dias.*
E' certo. O teste Aschleim-Zondek é considerado quasi infalível. Este método se baseia em que, durante a gravidez, certos hormônios da glândula pituitária se acham presentes nos líquidos eliminados pelo organismo em grandes quantidades. Si são injetados num rato, provocam um rápido desenvolvimento das células do ovário. Poucos dias depois da injeção, se abre cirurgicamente o animal, examinando-se os ovários. O teste em apreço pode ser feito uma semana apenas depois que a mulher fique grávida.

4 — *E' perigoso para uma mulher de mais de vinte e cinco anos ter o primeiro filho.*
E' falso. A mortalidade infantil e materna mais elevada se verifica quando as mães têm menos de vinte e mais de trinta e cinco. Entre estas idades, os bebês podem nascer com mais segurança.

5 — *Em qualquer grande população é matematicamente possível prever o numero de gêmeos, triplos e quádruplos que nascerão num dado ano.*

E' verdade. A incidência de nascimentos gêmeos, para todas as raças e cores, é de 1 para 87. Os triplos ocorrem uma vez em 6.569 nascimentos, isto é o quadrado de 87. Os quádruplos se verificam uma vez num número de nascimento igual a 87 elevado á terceira potência, e assim por diante.



e á mulher

Por GRETTA PALMER

6 — Se a mulher grávida não tem calcio suficiente em sua dieta, a criança a nascer o tirará de seus dentes.

E' falso. A criança que vai nascer tira o calcio mais frequentemente dos ossos da mãe do que dos seus dentes. O tratamento dos dentes, porém, no começo duma gravidez, é aconselhavel afim de evitar infecções na boca, que poderiam ser prejudiciais caso se generalisassem.

7 — Nos últimos meses da gravidez, um médico pode dizer infalivelmente qual o sexo da criança a nascer pelas pancadas do coração do feto.

E' falso. Ninguém pode predizer o sexo com segurança.

8 — Uma mulher tem a mesma probabilidade matematica de dar á luz um menino que uma menina.

E' falso. A proporção de nascimentos de meninos para meninas é cerca de 111 para 100.

9 — A criança do sexo masculino é, em geral, mais delicada que a do sexo feminino, e menos apta a viver nos seus primeiros meses.

E' verdade. Um quinto mais de meninos do que meninas morre durante o primeiro ano de vida.

10 — O tamanho da criança pode ser reduzido, desde que a mãe controle sua dieta durante a gravidez.

E' falso. A opinião mais moderna é que a dieta da mãe não afeta o tamanho da criança ao nascer.

11 — As crianças que nascem hoje em dia são menores que as que nasciam cinquenta anos atrás.

E' falso. Ouvimos falar muito de "crianças de doze libras" duma geração atrás porque os pais ficavam, então, orgulhosos do tamanho dos seus filhos e exageravam o seu peso.

12 — E' peor para a criança que sua mãe tome bebidas alcoolicas durante a gravidez do que durante o periodo de amamentação.

E' falso. Faz muito mal á criança que sua mãe beba alcool enquanto a amamenta. No que os médicos não estão de acordo é sobre se beber moderadamente durante a gravidez tem algum efeito sobre a criança por nascer.

13 — O parto é muito mais fácil para uma mulher primitiva de que para uma civilisada.

E' certo. Por causa dos seus músculos mais desenvolvidos, as mulheres primitivas têm, via de regra, um parto mais fácil do que as mulheres sedentárias, duma sociedade civilisada. Quando ocorrem complicações, entretanto, a mulher civilisada, num bom hospital, tem muito mais probabilidades de sobreviver.

14 — Uma criança de sete meses tem mais chance de sobreviver do que uma de oito meses?

E' falso. Quanto mais próximo estiver a criança de atingir o seu desenvolvimento completo, natural, maior a chance de sobreviver.

15 — E' mais facil o primeiro filho vir fora de tempo, que os subsequentes.

E' falso. Não ha diferença entre o primeiro filho e os ultiores a tal respeito.

16 — A mãe tem mais dificuldade no parto dum menino do que duma menina.

E' certo. O menino, comumente maior, é mais difícil de nascer. Isto se dá pelo seu maior tamanho e não por causa do seu sexo.

17 — O uso excessivo de anestésicos conduz a um elevado grau de mortalidade infantil.

E' verdade. Grande parte da mortalidade infantil e materna nos Estados Unidos é atribuida por eminente obstetras ás solicitações das mães a partos sem dor.

18 — As mulheres grávidas devem comer por duas.

E' falso. Demasiada comida pode aumentar muito o peso, e peso excessivo conduz á toxemia.

19 — Os banhos de banheira não são aconselháveis para uma mulher nas ultimas semanas da gravidez.

E' certo. Não se devem tomar duchas muito quentes ou muito frias nas ultimas semanas antes do parto e convem evitar os banhos de banheira.

20 — Uma mulher está mais apta a ter um filho na menopausa do que em qualquer periodo anterior de sua vida.

E' falso. Só se registraram muito poucos casos em que as mulheres, que nunca tinham sido capazes de conceber antes, o fizeram nos fins do periodo da menopausa.

21 — A fertilidade duma mulher cresce à medida que se torna mais idosa.

E' verdade — num ponto. Acredita-se que a fertilidade duma mulher aumenta da puberdade até o periodo entre as idades de vinte e cinco e trinta, quando atinge o seu máximo. Daí em diante, diminue gradativamente.

22 — Cerca de metade dos casos de esterilidade no matrimonio é curavel.

E' certo. Grandes progressos se têm feito neste sentido nos ultimos anos.

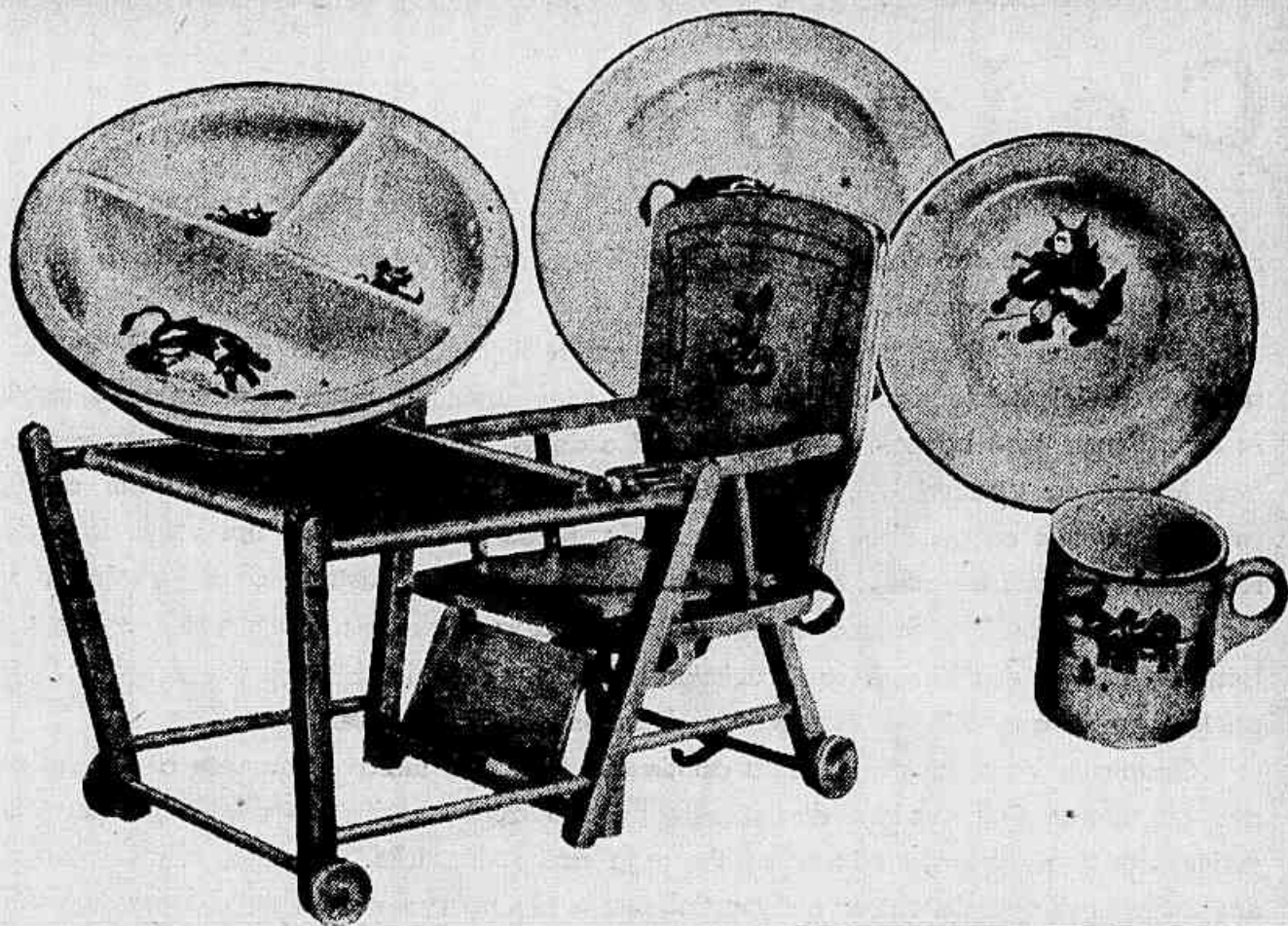
23 — Nos casos de esterilidade, a mulher é mais frequentemente estéril que o homem.

E' exato. A esterilidade no homem é de 30 a 50% dos casos submetidos a exame médico.

24 — O parto sem dor é agora possível para qualquer mãe em sua propria casa graças aos progressos da medicina nos recentes meses.

(Continua na pag. 50)

(Nestas 2 paginas: Modelos para futuras mães e coisas para os filhinhos).



Rotenol

A base de oleos balsamicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO



SE FOSSE SEU FILHO...

... Belo, cheio de saúde, impaciente por triunfar! Não há sacrificio que você não faça, nem dever que evite para seu êxito, sua felicidade e sua saúde. Faça-lhe ver a importância de manter os dentes limpos, escovando-os depois de cada refeição, ou, pelo menos, duas vezes ao dia — com Creme Dental Squibb. Não contém adstringentes, substâncias raspantes ou ingredientes que possam estragar o esmalte ou

irritar as gengivas. Pelo contrário, é fabricado com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. As crianças sentem prazer em usar este dentifricio agradável. Não somente gostam do sabor, como também ficam encantadas com a deliciosa sensação de frescor que

o Creme Dental Squibb deixa na boca. Compre um tubo... hoje mesmo. Procure o Selo da Casa Squibb, pois Squibb é um nome de confiança.



CREME DENTAL
SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

Colapso

(Continuação da página 12)

não teve que esperar nada. A escuridão do inverno já estava começando a cair; era um dia parado, nevoento.

Sentado no ônibus, passou os planos em revista. Tinha uma passagem, que o empregado do escritório juraria ter-lhe dado, e cujo número estava confrontando no livro. Ia agora usar esse bilhete. O trem de 3,57 o deixaria na cidade muito tarde para encontrar Muriel no Chadwicks, mas a tempo suficiente de encontrá-la no trem de 6,5 e explicar-lhe que os negócios o haviam retido. Esses negócios eram um ponto fraco, naturalmente, porém faria uma ou duas visitas rápidas que mostrassem de qualquer modo ter estado na cidade àquela tarde. Muriel estaria pronta a dizer que ele viera pelo trem de 1,52 e seu bilhete seria achado entre a coleta do dia, em Paddington. (Apenas ansiava para que não verificassem os bilhetes depois de cada trem!)

Quanto a Vera, ninguém sabia aonde ela fôra. Ela morava somente a poucas centenas de metros dali e viera diretamente para o apartamento, de modo que as criadas testemunhariam que ela não saíra de casa antes das três. De fato, ela estava morta dez minutos depois de entrar no apartamento e ele na rua menos de dez minutos depois. Vago como fosse o álibi, este ponto ao menos era a seu favor. Quando perguntariam os jurados, teria ele achado tempo para cometer o assassinato? O trem de 3,57 chegaria à cidade faltando um quarto para as cinco. Daí em diante faria por ser visto por diversas pessoas. A acusação não ia achar tudo à mão, mesmo se o apanhassem. A menos que alguém o tivesse visto, entrando ou saindo do apartamento, vamos admitir; mas estava inteiramente certo de que ninguém o vira.

"A senhora viu isto alguma vez em poder de seu marido, madame?" (Exibindo a faca).

"Nunca", Muriel responderia, em plena convicção; pois ele comprara a arma numa velha loja de curiosidades, no porto de Dover, há muito tempo, e estivera guardada entre suas coisas desde então.

Ou talvez não — quem sabe? — interrogassem a mulher, enquanto o marido estivesse sendo julgado. Não podia lembrar-se.

Quando chegou à estação, enrolou a *écharpe* em torno da boca e se esgueirou pelo portão com a cabeça baixa, suportando do melhor modo possível os minutos angustiosos que precederam a chegada do trem. Não custou muito, porém equivaleu a um ano de vida. Afinal o trem chegou. Entrando num carro cheio de gente do campo, desapareceu imediatamente atrás dum jornal e, por uma singular artimanha do espírito, que foi uma completa surpresa para ele, conseguiu esquecer durante muitos minutos o que havia acontecido. Não se sentia bem, e isso é que era a causa de tudo; a tensão o estava extenuando assustadoramente.

No momento em que o trem chegou a Paddington, saltou num taxi e seguiu para um certo endereço em Notting Hill, a ver um amigo que tinha um pequeno escritório e portanto devia estar presente. Despedindo o taxi na esquina da rua, Maurício marchou rapidamente e subiu ligeiro a escada estreita. "Entre e espere — estou de volta em cinco minutos", dizia um bilhete confiado, num cartão pregado na porta. Excelente. Entrou e apanhou um jornal. Gastou dois ou três minutos para verificar que era o mesmo jornal que estivera lendo no trem.

Um as passadas vigorosas pela escada anunciaram de repente a volta do proprietário e um segundo depois este entrou sem fôlego e pedindo desculpas. "Oh, é você! — Sinto imensamente. Demorei muito mais do que pensava. Acho que você esteve esperando muito tempo, não foi?"

Maurício relanceou os olhos pelo relógio. "Não muito. Somente cerca de vinte minutos".

— Imagine, sinto muito, não tinha a idéia...

— Oh, não tem importância. Não tinha nada de particular a fazer — forçou um sorriso. — Estava apenas imaginando se teria tido falta de sorte outra vez.

— Outra vez?

— Sim. Fui especialmente procurar Baines e ele não estava. — Boa saída. Acabara de ocorrer-lhe. Baines não *estava* no escritório essa tarde; soubera-o indiretamente. Estava cobrindo as pegadas em grande estilo.

— Oh, muito bem — o outro ofereceu a cigarreira. — Foi bom que afinal você me houvesse encontrado.

IV

Parecia não valer a pena fazer outras visitas, porém passou em dois lugares, no caminho de volta à estação. Então parecia haver uma lacuna esquisita em sua memória, pois de repente se achou na plataforma, carregando alguns embrulhos de Muriel, sem uma idéia clara a respeito de como chegara ali.

— Aqui — disse ela, fazendo alto diante duma porta. — Esta serve.

De regresso. Subindo da estação, subindo as escadas, chegando à porta...

Afastou a idéia, limpou um pedaço da vidraça e procurou olhar para fora. As luzes duma fábrica torvelinharam irrisoriamente de passagem. Estremeceu e se enrijou para suportar o longo, árido, eterno trajeto. Porque é que as pessoas no trem fazem que sim, com a cabeça, como os loucos? A cabeça estava-lhe balançando também, supunha. Como todos tinham o ar idiota — *acenando* que sim, em rítmica e pedante maneira, a algum conceito que não fôra ouvido; respondendo de único modo acessível à pergunta sem resposta — por que era que existiam? A coisa toda era simbólica da humanidade, respondendo às indagações supremas — por um assentimento obstinado e infinito, em vez de ser com a razão.

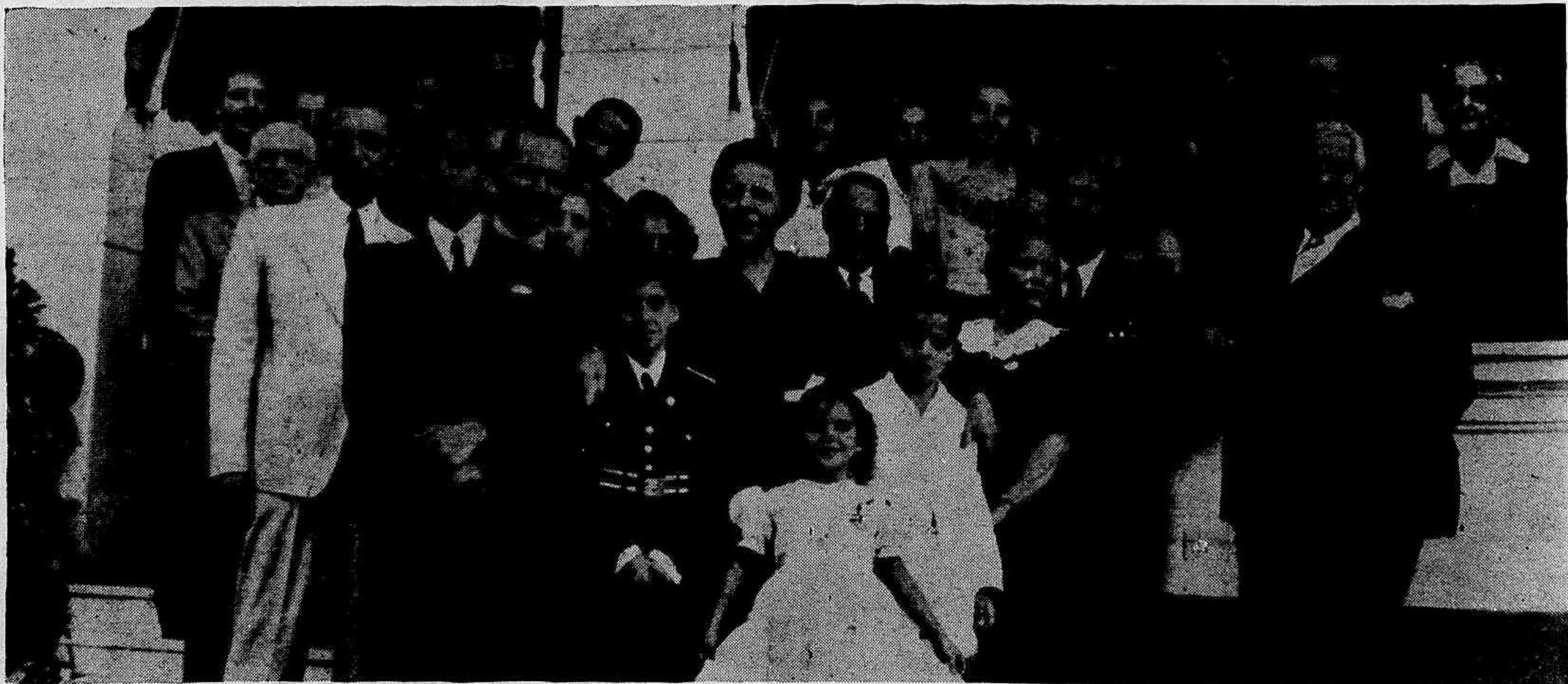
E outras perguntas. Ela estava morta? Sim — sim — sim. Sabiam que ele a havia assassinado? Sim — sim. Ele seria pegado? Sim — sim — sim. Seria enforcado?

O trem passou pelos desvios de uma junção e se largou por outro caminho, no escuro.

E cada aceno de cabeça, cada vucu-vucu das rodas o levava para mais perto daquilo... daquilo que havia acontecido. Afastava resolutamente a idéia e procurava ler as costas do jornal do homem fronteiro. Muriel estava no seu canto, os olhos fechados, uma das mãos delicadamente apoiada à face. Ela enfrentaria todas as coisas desagradáveis da vida, daquele modo, graciosamente, enjoativamente. Prezava muito a composição. Bem, daqui a pouco veremos como ela se arranja.

Achou-se passando em revista todas as passadas que dera para formar um álibi. Pareciam bem fracos — cheios de grandes lacunas através das quais o braço poderoso da lei poderia repentinamente apanhá-lo. Um leve calafrio correu-lhe pela espinha abaixo. Mas, apesar disso, não estava com tanto medo das consequências — estava era curioso, academicamente, desinteressadamente curioso — de ver como as coisas se passariam. A polícia local tomaria conta do caso, ou chamariam imediatamente Scotland Yard? Dominando-se, com um safanão, fixou os olhos no jornal que lhe vacilava em frente e com grande concentração leu qualquer coisa muito idiota a respeito duma atriz que estava sendo processada por quebra de contrato.

Afinal, depois de éras tão longas que toda sua vida e diversas existências prévias pareciam ter sido despendidos no mesmo hediondo compartimento, o trem diminuiu a marcha e saltaram no ar frio da plataforma. Tomaram um taxi, por causa dos embrulhos de Muriel. Precisamente do mesmo modo que a gente desvia o pensamento enquanto o dentista prepara o motor, Maurício desviava o espírito para todas as exterioridades que podia apreender durante o trajeto.



FIGURAS E FATOS. O casal Dr. Antonio José Leite e sua gentilíssima senhora D. Carlota de Oliveira Leite realizaram no dia 2 de Outubro p. findo, em sua residência á rua Lins e Vasconcelos n.º 405 nesta Capital, uma festa íntima que decorreu encantadora. Em dado momento foi apanhado o flagrante que estampamos.

O MAU HALITO

ODORANS

O DENTÍFRIO MEDICINAL

ERGUE BARREIRAS SOCIAIS...

A pessoa portadora de mau hálito geralmente ignora o mal de que é vítima e constrange mesmo os mais íntimos... Previna-se contra esse grande inconveniente, fazendo bochechos e gargarejos com uma solução

de Odorans. Pelo seu alto poder antisséptico e germicida, o dentífrico medicinal Odorans impede a fermentação — causa mais comum do mau hálito — e evita as infecções bucais, como piorrêia, gengivites, etc.

— Dois **shillings** e seis, não é? — estava agora repetindo. — Dois e seis, hein? — E tirou o dinheiro do bolso contando-o duas vezes, com grande deliberação, até que o ato se lhe registrasse na mente. — Oh, ah, sim... dois e seis. — O **chauffeur** estava olhando para ele. — Bem. Aqui está. Boa noite.

Estava subindo as escadas, os braços cheios de embrulhos. O coração parecia bater-lhe distintamente, agudamente, mais do que ligeiro; e imediatamente teve uma visão do coração, como uma espécie de cilindro com duas pontas convexas, batendo imperativamente contra os tecidos circundantes.

— Muito bem. Eu tenho uma chave.

Os modos de Muriel pareciam um tanto constrangidos. Ela o havia olhado estranhamente, pensou. Ora bolas! Fantasias. Isso mostra que a consciência pode nos enganar. Oh, meu Deus, aqui estavam, no pequeno **hall** escuro, apenas a poucos metros, apenas separados por uma porta! Quasi correu pela passagem para o quarto de dormir, tropeçando na porta e jogando os embrulhos num montão sobre a cama. Ficara de costas para Muriel, pois parecia ter perdido todo o controle da parte inferior do rosto. Muriel descansou a bolsa, tirou o chapéu, curvou-se para olhar o rosto no espelho do toucador; depois saiu do quarto, sem falar.

Transido e tiritante, ele se segurou na cama e procurou amparar-se. Ela seguiu pelo corredor. Estava diante da porta da sala de estar. Não... tinha ido para o banheiro. Ele passou a mão pela testa e procurou debalde humedecer os lábios. Aquilo era terrível, terrível, terrível, ficava repetindo mentalmente. Aquilo... ah. Ela havia voltado de novo. Ouviu-a girar a maçaneta da porta da sala de estar, acender a luz... Fechando os olhos, preparou-se para ouvir o grito.

O grito não veio. Podia ouvi-la andando pela sala. Ele... ela... oh, Senhor, aquilo ultrapassava o que se podia suportar, era pior do que qualquer alarido. Qualquer coisa lhe dizia que estava de olhos arregalados; refugou, sem coragem de olhar para o espelho e correu para o corredor, caindo, cambaleando, tateando, com as mãos estendidas para as paredes frias; enveredou para a porta iluminada; agarrou-se no portal, as juntas dos dedos destacando-se muitas bracas nas costas das mãos, e, com um esforço dilacerante, terrível, empurrou-se para dentro da sala e olhou para o soalho de frente do fogão.

Não havia ninguém. Nada, absolutamente.

— Ah... ah... ah... ah! — Uma gargalhada leve e trêmula soou no aposento e ele notou que partira de sua própria garganta. Alucinadamente ergueu os olhos. Muriel estava olhando para ele, espantada e contrariada.

— Que é que você tem, Maurício! — exclamou ela.

— Que é que eu tenho?

— Sim. — Ela deu um passo adiante. — Você tem se portado do modo mais esquisito esta tarde toda. — Soltou uma risada a meio, olhando-lhe bem dentro dos olhos. — Você não esteve bebendo, esteve?

— Esquisito? Eu... por que, que é que eu tenho de mais? — Preferiu as palavras, porém o tempo todo estava procurando lutar contra as coisas vertiginosas que ela acabara de dizer. A tarde toda. Esquisito naquela tarde. Fora isto que ela dissera.

Muriel riu de novo. Era o modo de fugir à irritação que ela sentia. — Não sei que é que se passa com você — respondeu ela. — O que sei é que você tem andado muito esquisito esta tarde toda. Todos estavam procurando saber o que era que você tinha. Eu bem que pude perceber.

A boca abriu-se-lhe de novo. — Todos... quem?

— Ora, no Chadwicks, naturalmente. Você não deu uma palavra a quem quer que fosse, exceto uma vez, quando foi duma grosseria inútil com o velho general McKie.

— No Chadwicks! — gritou ele. — Você não sabe o que está dizendo! No Chadwicks?

— Mas, Maurício, que é que você tem? Naturalmente você esteve... oh, meu bem! Maurício! Meu bem!

Pois ele tinha começado a rir — sem barulho, no princípio, uma tremura horrível e silenciosa; e depois estava berrando, soluçando, rindo, chamando alto...

V

Não soube quanto tempo se passou, e se achou de joelhos, agarrando-se nela, a cabeça descansando-lhe no colo; e ela lhe estava passando as mãos pelos cabelos, consolando-o, como se fosse um menino mimado. — Vamos, vamos, meu bem, Maurício, solando-o, como se fosse um menino mimado. — Vamos, vamos, meu bem, Maurício, meu bem, não há nada. Não há razão para ter medo. Nada, vamos, meu bem, olhe aqui.

NUNCA MAIS O CHAMARÃO

"POBRE MENINO

COMO ESTÁ MAGRINHO...!"



"Antes todos tinham muita pena dele. Era tão fraco e nervoso. Foi quando comecei a dar-lhe diariamente a aveia Quaker Oats - que diferença! Já aumentou varios quilos.,,

Realmente a aveia Quaker Oats é essencial para crianças desnutridas. É rica de todos os elementos exigidos pela natureza para um desenvolvimento firme e sadio do corpo, ossos e músculos. Ajuda a aumentar o peso e a estatura das crianças no período de crescimento. Enriquece o sangue, dá energia e combate o nervosismo e a fadiga. É igualmente proveitosa aos adultos. Dê com regularidade a aveia Quaker Oats a toda a família. Far-lhes-á bem e apreciarão o seu delicioso sabor.

Eis porque Quaker Oats de grão integral é realmente um alimento

"SUPER" NUTRITIVO"



A aveia Quaker Oats é três vezes mais rica em Thiamina (vitamina B1) para combater o nervosismo e criar nova energia; três vezes mais rica em ferro tão necessário para enriquecer o sangue; três vezes mais rica em fósforo para fortalecer dentes e ossos. A aveia Quaker Oats é "super" econômica e de fácil preparo. Compre uma lata hoje mesmo.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker - a original e legítima - identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



31 v.

E agora estava mais calmo; completamente tranquilo. Ajoelhou-se, os braços rodeando-a, olhando para a estante com os olhos escancarados, certificando-se da verdade. Dera-se aquele colapso — que ele estava recelando. Fôra isso; nada mais. Passara a tarde inconscientemente, um autômato, enquanto o pensamento andava ocupado... aqui. Toda aquela história — as precauções, os detalhes, a determinação intensa — podia perceber agora, a fantástica, ilusória lógica do espírito em desordem. E a imaginação — aquilo que havia feito a Vera. Santo Deus, se tudo fôra ilusão, o que não era possível esperar da vida?

Firme — essa era a maneira de ir para diante. Cingiu Muriel com força, durante um minuto; depois, mais calmo, lançou outro olhar ao chão, fazendo uma careta singular. — Você sabe — falou abruptamente — eu pensei que tivesse... E de repente estacou. Já havia tido complicações de sobra sem esta outra. Dizer o mínimo, hein?

Com os olhos gradualmente fechando, ouviu todas as coisas calmanes que Muriel estava dizendo por cima de sua cabeça. Ela vinha observando como ele estava ficando cansado, extenuado. Precisava dum repouso. Um bom repouso e uma modificação na vida. Deviam ir para fora, para a praia...

— Aquela laca — exclamou ele, de repente, levantando os olhos para ela. — Há muitos anos que não a tenho mais. Agora me lembro. Eu a dei, há anos.

— Sim, querido. Naturalmente você deu. Não se preocupe mais agora — e continuou de novo, tudo o que ele precisava era dum repouso. Então ele verificou que não precisava preocupar-se em ficar calado. Tudo o que dissesse ela atribuiria à sua depressão nervosa. Pobre Muriel! Estava aterrada, completamente aterrada e fazendo uma cara esplendidamente corajosa.

Levantou-se e ficou sentado ao lado dela, no sofá, passando-lhe os braços em volta do corpo, dizendo-lhe que não tivesse medo.

O CRIME

(Continuação da página 15)

— Veja.

Estendia — me um bilhete amarrotado. Era uma letra miúda, tremula, lançada à pressa no papel: "Estamos perdidos. Ele sabe tudo. Mandaram-lhe uma carta anônima. Mata-me, com certeza..."

Não sei como não estrangulei aquele miserável! Continuava a falar, perguntava-me o que devia fazer. Mas não o ouvi. Sai, cambaleando, com uma nuvem de sangue diante dos olhos, andei ruas e ruas, cerrando o punho, cravando as unhas na carne, cego. Vaguei toda a tarde sem destino. Que torpeza! com aquele insignificante, com aquele idiota!

Quando entrei em casa, já noite, andava-me a cabeça à roda. Mas seria possível? Como não tinha eu surpreendido nunca um sinal entre os dois, um olhar, um tremor de voz? Como não tinha eu visto nada, absolutamente nada?

Não pensei em Octavio.

Naquela grande desgraça, não me lembrei dele, tão meu amigo, tão nobre rapaz, tão digno, traído daquele modo, fulminado por aquela vergonha. Quiz ainda esquecer-me de mim, procura-lo, lastima-lo, consola-lo. Mas, a meu pesar, lembrava-me apenas de mim, que durante dois anos seguidos a tinha amado em silêncio, respeitando-o.

Que papel, que papel tinha eu representado! Fingido tudo aquilo, fingido o seu modo recatado de esposa digna, fingido o seu carinho pelo marido, fingida a indignação da-

OS CUIDADOS DE BELEZA TÊM QUE AGUARDAR A NOVA CHEGADA DE "PEARS"...

Na atualidade não é possível obter SABONETE PEARS devido as Nações Unidas necessitarem de certos ingredientes que eram empregados na manufatura de PEARS. Depois da guerra, porém, o SABONETE PEARS reaparecerá para os cuidados de sua cutis.



UM EXEMPLO DOS ESFORÇOS DE GUERRA DA GRÃ - BRETANHA

Setenta por cento dos habitantes da Grã - Bretanha cujas idades variam entre 14 e 65 anos, ocupam-se hoje exclusivamente com serviços de guerra. De fato, dos 33 milhões de ingleses naquela idade, 23 milhões e meio trabalham na base "full time" para os esforços bélicos.

SABONETE



Pears

- Lembre esta marca depois da guerra!

LINTAS PWB 4-0367

quela noite, na sala de jantar... Porque não a agarrei violentamente, porque não a amei ali mesmo, quando ela por certo não esperava senão pela primeira violência para ceder, como uma adúltera que era? Como pude ser tão inepto, que tomara por surpresa de honestidade o que era apenas requinte de faceirice? E compreendi até que ponto a minha amizade fôra sufocada pelo meu amor: o que eu sentia agora por Octavio não era já comiseração — era desprezo.

O traido era eu, era eu, que a amava; e parecia-me que ele era o único responsável por aquilo, como se tivesse o dever de vigiar a mulher, só para que eu não fosse traído.

Emfim, estava feito. Ele que se arranjasse... Eu que podia fazer?

E, num grande desconsolo, alquebrado pela colera que me sacudira todo, olhava, às dez da noite, para um livro que não lia, tristemente. Foi quando ouvi bater à porta. Quem poderia ser? Barbosa, talvez... Era melhor não abrir. Mas reconheci a voz de Octavio.

— Abre, Jacques!

Apresei-me. Entrou, muito calmo, apertou-me a mão, estirou-se na cadeira de balanço, dizendo-se cansado. Fiquei sem saber o que havia de lhe dizer. Espantava-me aquela tranquilidade: estaria o Barbosa louco? seria tudo aquilo uma invenção?

Octavio pegou no livro:

— Que estavas lendo?

E, sem esperar resposta e sem olhar para mim:

— Porque não apareceste ontem e hoje?

— Muito trabalho...

Ele levantou-se de um salto, atirou o livro ao chão e, segurando-me pelos ombros com os seus olhos nos meus, disse, entre dentes, num tom surdo:

— Minha mulher engana-me. Tu sabes disso...

Tive o poder de dissimular.

— Como? estás doido, Octavio?

— Sabes!

— Não sei nada, filho. E' impossivel! Quem te meteu isso na cabeça?

Ele sentou-se, calmo outra vez.

— Ouve. Não estou doido. Preveniu-me uma carta, com a indicação do lugar, da hora, todos os detalhes. Fui e vi-a entrar. Engana-me. Engana-me com o Barbosa, com aquele miserável. Tu sabias?

— Não sabia, acredita!

— Que infâmia!

Deu alguns passos pelo quarto, agitado, tomou o chapéu.

— Vem daí. Vamos andar. Isto aqui sufoca.

Saimos. "Aquela hora, quase deserta a praia de Botafogo. Fomos seguindo calados o paredão do caes, pela noite serena, cheia de vozes do mar, cheia da palpitância das estrelas. A praia estendia-se, recurvando a longa reticência luminosa dos lampeços. De quando em quando, um carro passava, descoberto, a toda disparada, transbordante de risadas e de cantigas. Octavio, de cabeça baixa, vergastava o ar com a bengala.

Então tive uma ideia covarde. Porque não aproveitar aquele ensejo de vingança? porque negar que sabia? porque não aproveitar o marido ciumento contra o rival odiado?

Ele parou:

Reagi contra a tentação.

— Não sabia. E mesmo não creio. Que provas ha?

— Digo-te que a vi entrar.

— Mas sabes lá se é a casa de alguma amiga!

— Jacques, fala com franqueza! estás mentindo. Sabias.

Não! eu não podia cometer aquele crime, seria uma abjeção...

Mas, ele insistia:

— Sabias, Jacques?

Não pude mais resistir:

— Pois bem! sabia.

E disse o que sabia e o que não sabia, inventei episódios, criei minúcias, reduzi Emma às proporções de uma coquette vulgar, pu-la nua, mostrei-a entregando-se ao amante, numa casa alugada, alarguei cruelmente a ferida que o desgraçado tinha no coração, envenenei-a, afolei todo o seu odio de marido enganado contra o Barbosa, aumentando-lhe e agravando-lhe a culpa, com uma perversidade sem nome.

— Que infâmia! que infâmia!

Esteve um momento calado, olhando o mar que estourava contra as pedras espumante. E, de repente:

— Basta! não falemos mais nisto. Vamos para casa. Moras perto de mim, deixarmos a porta. Falemos de outra coisa.

Mas não falámos de coisa nenhuma. Fomos andando em silencio, de braço dado, até que à porta da casa dele, voltei ao assunto, já arrependido do que fizera.

— E agora, que tencionas fazer?

— A ele? Nada. Ela ofereceu-se-lhe, ele aceitou-a. Demais, não era meu amigo. Sim! eu nunca o chamei amigo...

— E a ela?

— Nada também. Corro-a de casa, a pontapé, como uma ladra. Olha! vou ver se darmo, tenho a cabeça a arder. Vem cá, de manhã. Leval-a-ás para a casa da tia. Livro dela, vendo tudo, vou para longe daqui, para onde ninguém saiba desta vergonha. Boa noite...

E abriu a porta. Quiz ainda detê-lo. Ele impacientou-se:

— E' isto, filho! Vem amanhã, cedo. Não posso mais falar nesta imundície. Boa noite.

Entrou. Ouvi o rumor da chave fechando a porta, ouvi passos pela escada acima.

E a casa, na rua deserta, ficou silenciosa, escura, indiferente, como nas outras noites, quando eu saía d'ali tarde despedindo-me no topo da escada de Emma e Octavio, muito chegados um ao outro, muito felizes.

Tive remorsos. Que iria ele fazer? Se matasse o Barbosa, não seria eu o verdadeiro autor desse crime?

Mas aquele dia de comoções violentas acabara por aniquilar-me. O que eu agora queria era esquecer-me de tudo, fugir de tudo, dormir ou morrer, contanto que não pensasse mais naquilo.

Atirei-me à cama, sem consciencia.

Dia alto, acordei sobresaltado. Alguem me abalava a porta, violentamente, gritando.

Fui abrir. E Barbosa precipitou-se no quarto com a fisionomia torcida de terror, alucinado. Abraçou-se a mim, chorando. Tonto ainda de sono, fiquei sem compreender coisa alguma. Ele chorava, sem poder falar, sufocado pelo choro. Afinal, sempre pude entender: Octavio assassinara a mulher.

Contou-me os pormenores. De manhã, não se podendo conter, fôra rondar-lhe a casa. Havia muita gente à porta. Disseram-lhe que o Dr. Octavio matara a mulher a tiros de revólver; que já fôra preso; que a policia tomara conta da casa.

Ves!-me não sei como, corri para lá. Dois soldados à porta não me queriam deixar entrar: empurrei-os, subi a escada a quatro e quatro. Na sala, guardado pela policia, o corpo estava no chão, estendido sobre o tapete. Nenhuma pessoa da familia: Octavio preso e a tia, naturalmente, ainda ignorando tudo.

Emma estava vestida de branco, como naquela radiante manhã de domingo quando a vi pela primeira vez, a bordo. Colavam-se-lhe à testa os cabelos, empastados. Aberto no peito, o vestido deixava sair um seio moreno, rijo e curvo como um bloco de ouro, todo listrado de sangue.

Sob as palpebras arregaçadas, os seus olhos negros, os seus grandes olhos profundos fixavam-se em mim.

O outro vivia. Ela estava morta. Fôra eu quem a-matára?

Que importava?... ninguém mais beijaria aquele seio, beijado por dois homens, nunca beijado por mim...

Foi um crime o que eu fiz?

AS ENFERMEIRAS:

Como conservar o cabelo em bôa forma

Vocês que trabalham nos hospitais no rude mister da luta contra a morte, vocês dedicadas samaritanas que não hesitam em abandonar o conforto do lar para prestar auxílio aos combatentes, precisam constituir, mais do que ninguém, um exemplo perfeito da essência da vida; dessa plenitude que se resume em beleza, saúde e mocidade.

Todos os médicos são acordes em confirmar os benefícios da "cura psicológica". Este é sem dúvida o grande passo para a vitória final e outro não é o grande mérito do método da irmã Kenny para obter a cura da paralisia infantil.

Eis porque, enfermeiras, não basta que vocês sejam apenas bondosas e estejam sempre imaculadamente limpas. É preciso mais: que apareçam também graciosas e bonitas dentro da simplicidade do vestuário e da faina hospitalar.

Muitas de vocês me têm escrito queixando-se que

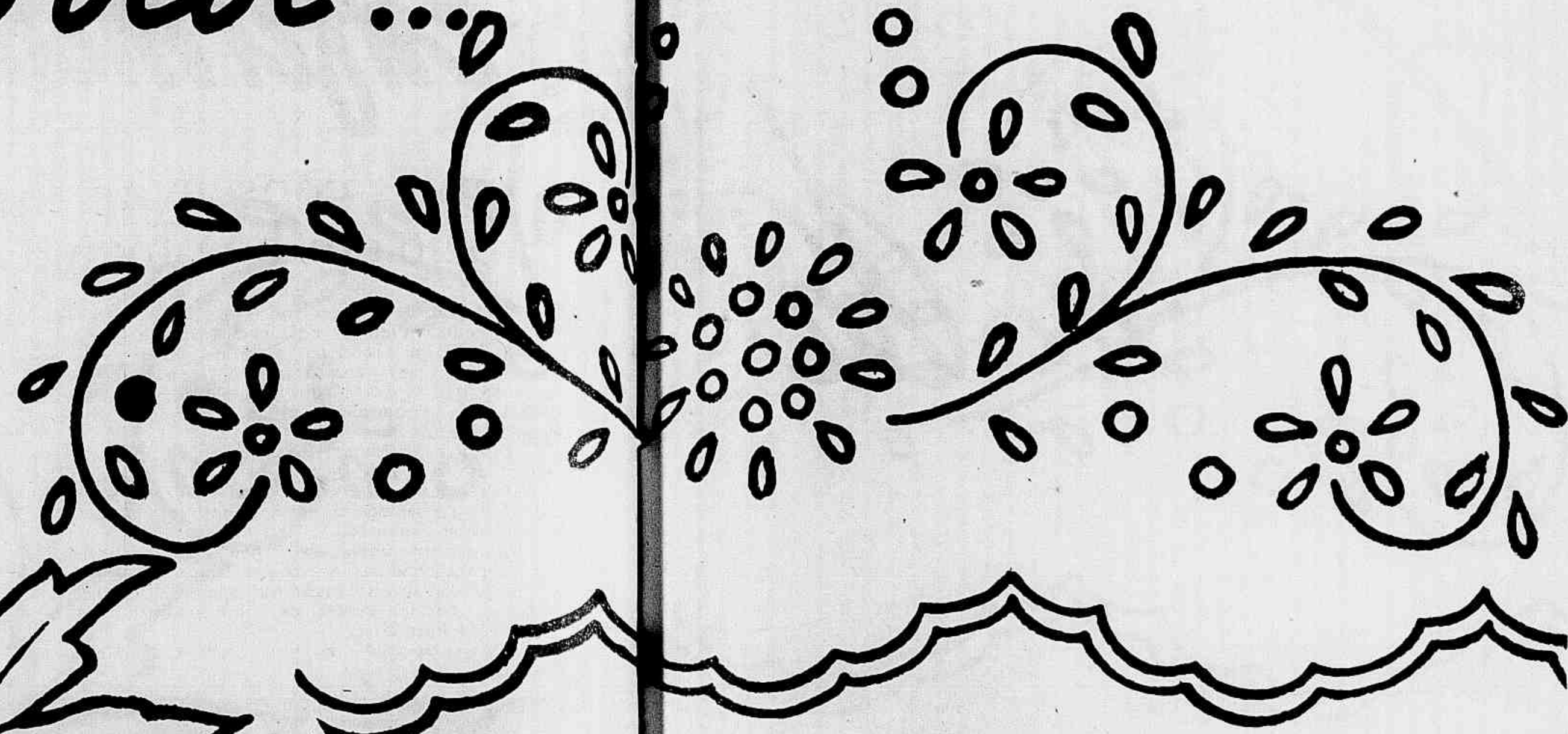


o uso diário da touca "faz cair" ou "mofa os cabelos". É verdade. Mas tudo isso acontece por uma razão muito simples: É QUE NINGUEM LAVA A CABEÇA NO DIA DA FOLGA. Ora, o uso da touca ou chapéu com o cabelo úmido é tão prejudicial como "enrolar-se" o cabelo molhado. Evitem isso e no dia de folga lavem a cabeça BEM LAVADA com um bom "shampoo" enxaguando a primeira vez com água morna. Depois friccionem o couro cabeludo com uma escova dura em movimentos circulares opostos ao do sentido do crescimento do cabelo. Uma boa loção termina o milagre. E escovando UMA SO' VEZ por dia vocês passarão uma semana com uma linda cabeça perfumada e apta a apresentar e a conservar (desde que amarrem a cabeça ao deitar) qualquer dos penteados que vocês consideram encantadores.

As gravuras, à direita, mostram como uma enfermeira resolveu o seu problema e as da esquerda são magníficas sugestões de aventais para o trabalho no hospital.



Para aguardar o bebê...



Para você, futura-mamãe, que, enquanto espera a vinda do pequenino ser que sintetizará o seu mundo, vai, com suas mãos habilidosas, preparando o enxoval do bebê, apresentamos, nestas páginas, alguns riscos próprios para o acolchoado em setim rosa ou azul, para a capinha de flanela e para um painel decorativo. O primeiro deverá ser executado em ponto matizado, o segundo em branco — ponto cheio e de festão, o último, o da pequenina guardadora de patos, em ponto de haste. Há ainda um "bouquet" constituído de raminhos diversos que, executados separadamente, poderão ornar a roupinha de cama do bebê.



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades cinematográficas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quase 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**, Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



USE 3 VEZES
"LEIF"
E TUDO BRILHARA'

LEIF

DÁ
BRILHO



AOS
METAIS

LEIF

ENCERA



ASSOALHOS

LEIF

LUSTRA



MOVEIS

FABRICANTES E DISTRIBUIDORES:
SOCIEDADE COMERCIO E
INDUSTRIAS "LEIF" LTDA.
RUA CANDELARIA, 55-2.
TELEFONE 43-0223

Mão estomago,
má saúde!
As
**PILULAS DE
REUTER**
garantem-lhe a
digestão perfec-
ta e, portanto,
uma vida sadia.

L&K



Desfile de



OS costumes de "faillé" estão em grande moda atualmente assim como as blusas de organza ou de crepe finissimo em geral, enfeitadas com "jabot" ou babados bem franzidinhos. Nos vestidos notam-se as saias agora bem trabalhadas, em oposição ás que se usavam nestes ultimos anos. Assim, as pregas, os franzidos e os recortes estão outra vez em pleno uso. Como cores preponderantes da estação notamos, entre outras, o "havana", o vermelho-cereja, o amarelo-banana e o azul tendendo para o púrpura. Entretanto a moda reflete sempre a época em que vivemos. Por isso nos tempos de guerra os costumes dos povos beligerantes, seus heróis e seus mártires, lançam vestuários e tipos de chapéus, enfeites, fantasias, etc.

Goulart, por exemplo, fixa nesta página alguns modelos mais em voga nos centros da elegancia novayorkina.

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

PELES
RUA DO PASSEIO, 42

Lebelson

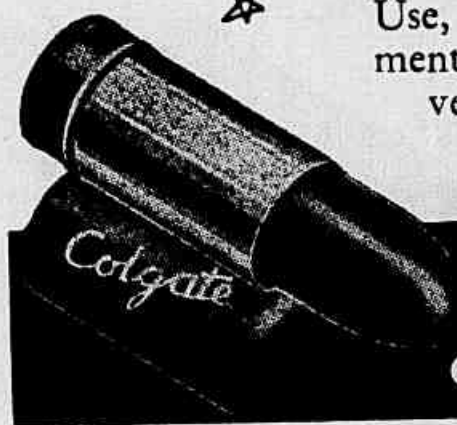
SEMPRE
NOVIDADES
MODAS FONE 22-4617 - RIO

Modelos



...Embelezados com **BATON COLGATE!**

OS homens gostam de lábios que provocam vontade de beijar... Dê aos seus lábios o mágico tom de exotismo tropical com que o Baton Colgate torna seus lábios mais ardentes... mais atraentes e... muito mais *beijáveis*! O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!



**O coração bate...
com BATON COLGATE**

Almanaque Eu Sei Tudo para 1944

Circulará em todo o país em princípios de dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quase 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

Rencarelli

O SOL

VIRA'...



...E essa visão encantadora da Avenida Atlântica sob o sol rutilante que empresta à areia reflexos de ouro.

...E esse calor gostoso do Rio, um calor diferente, envolvente, e que leva a gente (como rimaria Guilherme de Almeida nos seus poemas modernos) a um bom mergulho nas águas verdes de Copacabana.

— Vamos apanhar Jacaré?

— Mas claro, meu bem...

O Tarzan e a sereia desaparecem nas ondas; mas você, leitor amigo, não se assuste: não é preciso nenhum bote salva-vidas para apanhá-los. Ainda não morreram desta vez.

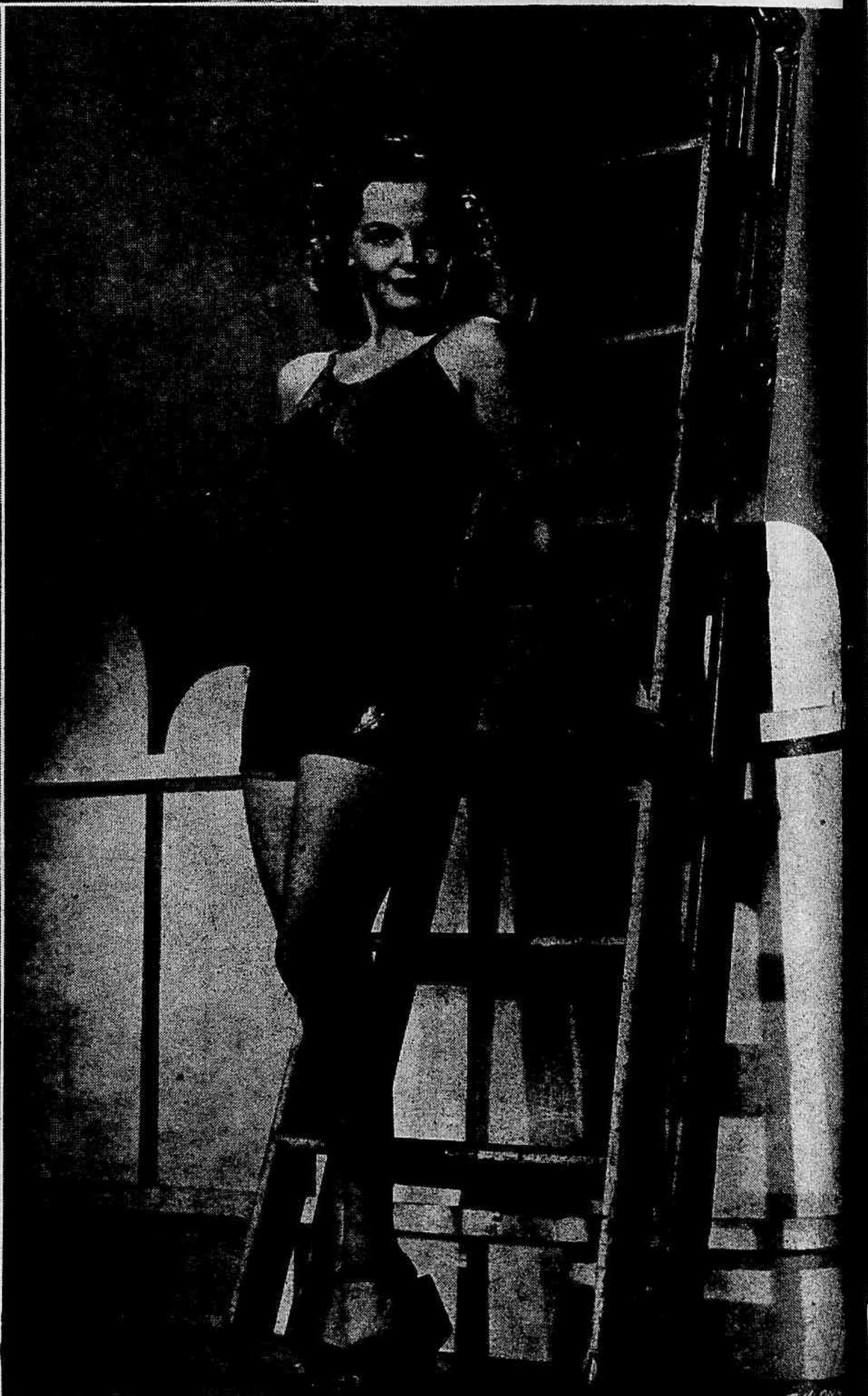
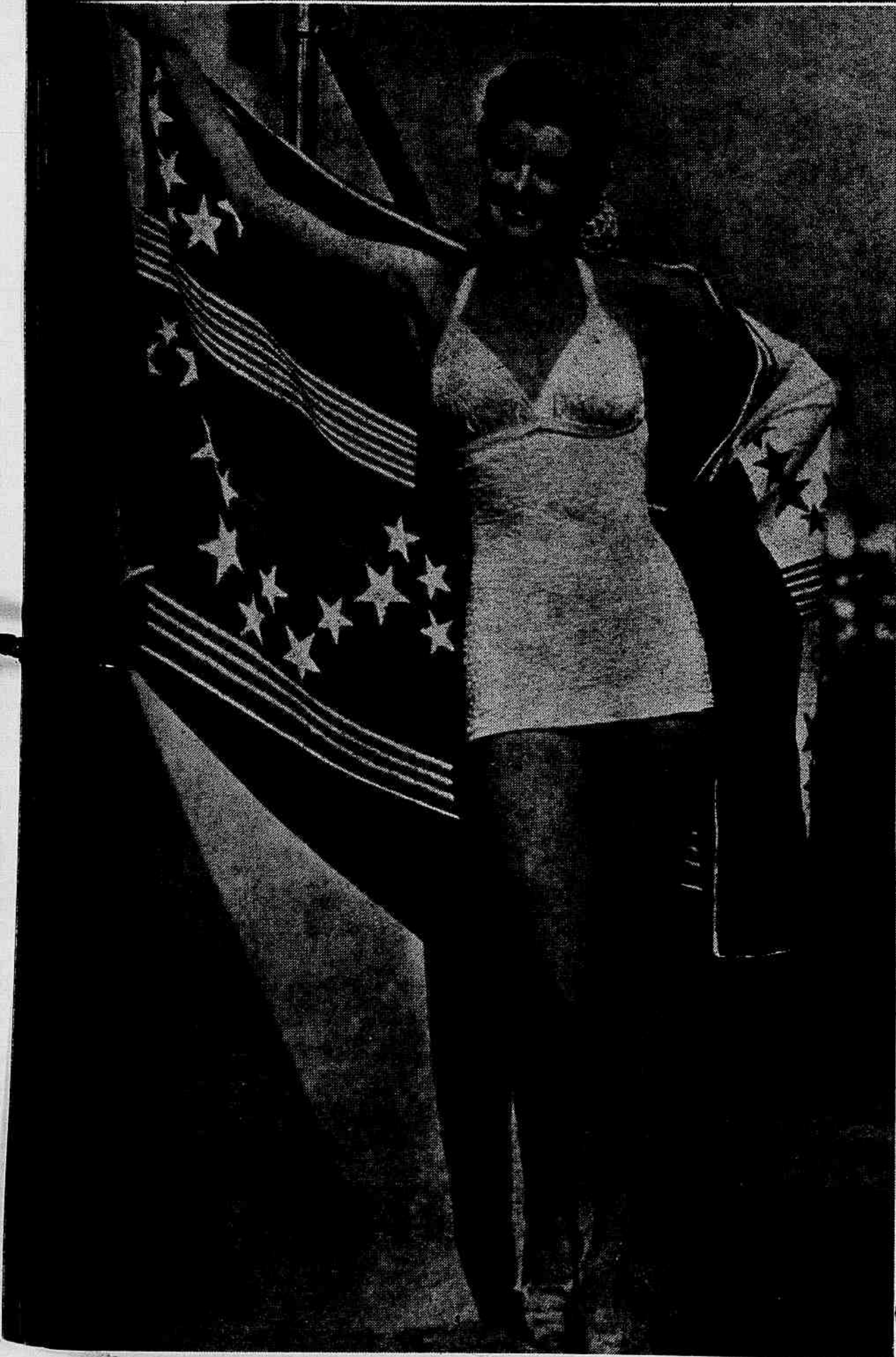
Ao longe o "volley-ball" está animado:

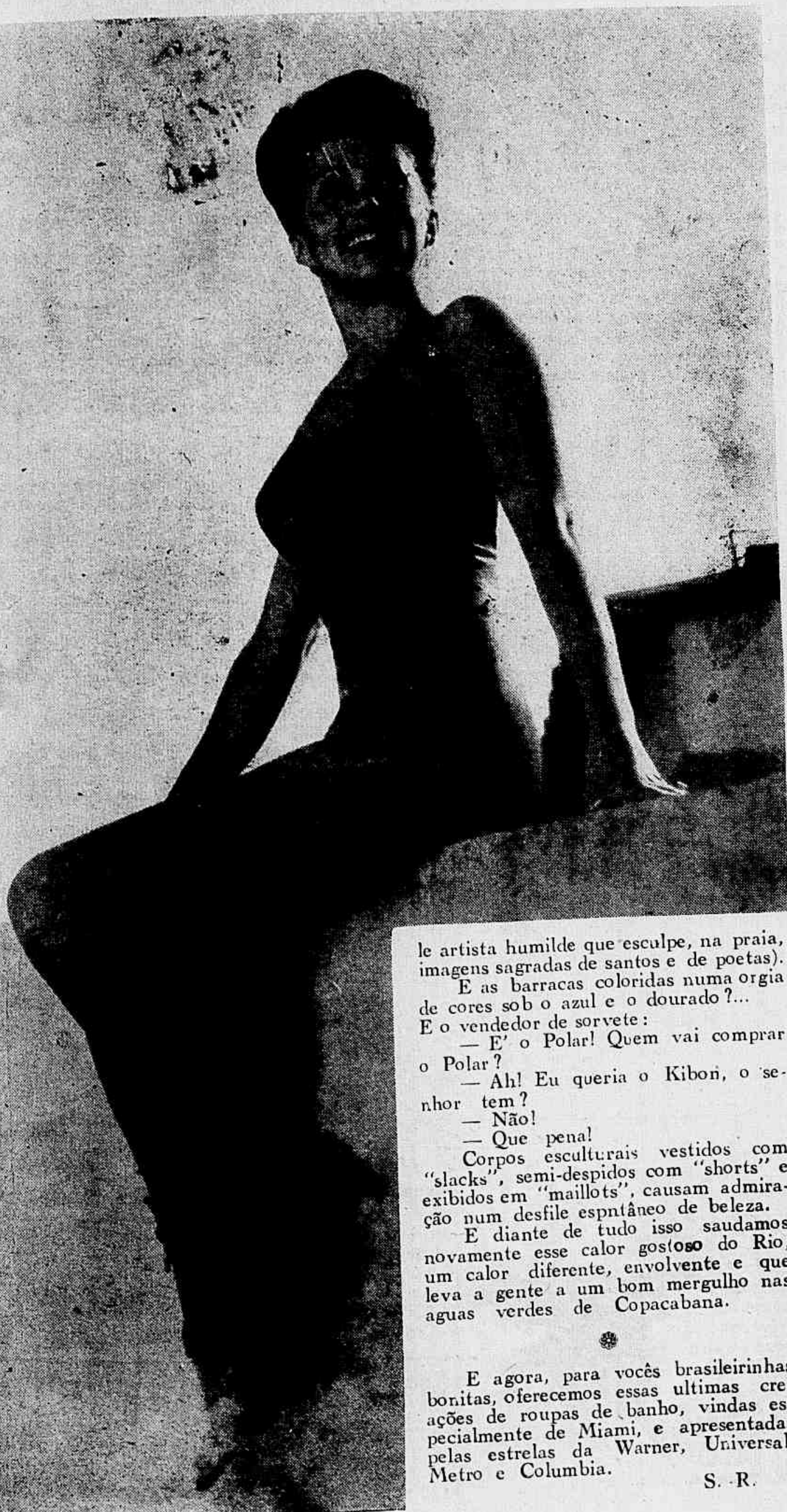
— Vamos, Terezinha, mais uma cortada!

— Mais uma? pensa a amiga que está de reserva: Terezinha já corta tanto!

Crianças, acompanhadas pelas mães, que antigamente eram gordas e simpáticas, e hoje esticam o cabelo, fazem penteados granfinissimos e dieta para emagrecer, procuram conchas e tatuís ou planejam grandes reformas urbanas, na areia.

(Não nos esqueçamos, não nos esqueçamos, lembraria o Drumond de Andrade, à guisa de uma canção daquele.





le artista humilde que esculpe, na praia, imagens sagradas de santos e de poetas).
E as barracas coloridas numa orgia de cores sob o azul e o dourado?...
E o vendedor de sorvete:

— E' o Polar! Quem vai comprar o Polar?

— Ah! Eu queria o Kiboni, o senhor tem?

— Não!

— Que pena!

Corpos esculturais vestidos com "slacks", semi-despidos com "shorts" e exibidos em "maillots", causam admiração num desfile espontâneo de beleza.

E diante de tudo isso saudamos novamente esse calor gostoso do Rio, um calor diferente, envolvente e que leva a gente a um bom mergulho nas águas verdes de Copacabana.

E agora, para vocês brasileiras bonitas, oferecemos essas últimas creações de roupas de banho, vindas especialmente de Miami, e apresentadas pelas estrelas da Warner, Universal, Metro e Columbia.

S. R.



*Não descuideis
da vossa
Beleza*

Rejuvenescei a vossa pele com o **LEITE DE AMENDOAS MENDEL**, o moderno preparado que tem não só o poder de restaurar a vitalidade da

pele, corrigindo as rugas, manchas, pés de galinha, cravos, espinhas, etc., como também de fazer voltar à mesma a cor natural, aveludada, jovem e bela.

De extraordinário efeito, o **LEITE DE AMENDOAS MENDEL** protege a epiderme contra as queimaduras do sol, as rachaduras provocadas pelo frio e intempéries. O produto incomparável para o tratamento da cutis.

**LEITE DE AMENDOAS
MENDEL**

Dist. geral — LEONCITO AMBRAN
Av. Rio Branco, 109-4.º — Telef. 23-3947
Em São Paulo — SANTOS NEVES & CIA.
Rua Liberdade, 443-5.º — Telef. 2-1046

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,**

**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais completo para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE
INDUSTRIA BRASILEIRA

OUTROS RIRAM



— Acabo de ter com minha sogra uma explicação séria.
— Séria de fato?
— Seríssima. Veja só em que estado ela me poz a roupa.



— Não, senhora, o catálogo da casa, deste ano ainda não está pronto; mas, se a senhora tem o do ano passado, basta multiplicar os preços por tres e dá certo.



— Meu bem, os seus olhos são de diamante, os seus lábios de coral, os seus dentes de pérola, os seus cabelos de ouro...

— E a pulseira que você me mandou ontem, de metal muito ordinário...



— Quer dizer que você vendeu tudo o que tinha.
— Só me resta minha mulher e minha sogra. Conhece algum comprador?



— E como perceberam que o Vicente estava louco?

— Porque pagou todas as dividas; deu um beijo na sogra e poz um colarinho duro sem rogar uma só praga.



40 PERGUNTAS

(Continuação da pag. 39)

E' falso. Os novos métodos de parto sem dor só podem ser usados em hospitais modernos com obstetras peritos na matéria.

25 — Se uma gestante deseja com ardor determinado alimento, é importante fazer o impossível para satisfazê-la, visto como se trata duma necessidade física profunda.

E' falso. Raramente se trata dum alimento que não esteja incluído na dieta. Alguns desses desejos são meros caprichos histéricos. Em nenhum caso é essencial que se obtenha ou se faça o alimento imediatamente. Pode-se deixar para o dia seguinte.

26 — Embora o aborto seja ilegal é muito menos perigoso para uma mulher do que ter um filho.

E' falso. O número de mortes por abortos é, em média, cerca de 10 vezes o verificado em partos normais.

27 — As mulheres mais idosas estão mais aptas a ter filhos gêmeos que as jovens.

E' verdade. O nascimento de gêmeos é, por alguma razão, mais frequente nas mulheres acima de trinta e cinco anos. As louras também têm filhos mais frequentemente que as morenas.

28 — Uma mãe não pode ficar grávida enquanto amamenta o seu filhinho.

E' falso. Ha muitos casos registrados em que isso ocorreu.

29 — Vestidos que caíam dos ombros são melhores para uma mulher grávida que os presos pela cintura.

E' certo. Exercem menos pressão sendo mais cômodos.

30 — Se a mãe morre no parto, a criança tem tanta probabilidade de viver como se aquela estivesse viva.

E' falso. A taxa de mortalidade no primeiro ano de vida é, para os órfãos, quatro vezes maior que a taxa normal.

31 — As crianças nascidas de uma mesma mãe com intervalos dum ano são tão aptas a viver como se os intervalos fossem de vários anos.

E' falso. Quando o intervalo entre os nascimentos de duas crianças é menor que dois anos, a taxa de mortalidade infantil é uma e meia vezes mais alta do que se as crianças nascessem mais espaçadas.

32 — As crianças nascidas de pais maduros são mais inteligentes do que as de pais muito jovens.

E' falso. Qualquer vantagem que possa advir à criança por ter pais maduros será depois do nascimento, nunca antes.

33 — Um grande choque sofrido por uma gestante pode marcar seu filho.

E' falso. A teoria da influencia prenatal causando marca no corpo da criança foi completamente destruída pelos médicos.

34 — O leite materno não é melhor para uma criança do que uma boa fórmula.

E' falso. Os médicos acreditam que uma criança amamentada tem muito mais chance de gosar saúde do que o alimentado doutra forma.

35 — Investigações recentes indicam que a época do nascimento aumenta as possibilidades duma criança ser um talento mais tarde.

Talvez. Têm aparecido, no presente ano, artigos a respeito em revistas médicas de valor, mas a realidade ainda não foi estabelecida.

36 — O periodo de fertilidade duma mulher dura menos que quarenta e oito horas em cada mês.

E' certo. Alguns médicos dizem que dura menos de doze horas.

37 — Não afeta a criança que a mãe lactante fume cigarros.

E' verdade. Estudos aparecidos na "American Medical Association Convention" o provam.

38 — Se a dieta duma mulher durante a gravidez é prescrita por um médico, ela tem mais possibilidade de dar à luz uma criança forte.

E' certo. As mulheres com dietas pobres têm partos mais demorados, mais irregularidades, e filhos mais fracos.

39 — Nascem mais crianças de noite que de dia.

E' falso. Só parece verdade, porque nós lembramos mais as vezes em que fomos despertados dramaticamente à noite com tais sucessos do que quando ocorreram durante o dia.

40 — O "quickning" (primeiro sinal de vida que dá o feto) é a primeira prova real de gravidez que uma mulher tem.

E' exato. Ha casos muito excepcionais em que o "quickning" foi sentido por mulheres que se julgavam grávidas e que presumiram mesmo os outros sintomas, inclusive náusea e aumento do abdomen. O "quickning" é geralmente um sentimento subjetivo. Não subjetivas, no entanto, são as indicações dignas de fé obtidas através do teste de Aschleim-Zondek ou desaparecimento das pancadas do coração do feto, que não podem ser imitadas por outras circunstancias.

ABATIDO?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Este abatimento que você sente de quando em quando, é devido à accumulação de toxícos no seu organismo. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de effeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue e evita que você sofra de prisão de ventre e depressão. Mas... Insista no Eno porque só o Eno pôde produzir os resultados do Eno.

'SALDE FRUCTA' ENO



E' um tiro em tais males...

E' nos dias chuvosos e quando a temperatura cai que mais facilmente se verificam os males das vias respiratorias. Bronquites, traqueo-bronquites e as tosses rebeldes ganham incremento e supliciam os que escolheram para suas victimas. E é então quando mais certamente se aconselha o uso do MASTRUÇO CREOSOTADO, produto do Laboratorio Cruz Verde que é um tiro em tais males.

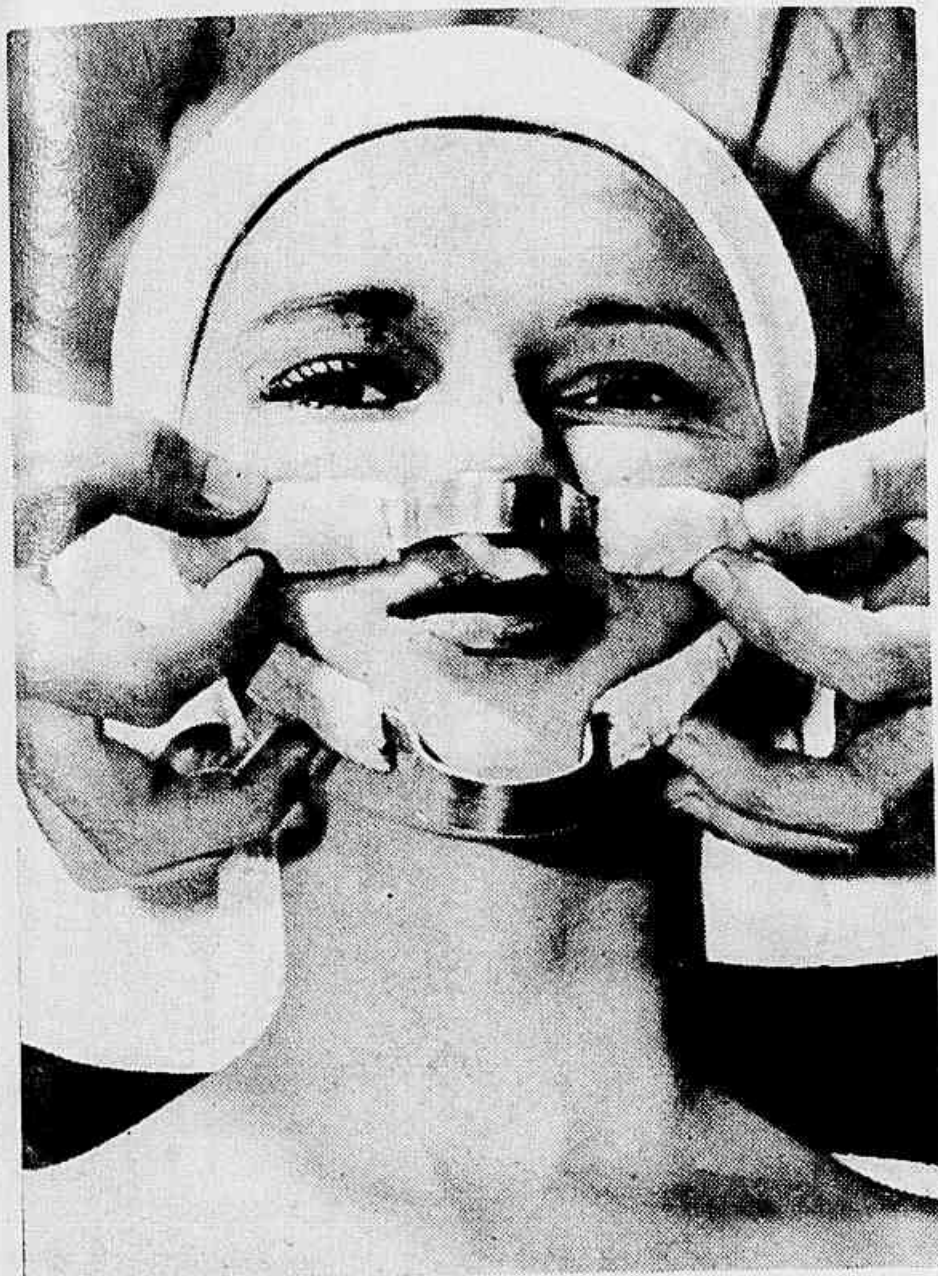
Numeros atrasados desta Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.

Praça João Lisboa, 114 — S. Luiz

Você jamais parecerá bela... se não possuir...

de MARIA LUIZA



UM CABELO BEM CUIDADO. GINGER ROGERS, QUE DISPUTA OSCARES A'S MELHORES ATRIZES DRAMATICAS, E O TITULO DE "A MAIS BEM PENTEADA" A'S "SOPLUSTICATEDS" DE PRIMEIRA LINHA, POSSUE UMA CABELEIREIRA PARTICULAR QUE E' A RESPONSÁVEL POR TODAS ESSAS MARAVILHOSAS "CRIAÇÕES" QUE A LINDA ESTRELA COSTUMA LANÇAR EM CADA UM DE SEUS "FILMS".

UMA PELE PERFEITA E SEM RUGAS

SE VOCÊ NÃO TEM PACIENCIA OU CAPACIDADE PARA TRATAR CONVENIENTEMENTE DE SUA PELE E, POR ESSE OU AQUELE MOTIVO, NÃO PODE RECORRER PERIODICAMENTE A' MASSAGISTA, COMPRE UM DESTES APARELHOS MODERNOS E COLOQUE-O DURANTE MEIA HORA, APÓS A APLICAÇÃO DE UM BOM CREME.

E DENTES PERFEITOS.

VOCÊ SABE QUE FUMAR CONSERVA OS DENTES CLAROS, BRILHANTES E SÃOS? NÃO? POIS EU TAMBEM NÃO SABIA E FIQUEI ADMIRADISSIMA QUANDO OUVI O MEU DENTISTA, UM DOS MAIS COMPETENTES DA CIDADE, DECLARAR HA DIAS: "NUNCA OUVI LENDA MAIS ABSURDA DO QUE ESSA DE QUE O FUMO PREJUDICA OS DENTES. SE TODOS SOUBESSEM COMO, AO CONTRARIO, CLAREIA E FORTALECE A DENTADURA. E A PROVA E' QUE AS MAIS BELAS DENTADURAS EU AS TENHO VISTO NOS MELHORES FUMANTES..."

OLHANDO O BELO SORRISO DE LYNN BARI E O SEU MODO DE SEGURAR O CIGARRO, LEMBREI-ME DO DENTISTA... E NÃO E' ESTA ESTRELA O SIMBOLO DA MULHER ENCANTADORA? LINDOS CABELOS, PELE PERFEITA E O MAIS BELO SORRISO DO MUNDO. "TUDO ISSO E O CE'U TAMBEM" COM UM APAIXONADO QUE VALE OURO...

NÃO E' ESTA A AMBICÃO DE TODAS AS MULHERES?



OS PRIMEIROS CEM PASSOS SÃO OS MAIS DIFÍCEIS



MAIZENA
DURYLEA